

PAULO ROBERTO FALLEIROS HEISE

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA: DOIS ROTEIROS PARA UM
DOCUMENTÁRIO FAMILIAR.

Dissertação apresentada ao Departamento de
Multimeios do Instituto de Artes, da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do título de
Mestre em Multimeios.

Orientador: Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu

CAMPINAS
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

H365h Heise, Paulo Roberto Falleiros.
Histórias de Família: dois roteiros para um documentário familiar / Paulo Roberto Falleiros Heise – Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu.
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Família - Historia. 2. documentário de família. I. Abreu,
Nuno César Pereira de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: “Histories of Family: two scripts for a family documentary”.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Family’s histories ; Family’s documentary.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.

Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

Prof. Dr. Milton Almeida.

Prof. Dr. Francisco Elinaldo Teixeira.

Prof. Dr. José Roberto Zan.

Data da Defesa: 13-08-2008

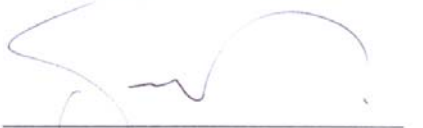
Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

Instituto de Artes Comissão de Pós-Graduação

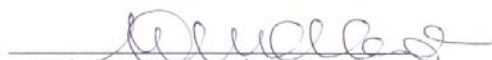
Defesa de Tese de Mestrado em Multimeios, apresentada pelo Mestrando Paulo Roberto Falleiros Heise - RA 050242 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Membro Titular



Prof. Dr. Milton José de Almeida
Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha querida esposa Marina Henrique e ao meu filho Raul Heise pela incomparável paciência durante esse período. Não posso deixar de agradecer ao meu tio Paulo Augusto Heise, que foi quem me forneceu a maior parte desse material, ao Roberto Corte Brilho, o Bombрил, que me forneceu o diário original de meu bisavô e contribuiu com depoimentos esclarecedores. A minha querida avó Maria Isabel pela inspiração e exemplo de vida. Ao meu pai Carlos Eduardo Heise, que desde sempre me despertou a curiosidade sobre a família e a minha mãe Maria Regina Falleiros Heise que me acolheu nos últimos dias de escrita desse trabalho. Não posso deixar de agradecer a Maria Helena pelos memoráveis cafezinhos. Um agradecimento especial para Márcio Marciano que desde o começo esteve ao meu lado me ajudando e que provavelmente sem a sua colaboração este trabalho não existiria.

Por último gostaria de agradecer ao meu orientador pela orientação e inspiração para esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve por finalidade compilar a história de vida de um imigrante alemão de nome Hugo Heise e depois de seu filho Hugo Heise Junior, roteirizando ambas as histórias para filmá-las em formato de documentário. Para isso foram usados vários documentos como cartas, diários, depoimentos de parentes ainda vivos e filmes caseiros que estes e seus familiares produziam. Foram produzidos dois roteiros contando suas histórias de vida.

Palavras-chave: Histórias de família, documentário de família.

ABSTRACT

This work had the purpose to compile the history of a German immigrant Hugo Heise and his son Hugo Heise Junior, turning into scripts both histories to film them in documentary format. It was used several documents as letters, diaries, relatives' depositions from people still alive and home movies that were produced by them and their relatives. Two scripts were produced telling their life histories.

Key-words: Family's histories, family's documentary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CAPÍTULO 1	4
3. CAPÍTULO 2	46
4. BIBLIOGRAFIA	83

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do meu interesse em histórias de vida. Tudo começou há alguns anos atrás, quando recebi de meu tio Paulo Augusto Heise uma enormidade de material relacionado à nossa família. Este material é composto de fotografias, cartas trocadas entre familiares, contratos da casa Hugo Heise & Cia, jornais antigos, balancetes e entre esses materiais, dois me chamaram mais a atenção e que originaram este trabalho. São eles, o livro de memórias de Hugo Heise e de Hugo Heise Junior, o Huguinho, e alguns filmes com cenas do cotidiano da família e de São Paulo da década de 1920 e de 1950.

Ao ler estes manuscritos logo me interessei em organizar este material em um documentário sobre estes dois personagens. O primeiro passo foi organizar os manuscritos para deixá-los em uma ordem cronológica a fim de que a história fosse melhor entendida. Em seguida fui buscar, através de depoimentos gravados com os familiares mais antigos que ainda vivem, mais detalhes sobre estas pessoas e sobre algumas situações em que os manuscritos não eram tão claros; devo destacar que os dois mais importantes e fundamentais foram o de minha avó Maria Isabel e de um primo de meu pai, o Roberto Corte Brilho. Ao mesmo tempo eu me debruçava sobre as fotos a fim de me aproximar mais ainda dos personagens, dos seus jeitos. Com o Hugo Heise Junior, meu avô, ainda cheguei a conviver algum tempo, mas o Hugo Heise, meu bisavô eu não cheguei a conhecer.

Depois de algum tempo me familiarizando com os dois personagens, eu resolvi transformar a história de vida dos dois em duas entrevistas conduzidas por mim mesmo. Tomei a licença poética de me colocar no mesmo recinto que meu bisavô, ele em sua poltrona de couro e eu sentado em sua frente lhe perguntando os fatos de sua vida. O mesmo fiz com meu avô, mais uma vez nos ajeitamos em nossos lugares e a entrevista começa.

A primeira coisa que me salta aos olhos é a semelhança entre alguns padrões de comportamento que ambos carregam e que chego a reparar em mim mesmo. Outro fato muito interessante é ver a maneira como os dois contam os mesmos fatos, por exemplo, quando Huguinho larga os estudos para trabalhar na fábrica do pai. Como é a visão dos fatos de cada um deles.

Outro detalhe bastante interessante são os fatos escolhidos para serem contados, Hugo, o bisavô concentra a sua memória no trabalho, ele interrompe a narrativa cronológica apenas em dois momentos. A morte da mãe e o encontro com a futura esposa. Contada esta parte a história continua, como veremos a seguir, falando do trabalho, de como ele sempre se sacrificou a fim de conquistar os seus objetivos profissionais. Em seu livro, *Lembranças de Velhos*, Ecléa Bosi chama atenção para a questão da divisão do tempo em que as lembranças são relembradas. No seu trabalho ela constata que a infância merece o maior número de lembranças, ficando até difícil chegar à juventude. A juventude passa sem muita preocupação e a idade adulta mais rápida ainda, pouco se detém nessas memórias. “A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro”.¹ Já em suas memórias, Hugo dedica apenas a primeira página e metade da segunda para falar de seus pais e sua infância. A partir desse momento se concentra detalhadamente no seu desenvolvimento profissional. O que no caso de Huguinho, já se aproxima mais daquela maneira, ele narra desde as suas primeiras lembranças e se fixa bastante em sua infância e juventude, porém a questão do trabalho também é nevrálgica em suas memórias, a partir de um determinado momento ele domina a narrativa, sendo intercalado por um ou outro acontecimento.

No mesmo livro, Ecléa fala de dois estudiosos da memória e que acho de grande valia para tentar entender esse processo de formação da memória de Hugo Heise e do seu filho, o que eles escolheram para contar. O primeiro, um sociólogo francês, Maurice Halbwachs, que estudou as relações entre a memória e a história pública, alertando sobre o fato que “A ‘pressão dos preconceitos’ e as ‘preferências da sociedade dos velhos’ podem modelar o seu passado e, na verdade, recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje, são chamados ‘ideológicos’”.²

O outro estudioso, William Stern, olha a memória do ponto de vista rigorosamente psicológico e tem a seguinte citação, extraída de seu livro *Psicología General*, “A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material

¹ BOSI, Ecléa. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUSP. 1987. p.337.

² *Id.*, p.24.

indiferente é descartado, o degradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo”.³

Com essa questão eu me deparei. Ao escrever as entrevistas, procurei ser totalmente fiel aos manuscritos e aos depoimentos das pessoas, mesmo assim me deparei com alguns fatos que resolvi não colocar no material final. Algumas passagens são mal explicadas, dando a impressão que não terminaram de serem contadas, às vezes, inclusive, as páginas estavam cortadas e realmente a história contada não terminava, a fim de evitar confusão e deixar fatos em aberto, o que poderiam parecer devaneios ou mesmo delírios do entrevistado, eu resolvi não colocá-las. Outro, quem sabe até o mais importante, foi um problema que aconteceu na família, um desentendimento entre familiares e que o próprio Hugo se recusa a entrar em mais detalhes em nome da preservação da família. O fato não é nada grave, nada que vá abalar a estrutura familiar de hoje, mas como já aconteceu há bastante tempo e o próprio bisavô não gostaria que fosse perpetuado, eu resolvi tirá-lo do material final. Acho que no fim, fiz exatamente o que Willian Stern citou um pouco antes no texto.

A seguir vão as duas entrevistas.

³ *Id.*, p. 28.

CAPÍTULO 1

*... O retrato não me responde,
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam*

*os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha idéia de família
viajando através da carne.
Carlos Drummond de Andrade.*

No meu quartinho de trabalho, do lado da lavanderia de casa, eu tenho uma parede com várias fotos enquadradas de alguns antepassados. Várias vezes me pego olhando para essas fotos e tentando imaginar “quem” eram essas pessoas, afinal, misturando um pouquinho de cada uma delas eu estou aqui hoje. Chegou até as minhas mãos o livro de memórias de meu bisavô, Hugo Heise, como também o do seu filho, o meu avô Hugo Heise Júnior. Daí surgiu a idéia de fazer este documentário sobre a história de vida do meu bisavô. Com suas memórias na mão, tento estabelecer um diálogo imaginário com ele.

Pergunto a ele como fora a sua infância. Ele se ajeita em sua poltrona de couro, acende seu cachimbo de raiz de roseira e osso de rena, me olha nos olhos e começa a me contar sobre sua infância.

Bom, começarei do começo. Papai, Augusto Heise e mamãe, Dora Heise, se casaram em 1866 e mudaram para Gernheim a.s. Weser – Kreisminden, na Alemanha. Lá, quem sabe até continuando a tradição de vovô que era comerciante, eles tinham um pequeno comércio. Foi ali que nasceram Otto em 1867, eu em 1869, Carl Robert em 1871 e Gustav em 1873. Papai tinha como *hobby*, cultivar rosas. Ele tinha um roseiral com umas quatro mil variedades diferentes além de umas duas mil e quinhentas, três mil roseiras silvestres. Inclusive, entre as enxertadas havia pés de quarenta centímetros até quatro metros de altura, era uma verdadeira arte. Papai era aficionado pelas roseiras. Com o passar do tempo nós fomos crescendo e papai, preocupado com

a nossa educação, mudou com a família toda para Gottingen em julho de 1876, assim poderíamos freqüentar escolas melhores por lá. Era verão quando chegamos.

E as rosas? Foram juntas?

Sim, claro, papai levou-as todas, ele nutria uma verdadeira paixão pelas rosas. Demo-nos conta do tamanho dessa paixão, quando no inverno daquele ano ele perdeu quase todas as rosas, elas ainda não estavam aclimatadas e o espaço ainda era precário. Papai ficou arrasado.

Que triste; bom, em Gottingen qual era o trabalho dos seus pais?

Lá, papai comprou uma hospedaria com salão-restaurante. O negócio decolou quando no ano seguinte, papai comprou uma espécie de pianola, um instrumento servido de carretéis com bonitas partituras. Entre elas tinha a valsa “O poeta e o camponês”, *jubelouverture* e muitas outras músicas. Fazia-se então um bom movimento de cerveja e tínhamos um bom lucro. O dinheiro que entrava, papai investia em reformas na casa e no restaurante. Papai e mamãe sempre viveram muito modestamente, eles se preocupavam em gastar com a nossa educação e fazer alguma reserva. Nós vivíamos com muita parcimônia, somente duas vezes por semana nós tínhamos carne na mesa, aliás, como todas as famílias simples ou remediadas da época. Eu acho que a nossa boa saúde vem dessa vida modesta e parcimoniosa que tivemos na juventude. Ainda, nos domingos os filhos mais velhos auxiliavam no restaurante e por cada marco faturado recebíamos um *pfennig*, que é mais ou menos um centavo do marco, como remuneração do trabalho. Aquilo nos deixava muito felizes.

Vocês foram para Gottingen para freqüentar escolas melhores...

Sim, sim, lá eu cursei o primário e depois o ginásio. Otto, meu irmão mais velho, ia muito bem nos estudos, ele era muito inteligente. Eu já não ia tão bem assim, tinha muita dificuldade com o francês, latim e a boa e velha matemática. O engraçado é que essas matérias me perseguiram por um bom tempo, já no curso de comércio ainda tinha que continuar com o estudo dessas matérias. Foi lá em Gottingen que nasceram as minhas irmãs Adele e Bertha e um irmão, Paul. Foi lá também que em 1882, mamãe adoeceu com reumatismo e nunca mais ficou boa. Sabe, sempre que me lembro dessa época de juventude, eu lembro o quanto papai e mamãe se preocuparam conosco. Os conselhos que eles nos davam, mamãe principalmente, ela era uma boa alma... Papai também nunca deixou de nos aconselhar, por exemplo, ele sempre nos dizia “quando um dia pensarem em se casar, vejam que a moça descenda de família saudável, mais

importante do que o dinheiro. Vocês felizmente têm bom sangue!”. Tem outro conselho que nunca me esqueci e que precisei aplicá-lo mais tarde na minha vida profissional, “se na vida, algum dia, você chegar a ser alguém e então sofrer um revés e seu nome ficar em jogo, resguarde o nome em primeiro lugar”. Papai era um homem muito íntegro.

Que bacana, e o que lhe levou a optar pelo comércio como meio de vida? Estava seguindo a tradição da família?

(Risos) Não, ou não sei, só sei que definitivamente não sentia possibilidade de fazer o curso superior e como já sentia uma vontade de me encaminhar para o comércio, pedi para papai que me liberasse do ginásio e em cinco de junho de 1844 eu ingressei no aprendizado da firma *G.W. Zinemann Fustkorn Grube* ali mesmo em Gottingen.

E como era o trabalho de aprendiz?

Bom, nós éramos cinco empregados, dois aprendizes e um trabalhador braçal, esse último tinha uma carroça e com ela fazia a entrega do material vendido. O período do aprendizado durava quatro anos. Nos dois primeiros o aprendiz era empregado nos serviços de balcão, na limpeza dos mostruários, entregas de pequenos pacotes e a cada seis meses precisava providenciar a entrega das contas na cidade e nas aldeias vizinhas. Aos lugarejos mais distantes ia o sócio Grube que também fazia as cobranças, o que tomava dele de dois a três dias por semana, saindo entre cinco e seis horas da manhã e voltando geralmente às nove horas da noite. Visitava de duas a três aldeias por dia, sempre a pé, pois veículos para isso ele não tinha. Isso tudo em um período de um mês.

O trabalho começava às sete horas da manhã, não importava se era verão ou inverno. O almoço era das doze horas até as treze horas, às quinze horas tínhamos o café-lanche e às dezenove horas era o jantar. As vendas eram encerradas às vinte horas. Aos domingos a loja funcionava das oito às dezessete horas. Aos domingos os moradores de aldeias vizinhas enchiam os nossos balcões.

A loja vendia ferro para construções de até trinta centímetros de perfil e trilhos velhos de estrada de ferro, que eram fornecidos em vários comprimentos. Naquela época, não tinha serra para cortar os ferros, os cortes eram feitos por grupos de dois a três homens que se revezavam com os martelos de corte. A firma também comprava ferro velho e pagava por libra. O ferro batido era comprado por um *pfennig* e o ferro fundido de um e meio a dois *pfennig*. A cada seis

meses vinham interessados e o trabalho de carregamento era o mais sujo que se podia imaginar, poeira de ferro velho enferrujado. Tive assim um trabalho muito duro durante os quatro anos em que lá fiquei, o que me causou uma curvatura nas costas, que depois perdi no serviço militar.

Esses quatro anos se passaram sem nenhuma remuneração. No natal do primeiro ano nós ganhávamos um tecido para fazer uma calça. No segundo ano, o tecido dava para fazer uma calça e um colete, no terceiro ano para paletó e colete e no quarto ano o tecido dava para fazer um terno completo. E isso era tudo.

A cada quinze dias eu tinha um domingo de folga. Então aproveitava para passar o dia na casa de meus pais, mamãe, que já vinha padecendo muito com a doença, adorava a minha presença.

E o senhor terminou o período de aprendizado em maio de 1888?

Sim, no final de maio fui para a casa me despedir, porque já no começo de junho eu ingressaria na *Lippe Detmold*, em Lengo. Foi meu primeiro emprego, o salário era de quatrocentos marcos anuais livres. Porém, em pouco tempo esse salário ficou apertado e eu tive que procurar outro emprego. Assim, em outubro de 88 eu fui parar na *Z. Vops Stendel*. Ali, o chefe da firma me influenciava muito no sentido de eu entrar no exército. O que no ano seguinte acabei fazendo.

O senhor se alistou no exército?

Sim, no dia primeiro de outubro de 1889 ingressei como voluntário na *Leib Escadron Regto. des Gardes du Corps*. Como tínhamos ingressado como voluntários, eu e mais trinta e oito homens, nós ganhamos os dois primeiros dias de folga. No terceiro dia nos apresentamos aos graduados. Na mesma tarde fomos postos em círculo por um dos sargentos para que nós recebêssemos os nossos números de matrícula e os dois uniformes que nos eram de direito. O sargento começou a chamar as pessoas pelas profissões que elas exerciam antes de irem para o exército, então começou pelos criados, depois os trabalhadores, sapateiros, alfaiates, marceneiros e assim por diante até chegar em mim, no comerciário. Os uniformes melhores eram distribuídos nessa ordem, os criados recebiam uniformes melhores que os trabalhadores que recebiam melhores que os sapateiros e assim até o fim. A mim coube o número 57, que nos três anos anteriores havia pertencido a um tal de Muller, que por cento e tanto dias tinha sido preso. Eu sabia que pelo regulamento militar eu tinha direito a um uniforme novo e um em boas condições,

mas os que me foram entregues estavam em condições tais que nem o mais miserável dos pobretões iria usar. O encarregado pretendia era fornecer esses uniformes e ficar com os novos para vendê-los e embolsar uns bons cobres. Assim, em seguida, determinou a todos que se apresentassem para a compra de um uniforme novo. Eu simplesmente não me apresentei. Nova chamada e novamente não atendi. Às quatro horas da tarde deveríamos nos apresentar no pátio do quartel. Finalmente, vinte minutos antes das quatro, mandou-me esse encarregado um uniforme novo. O que esse uniforme me custou ninguém pode imaginar. Durante os três anos de serviço eu padeci um bocado. Nunca, até então, eu havia montado um animal. O que levei de tombos durante os três anos é fácil de imaginar. Mais de cem. Precisava correr junto ao animal e então montar. Sob qualquer pretexto tinha que ficar lavando as cocheiras. Sempre me eram destinados os piores serviços. Eu recebia sempre os cavalos mais bravos, sabendo o capitão que não teria condição de me manter em cima. Finalmente eu andava tão revoltado com tudo que, um dia, quando o major Londe Assebevig me fez uma observação, eu o olhei de tal modo que ele me disse assim, “esse merda me olha como se quisesse me perfurar”. Nunca teria chegado a estafeta, por implicância do capitão da guarda, não fosse ele precisar pela boa letra que eu tinha e pelos meus conhecimentos de correspondência. Apesar de ter começado muito mal e tendo sido bastante perseguido, no final do período minha situação era bastante boa, tendo ficado os últimos meses na administração, e como a minha letra era bastante boa acabei ficando como escriturário. Quando me retirei do serviço fui um dos cinco homens a ser promovido ao posto de sargento e o único que mereceu um cumprimento especial do comandante com votos de felicidades para o futuro. Ainda me lembro o dia da partida, eram onze horas da noite e fomos todos para a estação onde pegaríamos o expresso para Berlin. Foi um espetáculo bonito, pois estavam na estação, igualmente aguardando embarque, soldados das várias armas, infantaria, cavalaria, artilharia, batalhão de engenharia, *corps du gard*, *husaren*, todos eles com seus respectivos uniformes, deixando a estação com um aspecto festivo muito colorido. Logo depois que terminei o serviço militar mamãe faleceu.

Pois é, sua mãe já padecia com problemas graves de saúde, não?

Mamãe tinha estado acamada com reumatismo durante anos e submetida aos métodos que se conhecia para a cura. Por essa época ainda não se conheciam meios mais eficazes de tratamento e os pobres doentes tinham que sofrer muito. Assim mesmo, já se conheciam os

banhos russos e os *Soolbader* em Sooden a.d.Werra e assim, em 88, pode minha mãe conhecer uma boa melhora com banhos de formiga. Esses banhos eram preparados com ninhos completos de formigas que eram encontrados em quantidade nos bosques de pinheiros junto às raízes. Eles eram tirados com terra e tudo e postos em sacos de aniagem, depois, se cozinhava esta mistura e o resultado final era posto em uma banheira de zinco com a água mais quente e suportável possível. Após algumas semanas, começou minha mãe novamente a andar e logo mais conseguiu inclusive subir escadas sem qualquer auxílio. O que ninguém esperava era o inverno seguinte, que de tão rigoroso fez com que os males voltassem, apesar de todos os cuidados dispensados, e aí não teve mais jeito. Em 1891 diversos médicos da Universidade de Gottingen chegaram a Reinhausen e desejaram examinar minha mãe, com o que ela rapidamente concordou. Chegaram a conclusão que mediante uma cirurgia poderiam obter êxito, pois se tratava de um amolecimento ósseo. Assim, a desejo dos médicos, mamãe foi internada em uma clínica em Gottingen. Ela foi operada, mas após oito dias veio a falecer, sem ter podido voltar a falar. Meu irmão Robert esteve com ela durante todo esse tempo, e por isso, teve que encerrar seu trabalho manual em mecânica de precisão, tendo em seguida decidido ser pastor protestante, na época ele tinha os seus vinte anos de idade. O que me impressionava era que durante todo o período em que esteve doente mesmo sofrendo bastante, ela cuidava diariamente do movimento da hospedaria-restaurante, da cozinha dando as ordens e determinações necessárias e de tempos em tempos ela mandava vir toda a roupa, que não era pouca, da hospedaria e do restaurante e inventariava tudo. Mamãe era muito forte.

E foi depois desse acontecimento que o senhor resolveu viajar pela Europa?

Não, já era sabido de todos, o meu desejo de deixar a Alemanha, eu inclusive já havia me correspondido com uma firma na Geórgia, Estados Unidos. E um pouco antes de terminar o meu serviço militar, o tenente Oscar Fehr, que era o tenente do nosso esquadrão, foi removido a Paris como adido militar na nossa embaixada. Como ele também já sabia do meu desejo de conhecer outros lugares ele me interpelou sobre o assunto, querendo saber se eu gostaria de acompanhá-lo a Paris. Imediatamente me manifestei favorável à idéia. Eu acho que herdei de papai esse desejo de conhecer outros lugares. Em princípios de 1860, papai com trinta anos e solteiro tinha desejado viajar para os Estados Unidos, chegou inclusive a providenciar um caixão de um metro por um metro por dois metros, no qual pretendia carregar toda a sua mudança. Ele tinha

aprendido a fotografar, naquela época a fotografia estava apenas nascendo, daí o desejo de ir para a América e fazer fortuna como fotógrafo. Porém, a vida lhe apresentou outros planos. Papai dizia sempre que trabalhar não é vergonha, sendo indiferente o trabalho escolhido, contanto que fosse honesto. Voltando ao tenente. O tenente Fehr desejava que eu seguisse como ordenança dele, ainda que em traje civil. Isso não me agradou, pois queria o quanto antes ser um homem livre e aquela posição não me daria essa liberdade. Chegamos a um acordo, ficaria como serviçal e receberia um salário de cento e cinquenta francos e moradia, ficando todo o resto por minha conta. A minha preocupação era aprender o francês. Isso, entretanto, requeria uma grande ginástica. Passei então, somente a almoçar. A noite fazia um sanduíche, pão com manteiga e vez ou outra uma fatia de queijo ou um pedaço de lingüiça. Em uma pequena espiriteira eu fazia um chá ou um chocolate. Durante o serviço militar eu pesava noventa e três quilos e com a alimentação nova eu passei a perder peso chegando aos oitenta e três quilos, mesmo assim continuava a me sentir muito bem. Com o tempo passei a falar fluentemente o francês; uma vez até passei por francês em uma viagem a Normandia. Quando cheguei a Paris, a única palavra que conhecia era *obliger* e mesmo assim não sabia o significado. O aprendizado me custou muito esforço e dedicação. Com freqüência eu me deitava de noite pensando no futuro, eu sempre quis progredir na vida e não ficar como copeiro. Depois de decorrido um ano, fui servir ao conselheiro da embaixada, passei a ser o secretário do Conde E. Von Arco Valley, um homem muito bom, simples e gentil com qualquer pessoa. Tratava seus empregados com toda a consideração e igualdade. E note-se que era um dos homens mais ricos da Alemanha. Logo no começo da minha nova função, o conde seguiu para uma de suas propriedades na Hungria e deu-me a escolha de seguir com ele ou tirar uma licença de duas semanas para viajar para a minha casa. Segui via Strasburg para a Basiléia onde, nas vizinhanças de S. Chrischona, fui visitar o mano Robert. Depois segui, via Suttgart, para a casa de meus pais. Duas semanas depois estava eu de volta a Paris. Eu estava levando uma vida muito boa, mas pensava muito no meu futuro e por isso em agosto de 1894 eu pedi demissão, na época estava com uma economia de mil e quatrocentos francos. Como último trabalho me foi oferecido levar o cavalo do adido militar até Potsdam, a viagem toda paga mais uma remuneração de cem marcos.

Saindo de Paris, veio Londres, porque dessa decisão?

Londres não era a minha primeira opção. Quando eu ainda estava em Paris consegui com um conhecido em Gottingen o endereço de meu antigo colega de aprendizado, Beckman, que se encontrava em São Paulo. Escrevi-lhe e disse de minha idéia de viajar para o Brasil. Em resposta ele me desaconselhou a ir para São Paulo, pois a situação não era nada boa. Entretanto a idéia de ir para o Brasil já não saía mais da minha cabeça, o que não agradava o meu pai, que desejava ter-me por perto se um dia viesse a adoecer, pois já estava com sessenta e quatro anos nessa ocasião. Sugeri que pensasse na Rússia, Inglaterra ou mesmo em voltar para a França. Foi quando me decidi pela Inglaterra.

E como foram os dias de Inglaterra?

Eu viajei para a Inglaterra em março de 1895. Fui via Holanda, Amsterdam e Rotterdam, pois queria aproveitar para conhecer de perto as famosas tulipas que lá aconteciam tão bem. Aproveitei também para visitar o zoológico de Amsterdam, na época um dos melhores do mundo. De Amsterdam viajei por mar para Harwich, Inglaterra, e de lá peguei um trem para Londres. Meu primeiro almoço em Londres, ovos com presunto, torradas com manteiga e chá. Na minha frente achava-se sentado um inglês muito bem apessoado que falava alemão, ele me perguntou para onde desejava ir. Expliquei-lhe que a finalidade de minha viagem era aprender o inglês, mas não sabia para onde me dirigir. Ele era uma boa pessoa e me sugeriu ir para a Associação Cristã de Moços, e me deu o endereço de lá. Eram hotéis muito modestos que a Associação mantinha, muito bem dirigidos e por preços razoáveis para moços que se achavam empregados no comércio e também serviçais de qualidade que trabalhavam na Riviera ou no norte e que dominavam quatro até cinco idiomas. Somente homens eram admitidos nesses hotéis e o trato era bom.

Como não tinha tempo a perder, procurei as pessoas que me pareciam mais bacanas e me informei sobre quem eu deveria procurar para falar dos meus conhecimentos. Logo constatei a dificuldade em conseguir emprego em alguma casa comercial, pois meus conhecimentos em inglês eram praticamente nulos. Havia em Londres escritórios intermediários onde, mediante pagamento de uma libra, se conseguia emprego; o problema desses lugares é que às vezes demorava dias para aparecer alguma coisa. Não me faltou paciência e fiquei na expectativa. Como tinha muito tempo livre, aproveitei para conhecer a cidade. Finalmente consegui um emprego de garçom no *Masons Private Hotel*, que ficava nas vizinhanças do *Hyde Park*. Uma situação muito boa. Depois de três meses eu já estava falando alguma coisa de inglês. Foi-me

oferecida uma outra colocação, mas optei pela de garçom no *Saint James Hotel*, que um conhecido me indicara para substituir um empregado que havia adoecido. Passado algum tempo, o empregado adoecido melhorou e voltou para reassumir o seu posto. Na minha saída, a senhora do proprietário do hotel disse-me que ficasse, pois ela tencionava me promover a gerente. Fiquei lisonjeado e agradecido pelo convite, mas respondi a ela que não me interessava, pois não me considerava apto para um cargo assim e depois também, nunca passou pela minha cabeça em ser hoteleiro.

Começava já a me cansar de procurar coisa melhor, mas nada aparecia. Um belo dia, estava eu passeando no *Hyde Park* quando fui abordado por um jovem alemão que me perguntou se estava interessado em trabalhar em uma companhia teatral. Teria que trabalhar das dezoito horas em diante, o dia eu teria livre para estudar. Eu topei a empreitada e me apresentei no teatro. O trabalho consistia em, juntamente com um colega, fixar um fino cabo de aço, que ficava invisível para a platéia, elevando assim as bailarinas que voavam no palco de um lado para outro, às vezes mais alto, outras vezes mais baixo. Um trabalho muito simples. A trupe que apresentava era de um casal de alemães e tinha ainda oito bailarinas, a maioria russas, que trabalhavam junto. Para todo o pessoal havia sido alugado um sobrado. No segundo andar dormiam as mulheres e no térreo os homens. Para o pessoal de cima havia uma cozinha. Os homens preparavam a sua própria comida. Com o tempo passei também a representar naquele que na época era o maior teatro de Londres, com lotação para oito mil pessoas. No natal de 1895 nós apresentamos a peça *Gata Borradeira* e foi o maior sucesso. A companhia passou a trabalhar no Teatro Alhambra. Durante o dia eu aproveitava sempre para estudar inglês com o livro didático de *Toussaint-Langescheidt*. Freqüentava também muito o *Hyde Park*, onde constantemente havia comícios e eu aproveitava para ir aperfeiçoando o ouvido. Onze meses eu vivi em Londres, o que me assegurou meus conhecimentos da língua inglesa para o resto de minha vida. Foi duro, mas valeu a pena.

Depois desses onze meses, finalmente o Brasil?

Antes de voltar para casa eu precisava pensar bem no que dizer a meu pai para convencê-lo a deixar-me partir para o Brasil. Que meu pai gostaria que eu ficasse na Europa ele já havia dito várias vezes. Quando me interpelou a respeito, disse-lhe que tinha conseguido amealhar umas economias e que com mais um empréstimo de uns mil a dois mil marcos eu poderia me

estabelecer, o que seria o único jeito de concordar em ficar na Alemanha. E aí então ele perguntou o que pretendia em seguida, quando o negócio estivesse correndo bem. Disse-lhe que teria planos então para me casar. Ele me respondeu, você, com vinte e seis anos, já pensando em casar? Casei-me com trinta e sete e nunca achei que tivesse sido tarde, pois aí estão vocês, oito filhos, quase todos crescidos e encaminhados. Não, meu filho, se é assim prefiro que vá para a América do Sul, África, China ou para o fim do mundo, mas prometa que não se casará antes dos trinta. Prometi-lhe e ainda no mesmo dia escrevi para Hamburgo pedindo a lista de saída de vapores para a América do Sul. Quando finalmente me casei já estava com trinta e três anos, e quando meu pai faleceu, em 1900, eu continuava cumprindo minha promessa.

Então estamos em 1896 e como foi a viagem para o Brasil?

Sim, o navio que eu escolhi para a travessia do atlântico foi o *Tijuca*. A passagem de terceira classe me custou cento e vinte e cinco marcos, e cada passageiro tinha que ter o seu próprio talher e prato de zinco.

Tivemos que estar a bordo na noite da véspera, e quando acordamos, na manhã de quinze de abril, já estávamos a boa distância de Hamburgo. O navio havia partido às duas horas da manhã. Entre os passageiros da terceira classe havia cerca de duzentos alemães, entre esses, oito com menos de trinta anos. O restante dos passageiros da terceira classe eram famílias de várias nacionalidades, mas principalmente poloneses que se destinavam ao Paraná. Era uma gente sem nenhum asseio, e quando fazia mau tempo, era aquela fedentina, pois todas as escotilhas do navio eram fechadas. Muitos de nós já no primeiro dia de viagem fomos pedir ao comandante uma providência para uma separação, pois assim teríamos inclusive maior segurança contra roubo de nossas bagagens, se bem que com gente tão pobre nada quase havia que valesse a pena roubar. A comida era bem ruim. Dois ou três dias da semana havia bacalhau e nos outros dois ou três dias, batatas cozidas com casca. Todos sabem do cheiro que essas coisas provocam na cozinha. Era um horror! Para os da terceira classe a água de beber era racionada. Ao chegar a Lisboa, após oito dias de viagem, estávamos com tanta fome que compramos em sociedade um presunto, do qual cada um recebia uma fatia por dia. Providenciamos em uma padaria o pão para acompanhar o presunto. Quando nossa iguaria terminou já estávamos nos aproximando de Pernambuco. Das instalações sanitárias para a terceira classe não se pode nem falar. Simplesmente indescritíveis! Instalações para banho não havia. Nada havia a bordo que tornasse a viagem um pouco mais

amena ou um pouco mais agradável. Para se ter uma idéia, para nós da terceira classe não havia bancos nem cadeiras para sentar, tínhamos que ficar sentados no chão. Ficamos felizes quando chegamos a Recife e lá ficamos três dias para a descarga e carga de mercadorias, tendo o navio ficado ao largo da costa. Instalações de portos não havia no Brasil. O transporte de passageiros e cargas era feito com embarcações próprias. Como era tudo ainda tão atrasado no Brasil! Hoje, já se pode comparar as cidades brasileiras com grandes cidades da Europa. Um dos nossos a bordo, de nome Thompson, era o nosso guia. Ele já havia estado há muitos anos no Rio. De Pernambuco seguimos para a Bahia, onde novamente ficamos alguns dias para em seguida viajar para o Rio. No Rio tudo era pitoresco, com as velhas casas todas em estilo colonial, muitas delas com as frentes em azulejos coloridos. As ruas eram bem estreitas e muito calçadas.

E como foi a chegada em São Paulo?

Finalmente a treze de maio chegamos ao porto de Santos. Era um feriado, a cidade comemorava a libertação dos escravos e por isso não podemos seguir para São Paulo, pois não havia trem. Aos domingos e feriados só corria um trem entre São Paulo e o Alto da Serra e vice-versa. Nesses dias não havia ligação com a cidade de Santos. Chovia muito nesse dia e continuou assim até o dia seguinte na hora do almoço. Quando o relógio da estação marcou quatro horas da tarde, nosso trem partiu para São Paulo, era o dia quatorze de maio. Cheguei a São Paulo às sete horas da noite. Viajava no trem um alemão, e perguntei-lhe se conhecia em São Paulo uma rua chamada Caixa do Correio. Disse que não conhecia. Eu tinha recebido de Beckman uma carta em que havia impresso esses dizeres e assim achei que se tratasse do endereço, do nome da rua. Já havia escrito a Beckman da Alemanha tão logo havia marcado a viagem pelo *Tijuca*, pedindo que me aguardasse na estação no dia de minha chegada, coisa para a qual já tinha se prontificado tão logo me decidisse a vir. A atual Estação da Luz somente foi inaugurada em 1900 e, quando de minha chegada em 1896, havia ainda uma antiga estação feia e triste, em cujo leito os trilhos ficavam no nível da Rua da Estação, como era chamada. Hoje Rua Mauá. Da estação seguimos para a Rua dos Andradas. Lá chegamos a uma casa, espécie de albergue, que chamavam de hotel. Aluguei um quarto que me custaria 45\$000 por mês, incluindo a pensão. O nome da família dona desse hotel era Hutter, eram austríacos. O piso do meu quarto, que ficava no quintal, era de terra batida, não tinha assoalho. No quarto não tinham móveis, e assim logo no dia seguinte comprei

uma cama de vento. A comida era alemã e bem ao meu paladar. A dona era uma viúva e o genro um beberrão.

Agora o senhor estava em São Paulo e instalado, com foi daí em diante?

No primeiro dia fiquei em casa, mas já no dia seguinte sai para um reconhecimento e a procura de trabalho. As primeiras firmas que procurei foram *Lidgerwood, Lipton, São Paulo Railway e Rathsam*, mas nada consegui. Meu dinheiro minguava de dia para dia e assim já havia me conformado em procurar qualquer coisa, mesmo sem ser no comércio, já estava topando trabalhos domésticos ou coisas parecidas. Passados dez dias, Beckman me deu uma recomendação para procurar qualquer coisa na firma *Herm Theil*, na Rua Libero Badaró. Consegui um lugar para ganhar 200\$000 por mês, a partir do primeiro de junho. Estava tão feliz ao não me ver na calçada e só imaginava que bem poderiam me contratar por alguns anos com esse *ordenadão*! Qual o meu espanto quando, no fim de junho, em vez dos 200\$000, recebi um envelope com 250\$000, que era pela aplicação em serviço. O chefe Hermann Theil, era homem de seus quarenta anos. A loja situava-se na Rua Libero Badaró, onde é hoje a Praça do Patriarca. Na ocasião, a Rua Libero Badaró mais para o lado da Avenida São João, era zona de meretrício. Na loja havia três empregados e um aprendiz. O sortimento era grande. Canos e conexões de ferro galvanizado, torneiras, registros, rebites, chapas pretas e de ferro galvanizado, lampiões de vários tipos para gás e petróleo. O movimento era bom. Em toda a cidade de São Paulo penso que, na época, não se vendiam mais do que umas cem instalações anuais. Começavam a surgir as primeiras privadas tipo patente, com anel de madeira para assento. Na ocasião acho que somando o estoque de todas as lojas do ramo, não se contariam mais do que umas cinquenta instalações para banheiros à venda. Isso tudo considerando todo o Estado de São Paulo. O movimento grosso era com material de construção que antes mencionei. Vendia-se muito e o lucro era muito bom, tanto que as recomendações eram no sentido de não se fazer comentários sobre os balanços. Um dos sócios da firma era um certo Schneider, ferramenteiro. Ele tinha tido sua oficina nesse local quando da fundação da firma em 1892. Schneider era um sujeito teimoso, intratável. Mais tarde viria a saber que em 1899, quando do término do contrato comercial, o Senhor Theil pôs o homem para fora. Para se vingar o teimoso montou uma casa concorrente.

Mas não pense você que era só no Brasil que as casas tinham tão pouco conforto nessas instalações. Com exceção das grandes cidades, onde as coisas eram um pouco melhores, também

o desenvolvimento das grandes cidades européias não se distanciava do Brasil em mais que uns dez anos. Hoje em dia não existe cidade do interior que não tenha suas redes de água encanada e esgoto.

O senhor ficou na *Herm Theil* até quando?

Em primeiro de outubro de 1896, Beckman, que era contador da firma *Hasenclever*, me informou que havia lá uma vaga. Eu não confiava muito nas minhas aptidões para ocupar o lugar. Pelo procurador da firma era exigido perfeito conhecimento do alemão, inglês, francês, português, de correspondência, datilografia, taquigrafia e mais não sei o quê. Beckman me encorajou dizendo que ao ser perguntado a respeito fosse dizendo estar em condições, saber de tudo, pois o próprio procurador era muito fraco nessas coisas. Segui o conselho e consegui o emprego. No emprego, a única coisa que precisei fazer foi correspondência com uma firma de Paris que fornecia tecidos para roupas de homem para a *Hasenclever*. Aqui nada se fabricava ainda. O tal procurador dessa filial de São Paulo não era muito competente, e assim a firma resolveu substituí-lo. Com a entrada do novo homem para o posto, meu salário foi aumentado em abril para 400\$000 e em outubro do mesmo ano para 500\$000. Havia começado com 300\$000. Uma curiosidade que me vem à mente. A casa *Fuchs*, que atuava no ramo de couros, foi a primeira loja em São Paulo a montar uma vitrine para expor os seus artigos, isso em 1900.

Em meados de 1897 caí doente com tifo. Passei quatro dias e quatro noites com temperaturas beirando os quarenta e um graus. Beckman, que era adepto do processo *Kneip*, o qual conhecia muito bem, tratou de mim com banhos frios e quentes e quatro semanas mais tarde pude recomeçar a trabalhar. Durante a primeira semana da doença eu só tomava muita limonada.

Apesar de tão bem pago na *Hasenclever* e ainda com quarto para dormir, não me animava a continuar, pois o trabalho era muito pouco. O tempo não passava. Logo que comecei fui me aborrecendo com isso. Os empregados cumpriam suas tarefas em duas horas, se tanto, por dia. O resto do tempo era gasto com leitura de revistas e afins, que permanentemente se encontravam nas gavetas e, se alguém se aproximava, eram fechadas. O gerente era uma pessoa fina, mas não entendia de trabalho de escritório. Em compensação era o maior conhecedor de ferragens de toda São Paulo e falava e escrevia corretamente inglês, francês, italiano e espanhol. Ele não era casado, mas morava com uma mulher, não sei bem se era cubana ou índia oriental, que era uma gastadeira de marca. O salário dele era de 50.000\$000 ao ano, mas nada era economizado. As

extravagâncias eram totais. Certa feita encomendou dois ternos ao alfaiate Trapp. Quando a entrega foi feita ele não se encontrava no escritório. Os ternos foram colocados sobre o espaldar de uma cadeira. Eu estava ali perto quando ele voltou. A cena foi a seguinte, ele levantou uma perna da calça, olhou e fez uma cara de quem não gostou, fez o mesmo com o segundo terno, uma cara ainda mais desagradável. Feito isso chamou Hans e mandou que tirasse, imediatamente, aquelas coisas dali. O que o empregado que apanhou os ternos fez, nunca ninguém ficou sabendo. Mais tarde soube que esse homem teve um fim muito triste. Acabou enveredando pelo vício da bebida, a pinga, e faleceu não muito depois. Uma pena que a casa não fosse melhor dirigida, mas o pessoal na matriz, em Rionscheld, era gente muito rica e não ligava para uma pequena filial.

O senhor saiu da *Herm Theil*, foi para a *Hasenclever* e já estava querendo mudar de novo de emprego?

Conforme já disse, logo de início comecei a não gostar do emprego, pois o trabalho era muito pouco. Como o salário era bom, fui ficando. Um dia, em julho de 1898, me deparei com um anúncio no jornal *Germania* procurando um correspondente guarda-livros para as línguas que conhecia e então lá me apresentei. O *Germania* era um jornal publicado em alemão e voltado para a comunidade alemã em São Paulo. Voltando ao emprego, tratava-se da Cervejaria Bavária, escritório da Rua Boa Vista. O gerente me recebeu e logo percebi que tinha causado boa impressão. Perguntou-me onde trabalhava e quanto ganhava. Respondi o lugar e falei que ganhava 500\$000 mais 100\$000 pelo quarto. Ele me respondeu que não poderia me pagar tanto. Agradei a atenção e quando já ia saindo ele me chamou e disse “Um momento, quem sabe poderemos chegar a um acordo!”. Ele me pagaria os 500\$000 e me daria uma gratificação anual, de acordo com a minha atuação. Que eu iria me esforçar era claro, pedi a ele que desse a proposta por escrito. Mesmo com isso acabou querendo me confundir.

A cervejaria era ainda bem pequena em relação à concorrente Antártica, que já tinha perto de nove anos de existência e logo depois passou a funcionar lá na Mooca. A Bavária trabalhava, na época, com um capital de 500.000\$000 e a Antártica tinha um capital de 30.000.000\$000, portanto sessenta vezes maior, além de contar com diversas filiais. São Paulo tinha então 180.000 habitantes e todo o Estado, aproximadamente quatro milhões.

A produção aumentava sempre, pois o povo passou a apreciar cada vez mais a cerveja, o que fez com que aparecessem novas fábricas, como a Brahma, a Progresso Paulista e uma outra

que agora me foge da memória o nome. Todas estavam fazendo excelentes negócios. A firma proprietária da Cervejaria Bavária era a H.St e Comp. O chefe morava em Hamburgo, na Alemanha, e raramente vinha ao Brasil. A firma de Hamburgo fornecia tudo o que era preciso importar.

Com isso tudo, pedi a minha demissão da *Hasenclever*. O procurador fez uma cara de espanto, o que não foi nenhuma surpresa, pois sabia perfeitamente o que significava lá. Dois dias mais tarde ele perguntou ao guarda-livros a razão da minha saída, e, ao ser informado que era porque eu iria ganhar mais, ele esbravejou “Quem disse que a *Hasenclever* não pode pagar mais também?”. Na verdade, a razão principal de minha saída era por haver sempre tão pouco o que fazer na firma. Essa situação não me agradava. Assim, no dia quinze de agosto de 1898 eu ingressava na Cervejaria Bavária.

E na Bavária, as coisas foram melhores?

O senhor Kempe de Cassil, até então guarda-livros, transferiu-me o trabalho e ficou ainda alguns dias para dar algum esclarecimento que fosse necessário. Em poucos dias, com seu bom supervisionamento, eu não tinha mais necessidade de sua ajuda. Já estava em condições de tocar sozinho o trabalho. Eu aprendi ali muita coisa. A partir de então tinha que tratar com o procurador da firma. Ele tinha por hábito com os novos empregados ver até onde podia chegar “pisando em seus calos”. Se eles toleravam, estavam perdidos. Um dia abordou o caixa, um certo Shwarz, um homem casado de uns vinte e seis anos, que tinha uma capacidade invulgar de aguentar desaforos e disse-lhe “francamente não sei o que fazer consigo, se o senhor fosse um menino de treze anos eu saberia, mas um homem de sua idade, casado, eu não sei o que fazer.” O homem era um carrasco. Era comum ouvi-lo esbravejando com os outros e chamando-os de burros, camelos e outros nomes assim. Comigo, entretanto, a abordagem devia ser outra. Não fazia ainda um mês que estava na firma quando ele colocou sobre a minha mesa um maço de jornais para eu embalar e remeter para Hamburgo. Quando estivesse pronto o pacote, que eu colocasse sobre a mesa dele. Para que os jornais pudessem lá chegar em boas condições, embrulhei-os primeiro em um tecido e depois em um bom papel *kraft*, amarrei bem e escrevi o endereço indicado. Tudo pronto, levei à mesa dele como pedido. Já sabia de antemão que alguma coisa ele diria. Dito e feito. Quinze minutos mais tarde veio a mim e disse que aquele pacote era um absurdo e que tinha ficado um pacote caríssimo, a resma desse papel custa cento e trinta mil

réis! Ouvindo isso respondi que então a firma aqui era muito rica, pois na *Hasenclever* eu pagava sessenta e cinco mil réis a mesma resma. Ele simplesmente virou e saiu, viu que não tinha mesmo nada a dizer. Aproximadamente quinze dias mais tarde ele me passou uma carta confidencial para que eu copiasse o que atendi prontamente, ele ficou ao meu lado supervisionando. Mal havia molhado a carta para copiar ele me disse “senhor Heise, aqui copiamos diferentemente” e foi saindo. Perguntei então se após o expediente poderia ir falar com ele, com o que concordou. Quando soaram cinco horas da tarde fui procurá-lo. “Senhor procurador, há dias o senhor me chamou a atenção sobre a maneira de fazer um pacote e hoje quis me mostrar como se copia uma carta. Não fui contratado como aprendiz, e sim como guarda-livros e esses trabalhos não são os de um guarda-livros. Se o senhor estiver disposto a me tratar de acordo com o meu cargo, muito bem, caso contrário eu volto para o emprego de onde vim, lá poderei ingressar no mesmo instante que me apresentar”. Disse-me que eu tinha razão, que isso havia acontecido porque ele às vezes ficava com o sistema nervoso alterado, que estava satisfeito com o meu trabalho e procurou se desculpar. Eu sabia que ele tinha cursado em Gottingen o mesmo curso de comércio que eu, portanto ele nada mais sabia do que eu em matéria de trabalho.

Deixando o trabalho um pouquinho de lado, como era São Paulo nessa época?

Era uma delícia, São Paulo tinha algo em torno de cento e oitenta mil habitantes. Metade dessa gente vivia no centro e a outra metade na periferia. Nessa época a periferia era formada pelos seguintes bairros; Mooca, Braz, Santana, Água Branca, Lapa, Pinheiros, Aclimação, Vila Mariana, Ipiranga e Cambuci, todos eles interligados por ruas com algumas moradias. O cemitério da Consolação ficava muito distante e a Avenida Paulista mais distante ainda. Na Paulista havia uma dúzia de casas, se tanto. Havia ainda dois restaurantes, um na esquina da Brigadeiro Luiz Antonio e outro, um pequeno chalé, onde é o bosque em frente ao Trianon. Aos domingos e feriados, muita gente vinha do centro para passear no Trianon, a outra opção para passar os dias de folga era a Cantareira com o seu trezinho. Lá em Higienópolis havia apenas a Avenida Higienópolis, onde não havia mais do que umas seis casas e um pequeno hospital Samaritano. Na Rua das Palmeiras havia uma pequena capela, a capela de Santa Cecília e um pouco mais a frente uma estrada que seguia na direção da Água Branca e Lapa. Campos Elíseos, bem distante, era o bairro mais fino de São Paulo. De lá até Higienópolis era tudo campo. Estes campos eram cobertos com algumas moitas onde caçadores iam caçar com suas carabinas.

Bom, vou voltar ao trabalho, na Mooca, onde ficava a Cervejaria Bavária. Um belo dia começou um grande movimento na empresa. Esperava-se o diretor que vinha da Alemanha com toda a família, em uma viagem de inspeção. Naquela época a cervejaria ficava totalmente isolada, num fim de mundo, situando-se nas redondezas somente a fábrica de Regoli & Crespi. Crespi tinha a sua residência junto à fábrica. Junto à estrada de ferro não havia mais nada e, não fossem as colinas e curvas, poder-se-ia avistar a estrada até São Bernardo. No dia da visita estava tudo pronto e as pessoas estavam aguardando a chegada do trem. Assim que o trem despontou depois da curva foi aquele foguetório, dúzias e dúzias. A fábrica foi parada e tão logo houve o desembarque na Estação da Mooca foram dados “hurras” ao diretor.

O meu horário de trabalho era das oito horas da manhã às cinco horas da tarde, e almoçava no emprego. Todo segundo domingo do mês eu tinha que gerenciar a fábrica, tinha que chegar antes das seis horas da manhã e ficar até as cinco e meia da tarde. Para conseguir chegar as seis da manhã na fábrica eu precisava levantar as quatro e meia da manhã para pegar o bonde na esquina da Paula Souza com a Florêncio de Abreu, o bonde era puxado por burro e a viagem demorava quarenta e cinco minutos. Havia no escritório um correspondente de nome Lello, que na época deixou o emprego para estudar e tornar-se dentista. Isto acontecia naquela época, hoje dificilmente você vê isso acontecer. Eu assumi também o posto dele, em dois anos e pouco de Brasil estava eu fazendo correspondência em português. Com isso a firma tinha uma economia mensal de 350\$000, que era o salário do correspondente. Pouco tempo depois, vendo que esse trabalho a mais não tinha merecido o correspondente em salário, fui falar com o gerente. Como estávamos na véspera da chegada do diretor, disse-me que falaria com ele sobre o assunto. Depois que o homem chegou, vendo que nenhuma notícia me era dada, fui falar diretamente com o diretor. Pediu-me que aguardasse, estava com muito trabalho, mas que antes de partir de volta resolveria o meu caso. Tinha ainda uma porção de coisas para resolver, inclusive o contrato social da firma. Um belo dia de abril de 1899 veio a mim para se despedir, pois já estava pronto para voltar. Como nada disse, cobrei-lhe o que havia me prometido. Em dois minutos estava tudo resolvido. Disse-me que estavam muito satisfeitos com o meu trabalho e que o meu salário passaria a 800\$000 mensais, mas uma parte ficaria retida e eu a receberia em forma de gratificação. Combinamos então que receberia 600\$000 e 200\$000 ficariam retidos. Quando eu fui trabalhar na Bavária já tinha três contos de economia.

Até agora o senhor falou bastante de trabalho e um pouquinho sobre a cidade, o que mais o senhor poderia nos contar?

Eu sempre fui muito focado no trabalho. Em setembro de 1899 eu pedi uma licença de quinze dias, pois queria conhecer alguma coisa do interior do estado. Entre os poucos conhecidos que tinha, estava o relojoeiro Simon. De vez em quando eu o procurava na relojoaria para batermos papo e foi ali que eu conheci o senhor João Zech, também relojoeiro, mas já aposentado. O senhor Zech conhecia muito bem o interior do estado e foi com ele que pedi sugestões sobre locais para serem visitados. Ele aconselhou-me Poços de Caldas ou Piracicaba, ambas boas cidades. Em Piracicaba poderia me apresentar à família de Julio Muller, que também era relojoeiro. Decidi-me então por Piracicaba. Cheguei à cidade e me hospedei no Hotel Lago. Passava o dia todo com os Muller. Ele e sua esposa, a dona Marica, estavam felizes por terem a oportunidade de ouvir e falar alemão. No segundo ou terceiro dia levaram-me para conhecer os Diehl, realmente um casal alemão muito simpático e amável. Ficamos na sala de visitas e, após algum tempo, entrou uma menina com seus dezessete anos, bonitinha e graciosa, cabelos longos puxados para trás, trazendo o café. Os olhos não mais esqueci e muito disfarçadamente fiquei observando a menina que futuramente viria a ser a minha boa esposa Leleta. Os conselhos de casa diziam que quando eu começasse a gostar de uma moça para casar, deveria deixar falar primeiro a razão e depois o coração. Para eu não me perder vou continuar na ordem cronológica dos fatos.

Tudo bem.

Estava eu de volta a São Paulo, sem saber se algum dia ainda voltaria a Piracicaba. Era princípio de outubro, logo mais chegaria o natal. Na véspera do natal eu recebi a gratificação anual, a minha primeira na firma. Recebi um envelope fechado, como todos os demais, e dentro havia 1.000\$000. Fiquei contrariado, e com razão, pois já naquela época eu ganhava 800\$000. Como sentia uma animosidade do gerente para comigo, fui falar diretamente com o diretor e a ele expus minha situação, pedindo uma reconsideração, pois caso contrário não me restaria outro caminho que a demissão. Ele respondeu que nem ao menos sabia quanto eu ganhava e sob que condições havia sido admitido. Disse-lhe então que não podia compreender um diretor da firma que desconhecesse isso, tratando-se eu do funcionário mais caro da companhia depois do gerente. Não é preciso dizer a reação do homem, ele era grande, tinha mais ou menos um metro e noventa

de altura e ficou vociferando e andando de um lado para o outro no escritório particular onde estávamos. Diante do acontecido, apresentei o meu pedido de demissão na mesma hora, marcando o prazo de quinze de fevereiro de 1900 para providenciarem um substituto para meu lugar. Quero acrescentar ainda que, em um pequeno cômodo em baixo do escritório, havia permanentemente um estoque de uns 60.000\$000 em estampilhas para garrafas de cerveja. Era uma caixa de cimento armado e, nem o procurador nem o gerente exerciam qualquer controle disso. Por diversas vezes pedi que fosse feito um exame da escrita para minha maior tranquilidade, mas tudo foi sempre inútil. Bem mais tarde, após a minha saída, soube que tanto o meu substituto como o caixa da firma tinham rapidamente enriquecido. Mais vezes pude constatar, durante toda a minha vida, que geralmente progridem rapidamente as pessoas que sabem viver e que se mostram muito amigas e prestativas de princípios não muito rígidos. Os rígidos, quando vão para frente, só conseguem sua meta muito vagarosamente. Disse-me certa vez um bom e verdadeiro amigo, diretor e vice-presidente do Banco Comercial do Estado de São Paulo, T. B. Miur, que para um homem de princípios rígidos como os meus já não havia mais lugar neste mundo. A vida hoje é falsa, uns pisando nos outros para galgarem posição e dinheiro.

Imagina o que ele diria hoje, penso comigo mesmo, o senhor se demitiu da Bavária e foi para onde?

O que aconteceu foi que mais ou menos nessa mesma época, um antigo colega da firma *Herm Theil*, Amandus Groh, de Hamburgo, perguntou-me se teria interesse em associar-me a ele para fundarmos uma firma do mesmo ramo, desse ramo de ferragens e instalações para casas. Ele sabia que eu tinha minhas economias e ele receberia do pai, da Alemanha, o capital inicial de vinte e cinco mil marcos, entrando cada um de nós com 15.000\$000. Encontrava-se justamente em São Paulo um representante da firma *Carl Gro Heise*, de Hamburgo, que apesar do mesmo sobrenome não tinha nenhum parentesco comigo, que prometera a Groh um crédito de trinta mil marcos caso acertássemos o negócio. Se estivéssemos de acordo deveríamos nos encontrar com ele no Bar Restaurante Progridior para já tratar do negócio. O Progridior ficava localizado na Rua Quinze de Novembro lá pelos lados do Largo do Rosário ali sempre aconteciam grandes encontros, sem contar aquela carne suculenta com batatas. Bom, acertado os ponteiros e com o crédito firmado, Groh seguiu para a Alemanha para fazer as compras iniciais para a nova firma. Eu ainda ficaria no emprego até fevereiro do ano seguinte, mais ou menos a mesma época em que

a nova firma começaria a funcionar, assim economizaria mais algum dinheiro. Infelizmente Groh não confirmou antes com o pai dele aquilo que ele havia prometido. O fato é que ele fez as compras e não pôde receber os marcos necessários para integralizar o capital. Quando fui recebê-lo em Santos, na volta da viagem a Alemanha, ele trazia na mão um pequeno pacote, uma vez desembarcados fomos ao escritório do agente da Bavária, Guilherme Ganglitz. Não o encontramos e voltamos para o cais. Quando já percorrida boa parte do caminho Groh lembrou-se que tinha deixado o pacote em algum lugar. Voltamos ao escritório de Ganglitz que ainda não havia voltado. Um dos empregados nos acompanhou até a sala onde tínhamos estado pouco antes e lá estava o pacote. Eram os 6.000\$000 que ele havia trazido ao invés dos 15.000\$000 que deveria ser a sua parte no capital. Dos 6.000\$000 eu recebi 1.000\$000 que eu lhe havia emprestado para a viagem. Uma parte das compras ele trouxera como bagagem acompanhada, o restante chegaria por um próximo vapor. Minha parte do capital eu já possuía. Meu pai havia me emprestado quatro mil marcos, dos quais mil eu devolvi em seguida, por ser desnecessário. Portanto, três mil marcos, que correspondia a 4.200\$000 e mais 10.800\$000 de economias, formava a minha cota do capital. Com os 5.000\$000 de Groh tínhamos 20.000\$000. Iniciava-se assim, uma firma de importação, quando os concorrentes já possuíam capital mínimo de duzentos contos, ou seja, 200.000\$000.

As compras de Groh totalizavam cerca de quarenta e cinco contos, mais ou menos trinta e dois mil marcos, mais vinte e cinco contos de despesas alfandegárias, embarque e frete ferroviário, tudo a ser recebido em aproximadamente quatro meses. Foi um começo de grande luta. A pagar, de saída, uma instalação sanitária a João Willoeft no valor de 2.700\$000, aluguel mensal de 750\$000, um empregado, 250\$000, um camarada, 120\$000 e nós dois sócios 300\$000 cada. Só a título de comparação, como empregado eu já estava ganhando 800\$000. Após algumas pequenas remessas, a *Carl Gro Heise* aumentou a nossa linha de crédito para cinquenta mil marcos. No começo as vendas eram bem pequenas e eu já me considerava feliz quando as pessoas entravam e se interessavam pelas mercadorias, perguntado os preços. O movimento de vendas nos primeiros seis meses foi o seguinte, 2.500\$000, 5.000\$000, 1.500\$000, 8.000\$000, 3.000\$000 e 4.800\$000. Até o final de 1900 vendemos ao todo cento e quarenta contos, tendo ganhado seis contos líquidos. Nesse primeiro ano vendemos ao todo doze banheiras. Estávamos nessa época no governo de Campos Salles.

Mais ou menos em julho desse primeiro ano eu tive um sonho interessante, sonhei que o câmbio, que já vinha a algum tempo se mantendo à taxa de 9½d, começara a subir e em pouco tempo chegara a 14¾d e então rapidamente foi baixando até chegar novamente a 9½d. Normalmente eu esquecia rapidamente os meus sonhos, mas dessa vez a coisa tinha sido muito nítida e real. Assim, logo cedo ao descer para a loja, contei a meu sócio o que tinha sonhado, para que se realmente viesse a se confirmar não pudessem duvidar de mim. No mesmo dia o câmbio começou a subir e eu não tinha condições para aproveitar, pois teria que fazê-lo por algum Banco e nós éramos inexperientes e pouco conhecidos. Bem, em menos de uma semana o câmbio subiu a 14d. Quando em 14d, nosso corretor de câmbio, Wysard, disse-me que se liquidasse sua posição naquele dia estaria ganhando trezentos e oitenta contos. Eu acompanhava a cotação diariamente, e um dia, quando indo almoçar, passei pelo Banco de Londres e perguntei a um amigo pela cotação, ele me disse que estava naquele momento oscilando um pouco acima de 14d. Após o almoço, estavam justamente afixando as taxas no Banco Brasil - Alemão e, para pagamento de vencimentos, estava a 12d. Em três dias o câmbio tinha voltado a 9½d. Infelizmente não tive a mesma sorte que Wysard.

Já em outubro de 1900 Groh teve que deixar a sociedade. No início da firma ele gostava bastante de uns copos de cerveja após o expediente. Em seguida, isso já estava acontecendo mesmo de dia, como fui informado por um conhecido. Em vez de ir à procura de fregueses, como dizia, passava o tempo jogando cartas na *Caverna do Diabo* lá na Travessa do Comércio. Inacreditável, e era para se perder a coragem, mas fiquei firme. Uma noite enfrentei-o e então ele me prometeu, de joelhos, que iria se emendar. Por uns tempos realmente mudou, mas pouco depois voltou novamente a beber, então lhe dei um ultimato. Que arranjasse dinheiro e pagasse a minha parte na sociedade dentro de três meses, pois eu me retiraria.

Nossa, e o que aconteceu depois?

No começo de fevereiro de 1901 ele já não mais se aguentava. Por absoluta falta de dinheiro precisava viver com o cinto apertado, a ponto de não poder mandar fazer uma chave de reserva para a porta da loja. Em uma manhã quase não pudemos abrir a loja, pois as chaves estavam com ele, e ele simplesmente havia passado a noite fora. Precisei fazer o empregado descer por uma corda pelos fundos para que pudesse abrir a porta pelo lado de dentro. Nesse mesmo dia, quando deu dez horas da manhã, mandei o empregado almoçar, na sua volta fui eu

almoçar. Após o almoço dirigi-me ao correio, pois estava aguardando uma carta de nosso despachante. Lá foi o Groh me encontrar e já em seguida começou a chorar. Peguei-o pelo braço e fomos sentar em um banco no pátio do Jardim do Palácio. Ali ele começou dizendo que não via mais condições para se livrar das más companhias e assim precisava voltar o quanto antes para a Alemanha. Pediu-me então que lhe desse algum dinheiro para a viagem e que a parte do capital dele, que na ocasião já chegava a onze contos, deixaria no negócio e eu lhe pagaria juros de 6% ao ano. Não queria esse dinheiro assim, pois mais tarde alguém poderia dizer que me aproveitara da má situação dele. Propus então que daria 1.500\$000 para a viagem e com o saldo ficaria meu comanditário com 25% dos lucros. O pobre homem encontrava-se completamente arrasado! Um tempo antes, ainda como empregado da *Herm Theil*, ele era um excelente e esforçado elemento. Prometeu-me que estaria em Hamburgo dentro de um mês e em companhia de seu velho pai iria à *Carl Gro Heise* solicitar que o crédito da firma ficasse intacto. Ainda na estação, ao partir o trem, ele voltou a repetir o prometido. Mas, diz o provérbio, longe dos olhos, longe do coração. Ele viajou em um vapor italiano e desceu em Gênova. De lá seguiu para Zurique e em seguida para Frankfurt e Grannsehoverj, onde acabou ficando por um tempo, como mais tarde fiquei sabendo. A *Carl Gro Heise*, a quem tinha escrito avisando da visita de Groh dentro de trinta dias, não tivera mais complacência para comigo, a quem sequer conheciam. Passados esses trinta dias telegrafaram querendo saber onde Groh se encontrava. Respondi esclarecendo quando e com qual navio havia seguido. Três dias mais tarde recebi novo telegrama da firma na Alemanha no qual comunicava que meu crédito não era mais cinqüenta mil e sim somente vinte mil marcos, pedindo remessa imediata. Isso depois de eu haver exposto toda a situação. Assim, novamente escrevi pedindo que indicassem pessoa de sua confiança, desde que não fosse concorrente, para ir até a minha empresa e tomar conhecimento da situação. Pedia somente que não me cortasse o crédito. Minha situação era muito séria e recorri então a meu amigo José Kistemann, pedindo ajuda. Deu-me 7.500\$000 que era o que podia arranjar. Fui então ao banco Alemão Transatlântico, onde entreguei a importância para crédito da firma em Hamburgo. A *Carl Gro Heise* iria atender o que eu tinha pedido, porém só iria fazer pequenas remessas de agora em diante. Eles eram o meu único fornecedor, era por intermédio deles que eu recebia as compras feitas na Inglaterra e na França. Assim, pelo menos a firma não ficaria sem ter o que vender.

Alguns meses depois da ida de Groh para a Alemanha, recebi uma carta do pai dele anunciando que a parte do filho passaria para seu nome. Pedi-lhe então que providenciasse documento por tabelião, o que ele fez ao mesmo tempo em que pediu que eu arranjasse um novo sócio. Mas como, com a firma nas condições que estava com tanta dificuldade?

Mesmo assim, quando Groh se retirou pude respirar aliviado e depois, com o empréstimo de Kistemann, que me possibilitou receber novamente alguma mercadoria, a coisa começou a melhorar lentamente e eu estava ficando mais confiante.

Bom, e a bisavó Leleta? Onde entra nessa história?

Já em agosto de 1900 eu começara a fazer pequenas viagens de negócio pelo interior. Em Jaú, estava sendo instalado serviço de água e esgoto pelo doutor João Salomé Queiroga, que comprava material em nossa casa. Assim fui visitá-lo. Aproveitei essa viagem para uma visita a Bragança, Campinas, Amparo, Limeira, Rio Claro, Araraquara, São Carlos, Piracicaba e Sorocaba. Mais do que dez dias eu não podia me ausentar, pois tinha então dois empregados, o Borges e o Hulle, que admiti quando da saída do Groh, e mais um camarada. Felizmente era gente de confiança. Passei a fazer essas viagens a cada dois meses, depois da retirada de Groh, portanto, fevereiro de 1901. Um detalhe, a correspondência e a contabilidade era eu que fazia durante os primeiros cinco anos e meio. Quando o trabalho aumentava, eu já quase não tinha nenhum domingo livre, pois não havia dinheiro para que pudesse contratar um contador.

Voltando às viagens. Já por ocasião de uma ou outra viagem tive oportunidade de me encontrar com a que mais tarde viria a ser a minha mulher. Em abril, ela viajou para São Paulo em companhia da mãe e se hospedaram na casa de sua irmã Aninha, na Rua General Osório, 110. Um belo dia, recebo a visita das duas irmãs que queriam me cumprimentar. Algumas visitas depois cheguei à conclusão que não poderia haver nenhuma mulher melhor para mim. Já quando em Piracicaba tive a oportunidade de observar, durante as minhas visitas, que se tratava de uma moça decidida e enérgica. Eu precisava de uma companheira assim, e por isso fomos sempre tão felizes. Em fins de maio daquele ano eu me declarei, mas eu precisava esperar que o seu pai chegasse, pois havia ficado em Piracicaba. Eu era um homem feliz. Após o consentimento, acertou-se que o casamento seria em dezembro e, naturalmente, em Piracicaba. Pude deixar o negócio por três dias, assim em 19/12/1901, entre seis e sete horas da manhã foi realizada a cerimônia. Meia hora mais tarde partíamos de trem para São Paulo e aí ficamos em casa de

Pascoal e Aninha por alguns dias. Bem, já no dia seguinte ao casamento, dia vinte de manhã, lá estava eu no negócio. Passada uma semana em casa de Aninha, nos instalamos em nossa casa nos altos da loja. Era uma casa velha com uma sala para a frente e três janelas, porta e um balcão. Para os fundos havia duas alcovas, no centro um corredor, mais dois cômodos escuros onde eu guardava mercadorias da loja. Em seguida, a sala de jantar, um pequeno terraço coberto, um banheiro pequeno e a cozinha. Já uns quinze anos antes, essas moradias eram condenadas pelas autoridades sanitárias. Só pessoa muito simples e modesta podia conformar-se em morar em condições tão sem conforto. Não conheci nenhum casal que, já nas condições em que me encontrava, sócio de uma casa comercial, tivesse morado tão modestamente. Cortinas não podíamos comprar, nossas duas camas eram uma diferente da outra, sendo uma nova e a outra usada. Na sala de jantar, uma mesa redonda e umas oito cadeiras. Nosso armário de cozinha foi presenteado pelo cunhado Luis Rocco e foi feito de um caixão. Apesar disso, ou justamente por isso, vivemos lá tão felizes que ainda hoje, às vezes, lembramos desses tempos magros.

Como a loja ficava no térreo, num pulo estava em casa. Aí, casa da Rua São Bento, 74, nasceu a Elza. Quando a casa vizinha foi demolida, nos mudamos para a Rua Barra Funda. Como isso parecia longe nessa época.

E a família da Leleta, fale um pouco mais sobre ela.

Leleta era a filha mais nova de Jacob Diehl e Ana Catharina Diehl, ambos já falecidos em Piracicaba. Jacob chegou em 1847 ou 48 juntamente com um grupo de famílias alemãs da Renânia que vieram para colonizar a Fazenda Ibicaba, em Limeira. A fazenda era de propriedade do senador Vergueiro, o mesmo que construiu a estrada do Vergueiro, de Santos para São Paulo.

Ele conta que a viagem da Alemanha para cá, foi feita de caravela e durou cinqüenta e seis dias. O idoso senhor tinha tão boa memória que se lembrava da viagem por estrada de ferro na Alemanha que os levou até o porto, apesar de contar nessa ocasião de dez a onze anos de idade. Quando chegaram a Santos, precisavam subir a íngreme Serra do Mar a pé para chegar à São Paulo, essa viagem durava vários dias. Suas bagagens eram transportadas por tropas de burros, pois não havia outro meio de transporte e a estrada, se é que podemos chamar aquilo de estrada, não permitia a passagem de carros. Eram apenas trilhas para burros. Somente as mulheres e crianças podiam montar. Os outros apenas marchavam.

Eles permaneceram alguns dias em São Paulo. A cidade era tão pequena que de cima de uma colina apenas se avistava, do Largo de São Bento até onde se encontra hoje a Praça do Patriarca, depois até o começo da Rua da Liberdade, até a Tabatiguera, Boa Morte e novamente até o Largo de São Bento. Além disso existia mais ao longe várias chácaras, como a chácara do chá, que era do tamanho de uns vinte quarteirões e começava onde é hoje a Light e o Teatro Municipal. Na Luz havia muitas chácaras também, além de igrejas e mosteiros.

Para seguir para o interior era necessário ir pelas trilhas, quase não dava para o carro de boi passar. Uma viagem de São Paulo a Limeira demorava quatorze dias. Assim, mais de oito dias eram necessários até Campinas. Eles seguiam para Limeira e o padeiro que vinha com eles ficou em Campinas e foi o primeiro padeiro da cidade. Jacob conta que o povo da terra comia feijão, farinha de milho ou farinha de mandioca, carne seca e toucinho salgado. Os velhos e as crianças passavam mal, pois seus estômagos não estavam acostumados e não ficavam satisfeitos com aqueles produtos nativos. Arroz só existia na mesa dos ricos, pois era importado do Japão, batata era quase desconhecida. Não existiam fósforos e o fogo tinha que ser feito pelo atrito de pedras que produziam faíscas. Não havia outro modo de se fazer fogo. Este era conservado aceso noite e dia, durante semanas seguidas. O velho Jacob chorava todas as vezes que me contava tudo isso. Dizia ainda que os velhos passavam fome e seu avô passava muito mal, porque não tolerava nem o feijão e nem a farinha, que eram indigestos. A mãe de Leleta chegou uns dez anos depois, com quatorze anos de idade e encontrou a terra já mudada.

Ao final da década de 1850 a família Diehl se mudou para Piracicaba e ali Jacob se casou com Ana Catharina em 1861. Meu sogro abriu um pequeno negócio onde se vendia de tudo, até tecidos que eram comprados em São Paulo. Cada viagem de Piracicaba para São Paulo demorava quatorze dias, tão ruins eram os caminhos. Os dois eram gente muito boa, de ótimo coração. Em 1911 eles festejaram as suas bodas de ouro. Que saudades.

Suponho que o senhor queira voltar para os negócios.

Claro, no segundo ano da loja os negócios já corriam melhores. Vendemos então 180.000\$000 e também ganhamos mais. Contudo, era impossível conseguir um novo sócio. Também eu nem procurava. Mais vezes me lembrava das últimas palavras de meu velho pai, e realmente Deus nunca me abandonou. Já não mais viajava para o interior e no terceiro ano precisei contratar um viajante, que nos intervalos das viagens ajudava na loja com outros

trabalhos. O negócio crescia de ano para ano e no terceiro ano vendemos 240.000\$000. Em julho desse terceiro ano, ou seja, 1902, precisei fornecer para um freguês em Botucatu duas caixas de vidros de vidraça, que comprei do meu vizinho, Domingos da Costa Ferreira, que era do ramo. As nossas lojas eram uma em frente a outra. Podíamos nos ver de uma loja para outra, mas limitávamo-nos unicamente a um cumprimento. Nunca havíamos tido qualquer contato. No dia da compra, ao anoitecer, trouxe-me o senhor Domingos o conhecimento do despacho dos vidros. Já existia então certa simpatia recíproca, pois não fosse assim, teria mandado um empregado entregar o conhecimento. O senhor Domingos era um bom observador. Nesses primeiros anos não havia mercadoria que não passasse por minhas mãos. Na chegada ou despacho de tubos, chapas, banheiras ou engradados, os amarrados eram feitos com minha ajuda, mesmo porque os empregados não tinham a necessária força para tais serviços. O senhor Domingos, português de trinta e seis anos, já era na ocasião um comerciante rico, bem situado. Ao lhe perguntar como iam os negócios, queixou-se do concorrente, a Casa Cabral. Na venda de vidros para janelas já não havia mais nenhum lucro. Perguntou-me então como iam as coisas para o meu lado. Disse-lhe que os negócios iam muito bem, não fosse a falta do principal, o capital. Cumprimentou-me então pela saída do sócio Groh. No tempo dele, havia sempre muito barulho aos domingos, muita bebida era consumida, cantavam e jogavam cartas. Ele e a família não tinham sossego nesses dias. Eles também moravam nos altos do prédio. Nesse primeiro encontro, ao se despedir, pois já era noite, referiu-se ao que eu havia contado de como a firma de Hamburgo me pressionava em toda correspondência solicitando remessa de dinheiro e então me disse: “Se acontecer de o senhor precisar de alguma coisa, procure-me que estarei às suas ordens”. Nunca havia me acontecido uma coisa assim. Ele realmente demonstrou ter-me em boa conta. Aquelas palavras não saíram de minha cabeça até o domingo. O encontro tinha sido na sexta-feira. Quando foi domingo pela manhã, enchi-me de coragem e fui procurá-lo. Sabia que aos domingos pela manhã ele aproveitava para fazer uma verificação das faltas de mercadorias e abrir os pedidos chegados. Empurrei a porta da entrada, entrei e cumprimentei-o. Ele se encontrava no alto de uma escada e ao me ver perguntou o que eu desejava. Disse-lhe que esperaria até ele descer. Mais uns poucos minutos e lá estava ele na minha frente, “então, senhor Heise, o que deseja?”. “Senhor Domingos, na última sexta-feira o senhor demonstrou me ter em boa conta e dirigiu-se a mim de uma maneira tão amigável e assim, francamente não sei como, me enchi de coragem e aqui estou eu para

perguntar se estaria disposto a ingressar na minha firma como sócio comanditário, com um capital de cinquenta contos de réis. Eu mesmo não tenho os cinquenta contos de capital, e sim somente trinta e seis, e espero, com os lucros deste ano e do próximo, completar essa minha quota de capital”. Sua resposta foi para mim um grande susto: “sim senhor, eu posso entrar”. Com franqueza, não pude entender como uma pessoa que ainda me conhecia tão pouco pudesse já demonstrar tanta confiança em mim. Pedi-lhe então que fosse à minha loja para fazer um exame nos livros da firma e que procurasse informações a meu respeito. Respondeu-me simplesmente que isso era desnecessário. Voltei a insistir no meu pedido e então ele me encarou com olhar firme e disse: “afinal, o senhor quer o meu dinheiro ou não?”. Nossa conversa estava ficando séria e então respondi que sim. A coisa voltou ao normal e ele me perguntou se precisaria desde logo uma parte em dinheiro. Expliquei-lhe que gostaria muito de poder o quanto antes providenciar uma remessa telegráfica para a firma em Hamburgo. Perguntou-me quanto e respondi que gostaria de poder remeter quinze contos. No dia seguinte, às onze horas da manhã, poderia receber um cheque dessa importância. Quando já de posse do cheque, apresentei-lhe o recibo da quantia, mas disse-me que isso era desnecessário, pois iria ser meu sócio. Pedi-lhe então que me explicasse a razão dessa grande confiança que ele estava depositando em mim. Disse que era muito simples. Há cerca de três anos que vinha podendo observar a minha atividade, e com quem trabalha dessa maneira não se pode perder dinheiro. Esse contato tinha me deixado nervoso, mas estava tendo uma sensação muito boa vendo esse homem depositar em mim tanta confiança. Foi uma atitude bem de um português. Hoje creio que não mais acontece coisa assim. Que enorme contraste entre essa atitude da que foi tomada pela firma alemã! Que satisfação poder telegrafar para Hamburgo comunicando a remessa do dinheiro, que seguiu no mesmo dia. O restante da dívida seguiria logo após. Também ao velho Groh escrevi dizendo que poderia ficar tranqüilo, que em breve ele receberia o saldo que tinha na firma. Os negócios iam cada vez melhores, principalmente no quarto ano, quando não havia mais problemas com dinheiro.

Pouco antes de minha conversa com o senhor Domingos, estive na loja um senhor inglês chamado Leers, que ofertava mercadorias e preços. Era representante da firma *Rabana Bros. Co.* de Birmingham e imediatamente observei que poderia comprar deles cerca de 10% mais barato do que vinha pagando à firma em Hamburgo. Disse ao senhor Leers que infelizmente nada

poderia encomendar, pois me encontrava com falta de capital. Contudo, insistiu ele num pedido. Disse-lhe então que procurasse se informar a meu respeito, ao que respondeu que poderia fazer o pedido, pois ele sabia com quem estava tratando. No dia seguinte ele voltou à loja dizendo que meu pedido seria executado e que, com a próxima correspondência à firma iria me comunicar a abertura de um crédito corrente por seis meses. Isso foi novamente um alívio. Também aí, pude verificar diferença de tratamento entre a firma inglesa e os alemães. No quarto ano, chegamos a vender trezentos contos de réis e com um lucro bem apreciável.

O senhor Domingos dizia que confiança não se impõe, adquire-se. Isto é verdade. Um dia entrou na loja o coronel J. da Cunha Bueno e passou a observar os objetos da instalação enquanto eu o acompanhava. Depois de ter visto tudo ele disse: “mande-me a banheira, a pia, aquele vaso sanitário e aquelas coisas ali”. Sem nem perguntar o preço. Naquele tempo São Paulo já sabia que eu era honesto. Uma outra vez, quando eu voltei do almoço, o vendedor me contou que um fazendeiro fez uma compra e também não perguntou o preço das coisas, sem mesmo falar em concorrência de outras casas e logo eu notei que o vendedor havia cometido um engano no preço. O homem havia efetuado uma encomenda, com a diferença para mais de 150\$000, mandei que o vendedor fosse levar o dinheiro para o senhor no Hotel em que estava hospedado e se desculpasse, pois o engano era nosso. Eu não queria ter esse dinheiro.

A essa altura a loja da São Bento já estava se tornando pequena, ainda que tivéssemos um depósito à Rua da Consolação. O senhor Domingos me chamou a atenção para uma loja que estava para alugar na mesma Rua São Bento, no número 93, com ligação para a Rua Libero Badaró. Senti-me feliz ao concluir a mudança, e mesmo assim, um ano mais tarde, tive que alugar mais uma loja. Nessa ocasião me foi dado pelo Banco Alemão Transatlântico um crédito em banco de cem contos, o que me trouxe ainda maior tranqüilidade. No quinto ano chegamos a um faturamento de quatrocentos e oito contos e as vendas mensais continuavam a aumentar, o que exigiu um novo aumento do capital.

Então nessa época os sócios eram o senhor e o senhor Domingos e como se deu a entrada dos outros sócios?

Meu cunhado, Felipe Diehl, que já no terceiro ano de firma tinha manifestado desejo de entrar para sócio comanditário, só não o fazendo por não concordar com a minha retirada, veio finalmente se tornar sócio com noventa contos. Entrou também o Beckman. Durante os quatro

primeiros anos da firma, muito raramente tinha tido oportunidade de me avistar com ele. Tinha, entretanto, tido ocasião de lhe falar, contando a minha preocupação com o rápido crescimento dos negócios e pensando na eventualidade de me acontecer qualquer coisa ou mesmo vir a falecer. O que seria então do negócio, e por isso vinha pensando em conseguir um sócio com quem dividiria o meu trabalho. Ele me havia falado do interesse em se tornar meu procurador, para sócio não lhe seria possível, pois possuía apenas cinco contos e oitocentos. No ano de 1904 aconteceu da mãe do Beckman ficar gravemente enferma e então me pediu que quando fosse possível não deixasse de receber o seu filho como sócio. Bom, prometi e cumpri. Infelizmente vim mais tarde a me arrepender pelo passo dado. Tive com isso muita contrariedade e aborrecimentos. Meu cunhado Diehl se manifestou de acordo com o ingresso de Beckman. Ao falar com o senhor Domingos sobre isso ele imediatamente me perguntou se eu já havia prometido. Em caso afirmativo ele se retiraria da sociedade no prazo de seis meses. Quando lhe perguntei sobre a razão dessa atitude, ele disse que só tinha tido ocasião de falar com Beckman uma única vez, quando ele era auxiliar na *Hasenclever*, e a impressão que tinha tido não era nada boa. Beckman sempre foi homem modesto e cercado de amigos simples, pois até então nunca tinha tido posses, mas ao ingressar na firma, em primeiro de março de 1905, mudou imediatamente. Suas amizades passaram a ser de diretores de bancos e as velhas amizades aos poucos foram sendo esquecidas. Muito bem, ele possuía ao entrar para sócio 5.800\$000 e eu emprestei-lhe de minha conta particular 14.200\$000 e para inteirar a sua quota de capital recebeu da firma Augusto Tolle um crédito em branco no valor de quarenta contos de réis. Porém não me foi informado um pormenor, que eu deveria endossar isso. Só mais tarde, já recebida a mercadoria e inclusive já vendida parte dela, é que Beckman apresentou a mim para endossar cinco promissórias no valor de quarenta contos. Disse a ele: “mas isso o senhor não me disse, que a firma exigia a minha garantia pessoal”. Ele simplesmente me respondeu dizendo: “se não lhe falei foi porque me esqueci”. Que atrevimento e descaramento! Um homem com seu juízo perfeito não esquece uma coisa dessas. Em maio desse ano ele seguiu para a Europa para adquirir mercadorias para a nova seção da loja, ferragens. Na Alemanha ele procurou a firma *Irmãos Wiyersberg*, em Ohligs. Já nessa viagem ele passou a conviver com milionários.

Ele havia lido sobre como fazer isso e saía-se muito bem. Ainda aqui, ele já havia se inteirado de que os escritórios de informações na Europa davam as melhores referências sobre a

nossa firma, mencionando inclusive que com o ingresso de Beckman na firma, homem capaz, ativo e honesto, a sociedade deveria projetar-se ainda mais. Ele acreditava firmemente na sua capacidade de trabalho e vivia repetindo que quando Deus nos dá uma missão nos dá também a capacidade necessária.

No ano de 1906 fiquei sabendo que ele havia declarado em casa de uma família alemã na Avenida Paulista, ter sido ele o responsável pela consolidação dos negócios da firma. Muito cinismo, pois a seção de ferragens, que foi criada por sua iniciativa, fui obrigado a liquidar com prejuízo em 1907, após um bom período de tentativas. Também os lucros da firma nos primeiros dois anos após o seu ingresso foram muito inferiores, 10% e 12%, quando a média dos anos anteriores tinha sido de 35%. Isso eram coisas que me desgostavam e que me opunham contra ele.

O senhor Domingos, que se retirou da firma em fins de 1905, foi sempre um grande amigo meu, e isso até o seu falecimento. Com a saída dele, ingressou como sócio comanditário, com sessenta contos de capital, meu cunhado Manoel Pereira Granja.

Depois de dez anos de Brasil, o senhor não sentia saudades da Alemanha?

Sim, em 1906, quando completei dez anos de Brasil eu fui com a família inteira para a Europa. Na época só tínhamos as meninas, nascidas em 1903 e 1905. Eu me lembro que pouco antes da minha partida, Beckman veio me dar uns conselhos de como eu deveria proceder. Por exemplo, no caso de meu serviço militar, seria de bom efeito dizer que servi como voluntário. O mesmo tivera ele feito. Outro conselho dele: “a gente precisa fazer como os Jesuítas, o fim justifica os meios”.

Essa minha primeira viagem a Europa foi um pouco decepcionante para mim. Eu me sentia bastante estranho em minha terra natal, depois de todos esses anos de ausência.

Após seis semanas de Alemanha eu já sentia grande saudade de minha nova terra, o Brasil. Não sei bem explicar, mas achei tudo tão diferente, as pessoas, de um modo geral, meio mesquinhas. Sei lá. Ficamos, no entanto, cinco meses e meio fora, com parentes e amigos mais íntimos, sendo que a maior parte do tempo com o meu irmão Otto, em Greiwitz. Geralmente não ficávamos mais do que uma semana em cada lugar. Na volta, Otto viajou conosco para o Brasil. Veio fazer uma experiência como procurador da firma. Deixou a família na Alemanha, que veio em seguida. Beckman e Otto haviam sido colegas de escola e se davam muito bem. Em meados

de 1908 e parte de 1909, começou a se verificar roubo de mercadorias. Material caro era roubado, como navalhas, canivetes e tesouras. Não se conseguia descobrir o responsável pelos desvios. Encarregados do assunto eram três funcionários. O controle era constantemente intensificado, mas apesar disso as reclamações continuavam a chegar. Finalmente a coisa começou a exigir uma definição minha. Há muito eu desconfiava do Guedes, era um indivíduo que não olhava ninguém de frente e eu não gostava disso. Ele poderia até ser inocente, mas era necessário iniciar um saneamento na seção. Passados alguns minutos, volta Beckman dizendo nada ser possível fazer, porque os outros dois empregados se despediriam caso o Guedes fosse despedido. Nisto veio a nós o meu irmão Otto, que concordou que não poderíamos ficar sem os três empregados para tocar a expedição. Disse eu então, que nós o faríamos. Afinal, por que tínhamos estado em uma escola de comércio? Era para fazer qualquer trabalho. Cinco minutos mais tarde estavam os três recebendo seus saldos e sendo dispensados. Assim eu costumava agir, apesar da minha constante dor de cabeça que exigia que estivesse sempre pressionando os nervos da frente. Esse problema começou em 1907, era a consequência do muito trabalho que tive nos primeiros anos de fundação da casa. Estava com excesso de ácido úrico no sangue e os médicos não acertavam com um tratamento adequado. A medicina, na época, ainda estava bastante atrasada. Continuava, entretanto sempre tentando com algum novo médico, mas nada. Em 1909 as dores de cabeça eram quase que constantes. Precisava andar com muito cuidado, pois com qualquer movimento mais brusco, sentia a cabeça imediatamente latejar. As dores eram constantes, dia e noite, e me sentia feliz quando podia ter três dias no mês sem qualquer dor.

Pois é, a bisavó Leleta também teve um problema grave de saúde, não?

Em 1909, em um domingo, fomos fazer uma visita aos cunhados Felipe e Candinha; em certo momento, minha cunhada sugeriu que fôssemos todos juntos a um espetáculo que estava sendo apresentado em um teatro da Rua 11 de Junho. Entre outros números, havia um muito comentado nas crônicas dos jornais e que era apresentado por uma mulata de dois metros e dez de altura e que era uma contorcionista excepcional, mundialmente conhecida. Fomos ao teatro e enquanto esperávamos pelo início do espetáculo, Candinha perguntou a Leleta se ela não se sentia mal em um ambiente tão cheio de gente. O teatro estava repleto. Foi o suficiente para que Leleta começasse a se sentir aflita, com vontade de sair. Com muita dificuldade foi possível conduzi-la até uma janela onde ela pôde respirar um pouco de ar puro. Sentiu-se melhor, mas não

bem de todo. Hora e meia mais tarde, quando chegamos de volta a casa, chamei nosso médico, o doutor Walter Seng para que a examinasse. O doutor Seng foi um dos fundadores do Hospital Santa Catarina. Diagnosticou como sendo um abalo do sistema nervoso. Padeceu com isso quase que a vida toda. O doutor Seng também preveniu que Leleta teria sua mocidade na velhice, o que também aconteceu. A partir de 1927 as melhoras começaram a surgir. Quando ela adoeceu estava com vinte e sete anos e em 1927 com quase quarenta e cinco.

Foi por isso que voltaram para a Europa? Para fazer algum tratamento?

No começo de 1910 nós voltamos para a Europa, ambos com problemas de saúde. As crianças viajaram conosco. Elza com sete anos, Hilda com cinco e Huguinho com três anos. Quando lá chegamos, fomos imediatamente procurar médicos especialistas, tendo-nos indicado um sanatório em Eisenach. Começamos lá um tratamento, mas logo notamos que nenhum proveito iríamos obter. Aquilo parecia mais uma indústria, um bom negócio para os proprietários. Quando decidimos deixar a clínica o pessoal fez de tudo para que permanecêssemos. Foi preciso usar de energia. Tanto o diretor como os médicos estavam mesmo interessados em quanto lá poderíamos gastar. De lá viajamos para Gottingen, onde nos indicaram um bom sanatório, o *Provincial Forenhaustalt*. Quando contamos ao diretor e ao médico-chefe como tínhamos sido tratados na clínica de Eisenach, acharam aquilo um verdadeiro absurdo. Recomendaram então para Leleta uma semana na clínica, totalmente separada dos filhos. Seu sistema nervoso estava totalmente abalado. Passou a ter uma superalimentação, podendo comer o que desejasse e devendo se alimentar a cada duas horas, com o tempo todo em descanso. Pela manhã, a primeira alimentação consistia em tomar Zevico, água-forte, além de frutas. Passado exatamente um mês, recomendaram que fôssemos todos para o Harz, os bosques. Leleta achava não ter ainda condições para tanto, mas o médico naturalmente sabia melhor o que fazer. O resultado do tratamento foi excelente. Um mês mais e seguimos para Berlin. Beckman havia escrito pedindo que não voltasse sem antes consultar o professor Reinhold Gerling em Oraninburg sobre o problema de Leleta. Procurei-o e após ter feito uma exposição completa do estado dela disse-me que em toda a Alemanha só havia três pessoas em condições de poder curá-la. Indicou-nos um naturalista que estava justamente para chegar a Berlin, vindo de Frankfurt. Fomos felizes, tanto Leleta quanto eu, que depois de prolongado tratamento acabei ficando curado das constantes dores de cabeça. Em princípios de 1912 estava completamente curado.

Beckman, que fazia a correspondência para o exterior, levava a semana toda para mandar umas poucas cartas. Poucos dias antes do meu embarque para a Europa, ele me convidou para um café. Fomos ao Café Guarani, na Rua XV. Mal havíamos nos sentado ele começou a me perguntar se eu teria alguma coisa contra no caso dele, no novo contrato que seria feito no fim do ano, entrasse com mais capital. Minha resposta foi não, mas enfim perguntei-lhe com quanto desejava entrar. Cento e cinquenta contos de réis, ele disse. Devo ter feito uma expressão de espanto, pois ele me disse: “já sei o que o senhor quer me dizer, mas não precisa se preocupar, pois o dinheiro está a minha disposição”. Revidei que o felicitava pela confiança merecida por outras pessoas e disse-lhe que iria consultar os outros sócios comanditários sobre o assunto. É preciso notar que Beckman nunca abordou assunto de dinheiro com os comanditários, mesmo quando acontecia de haver problemas financeiros. Nessas ocasiões pedia a mim que falasse com Felipe. Isso ele fazia, como apurei depois, não por acanhamento, mas por esperteza. Queria sempre impressionar bem e ele sabia que em questões de dinheiro poderia haver atritos e ele queria estar muito bem com todo mundo.

Devido ao meu problema de saúde, fui obrigado a assinar com ele o novo contrato, apesar de saber muito bem que quanto mais tempo decorresse para a liquidação final, mais difícil ela se tornaria.

E a volta da Europa?

Voltei da Europa em vinte de outubro de 1910. Era meu hábito, no dia seguinte ao meu retorno já ir trabalhar e agora também ir à fábrica que havia fundado um ano antes, em 1909. Após dois dias de minha volta, deixei na loja, em cima da mesa de Beckman, um bilhete com a composição do novo capital para o contrato, ficaria assim, Hugo Heise com 200 contos, Beckman com 150 contos e os comanditários reunidos com 350 contos, em um total de 700 contos. Beckman disse então que tínhamos um crédito em banco de 300 contos e poderíamos trabalhar com um capital de 400 contos, no máximo 500 contos. Retruquei que eu não iria me basear em créditos de banco, mas sim no capital dos sócios. Tivemos atritos e ele então teve a ousadia de me propor que eu também ficasse com um capital igual ao dele, e o excedente ficaria creditado a mim rendendo juros de 10% ao ano. Felipe ficaria com 100 contos, apesar de muitas vezes ele ter na firma mais de 200 contos em conta particular. E o resto do capital ficaria com o Granja. As relações de Beckman com os sócios eram as melhores possíveis, pois ele sabia como bajular,

coisa que eu nunca tolerarei. Desses 150 contos de Beckman, sessenta eram dele e noventa de uma firma exportadora. Ficou acertado o esquema que eu havia proposto.

Meu irmão Otto tomava certas medidas com as quais eu não concordava. Assim, para poupar-me de contrariedades, passei a ir diariamente à loja e à fábrica. Minha saúde ia melhorando a cada dia. Em novembro de 1911 Beckman me abordou e veio com a seguinte conversa: “senhor Heise, noto uma grande diferença no senhor e se é sua intenção admitir seu irmão Otto como sócio, digo-lhe que neste caso me retirarei e que também sairão da casa Hentschel e Zanotta”. Respondi-lhe: “senhor Beckman, se eu decidir colocar meu irmão como sócio, falarei com todos os meus sócios, mas nunca com meus empregados, e o assunto está encerrado”.

Nessa época estávamos morando na Alameda Nothmann, número trinta e cinco. Ali a Leleta passou a sofrer também de reumatismo. O reumatismo foi se agravando nos anos seguintes até que em 1914 voltamos para a Europa, para Leleta se tratar, voltamos rápido para o Brasil porque nesse mesmo período começou a primeira guerra mundial. Em agosto de 1915 o médico recomendou que fôssemos para Poços de Caldas para fazer o tratamento. Durante a permanência lá parece que tudo ia bem, mas Leleta foi aconselhada a não tomar sereno por causa dos banhos sulfurosos. Depois, quando voltamos para São Paulo, ela notou que estava mais sensível do que antes. Somente podíamos abrir as janelas quando o sol já estava a pino e assim que ele se punha precisávamos fechá-las rapidamente. Em 1916 tivemos que nos mudar para Santos.

Só para eu não me perder, o senhor falou que no começo de 1912 estava completamente curado, foi quando reassumi a direção total do negócio?

No dia dois de janeiro de 1912 assumi novamente toda a direção do negócio, pois graças a Deus sentia-me completamente bem de saúde. Em fevereiro seguia Beckman para a Europa, em abril ou maio fiz um pedido a Hugo Klusemann, em Hamburgo, de diversos tornos de precisão para nossa nova metalúrgica. Dois meses mais tarde recebia eu a informação de Klusemann, que Beckman, como de costume, havia dado uma contra ordem. Diante da minha confirmação do pedido, o mesmo foi executado. Conversando com Otto sobre essa atitude, disse a ele que tão logo Beckman voltasse, eu poria fim a esta situação e que minha idéia era colocá-lo no lugar de Beckman. Otto me disse que não aceitaria esta solução, pois não queria parecer ter sido ele o pomo da discórdia. Por mais que eu argumentasse, ele ficou firme em sua decisão. Neste caso, ele

também sairia da firma. Infelizmente tive eu na mesma ocasião a perda de um bom colaborador, o senhor Carlos Zanerin que havia recebido uma bela proposta da Casa Ernesto de Castro & Cia. Esse homem foi sempre muito correto. Nesta ocasião ele me mostrou a proposta, pedindo a minha opinião. Disse-lhe que aceitasse. Ele iria ganhar o dobro do que ganhava na firma. Um ano antes faleceu meu cunhado Luis Rocco, o marido da tia Sinhá. Eu ainda tinha alguns empregados com bons salários.

O tempo foi passando e em novembro voltava da Europa o senhor Beckman. Avisados da data de sua volta, fomos no sábado a Santos aguardá-lo. Devido a um atraso, o navio só chegou na terça-feira. Quando foi sexta-feira, portanto três dias após a sua chegada, Beckman apareceu na loja comunicando-me que só na segunda-feira seguinte reassumiria seu posto na loja. Enchi-me de paciência e fiquei aguardando. Ele estava certo que já era senhor da situação, não contando com a minha energia de homem curado. Na segunda-feira ele se apresentou e eu então lhe disse que gostaria de falar sobre assuntos da firma. Disse-lhe que gostaria de promover alguns colaboradores como interessados na firma. Ele me disse que não havia pressa, pois há pouco havíamos feito novo contrato. Uma semana mais tarde abordei-o de novo e ele respondeu-me que não havia tido ainda a tranqüilidade para pensar no assunto. Tive que me conter, e muito. Oito dias em São Paulo descansando, além das quatro semanas a bordo, também descansando. Era demais. Na semana seguinte volto ao assunto e nada de concreto. O que ele queria era tempo para trabalhar os comanditários contra mim. Era um período de almoço e só nós dois estávamos na loja. Disse-lhe: “o senhor se recorda que há oito anos passados, certo dia o senhor chegou com cinco promissórias num total de quarenta contos de réis pedindo-me que as endossasse? Lembra-se também que na oportunidade nada o senhor me disse de que essa garantia tinha sido exigida? E recorda-se ainda que essas promissórias em um intervalo de dois minutos estavam por mim endossadas? E agora venho ao senhor pela terceira vez e o senhor alega não ter tempo para discutir assuntos da firma?”. Ele me respondeu assim: “se isto é tão necessário vamos ao assunto”. Descemos as escadas e fomos para o depósito de material ferroso. Com toda energia comecei: “desejo convidar meu irmão Otto para sócio solidário e tais e tais empregados a interessados”. Neste caso, disse Beckman, me retiro da sociedade. De imediato estendi-lhe a mão e disse-lhe: “conto com sua palavra”. Ele engoliu em seco, pois estava derrotado. Perguntei-lhe então se ele esperava ter alguma outra atividade como a vida tranqüila que tinha na firma. E os

conhecimentos no ramo de ferragem que ele agora possuía às custas da firma, considerando inclusive as facas de bainha que continuam estocadas desde 1905 quando as comprou, até hoje, 1912, ainda na quantidade inicial. Eu ainda tinha que enfrentar uma luta com meu cunhado Felipe, que por este homem tinha grande simpatia. Procurei Felipe em sua casa e lhe disse que não prosseguiria sem a opinião dele, avisando, porém, que ficava Beckman ou eu. Também de Portugal, Granja escreveu dizendo que não devia deixar Beckman sair, pois o peso do encargo seria demais só para mim, que a energia humana se desgastava. Respondi-lhe que eu só pedia a Deus que conservasse minha saúde e eu então venceria. No dia nove de janeiro de 1913 fizemos nossa liquidação de contas. Finalmente só de novo.

Ao sair, Beckman que era quem cuidava da parte financeira, lidando diretamente com os bancos, procurou deixar-me em uma situação não muito boa em relação a créditos bancários, e isto me trouxe dificuldade, pois volta e meia era pressionado no sentido de liquidar créditos bancários, reduzi-los. O mesmo começou a acontecer com fornecedores estrangeiros com os quais ele havia mantido contatos. Uma exceção devo abrir a uma firma de Hamburgo que trabalhava comigo antes mesmo da entrada do Beckman na firma. Esta esteve ao meu lado. Foi uma luta bastante grande.

E Otto nessa história, ele foi mesmo embora?

Em maio do mesmo ano seguia meu irmão novamente para a Europa. Foi uma pena, pois devido a essa decisão tivemos ambos que enfrentar muitos tropeços. Ele sofreu muito durante a guerra. Tivesse ele ficado por aqui, teria se tornado um homem rico. Mas tinha a cabeça dura dos Heise. O Otto não queria estar um centímetro abaixo de mim. E, de meu lado, eu sempre desejei ter a última palavra. Afinal, apesar de dois anos mais novo que ele, tinha sido eu o fundador da firma. Em julho de 1913 veio o Zanotta pedir a procuração da loja. Disse-lhe que sim, pois há tempos era essa a minha intenção, porém que além de correspondente em português era necessário que ele se interessasse pelo movimento geral da firma, o que até agora não acontecia. Mas que em primeiro de janeiro de 1914 isso seria feito, desde que ele correspondesse ao que eu havia sugerido. Ele se mostrou de acordo, mas no dia seguinte veio a mim dizendo não ter dormido a noite toda, pois se encontrava em uma situação muito incômoda, pois já havia dito a amigos e parentes que ia ser procurador, não podendo esperar tanto tempo. E assim esse também se foi. Esse homem disse em Piracicaba, no ano seguinte, para conhecidos: “nós vamos dar um

tombo no Heise”. Que desejo funesto de um antigo aprendiz da minha firma! Fiquei como único sócio solidário até 1917.

Em 1914 tive a felicidade de contratar um procurador muito competente. O senhor Miurs. Ele havia sido funcionário do Banco Brasileiro Alemão. Hentschel, meu guarda-livros, tinha ficado tuberculoso e foi mantido pela firma, primeiramente a partir de março de 1913 em São José dos Campos, em seguida em Portugal e finalmente em Davos, na Suíça. Isto em um período de dois anos. Quando adoeceu, não tinha nenhuma economia. Infelizmente em 1917 saiu da firma o senhor Miurs. A razão por ele alegada foi de que ele admitia estar em igualdade de condições comigo, e não a altura de outros encarregados. Eram pessoas das quais eu necessitava devido a seus bons conhecimentos de mercadorias e fregueses. Em 1917 admiti como sócios, Eduard Neubarth e Romeu Muller, mas sempre conservando as rédeas comigo.

Voltando ao assunto da Leleta, o senhor disse que em 1916 mudaram para Santos, foi isso?

Como o reumatismo de Leleta piorava cada vez mais, o doutor Diogo de Faria nos aconselhou irmos para Santos e tomar banhos de mar. Assim lá estivemos de março de 1916 até o meio de 1917. Voltamos para São Paulo, mas meses depois tivemos que voltar a Santos, pois o reumatismo piorara e muito. Durante todos os anos que vivemos em Santos, vinham de São Paulo, semanalmente, professores de violino e piano para as três crianças. Os ensinamentos restantes eram ministrados à menina por uma sobrinha de dona Blandina Ratto, em concordância com o ensino do Colégio Stafford, onde ela já tinha estado.

Após 1923, passamos a morar parte do tempo em Santos e parte em São Paulo, o que me obrigava a manter duas residências, devido ao problema de saúde de Leleta. Em cinco de julho de 1924 irrompeu uma revolução em São Paulo. Justamente neste dia eu vinha para São Paulo fazer o pagamento dos operários na fábrica, que recebiam sempre nos dias cinco e vinte de cada mês. Ao chegar de trem no Alto da Serra ficamos sabendo da revolução e que o trem iria só até o Brás. De lá fui a pé até a loja na Rua Florêncio de Abreu, onde o dinheiro estava guardado em um cofre, cerca de vinte contos de réis. Dividimos o dinheiro entre várias pessoas e fomos levá-lo até a fábrica, que ficava na zona mais perigosa, perto do quartel. Nunca, até então, o pagamento foi feito tão rapidamente. Imediatamente voltei de automóvel para junto da família em Santos. Durante vinte e cinco dias só tínhamos notícias. A fábrica ficava um pouco retirada do centro. No

último dia da revolução, bem de manhã cedo quando as últimas tropas já se retiravam, um avião do governo atirou uma bomba de uns oitenta quilos a uma altura de setecentos metros. Destinada naturalmente ao quartel que se situava a uns cem metros da fábrica, destruiu quase metade da fábrica, sem, todavia matar ninguém. São Paulo havia sido abandonada pela população. Logo que fui informado do acontecido procurei e consegui chegar rapidamente a São Paulo. Ao chegar à fábrica se apresentou aos meus olhos um quadro estarrecedor. Um edifício onde estava o escritório e o estoque de mercadorias prontas estava totalmente por terra. Uma mistura de terra e mercadorias, um tormento. Antes que se procedesse ao início de qualquer remoção dos escombros, foi solicitada uma vistoria judicial para mostrar o verdadeiro estado, afim de que o devido processo *ad perpetuam memoriam* fosse iniciado. O avião responsável foi o tenente Pederneiras. Este homem se apresentou no dia seguinte na fábrica a fim de apreciar o que ele havia causado. Este prejuízo, calculado em duzentos e oito contos de réis eu nunca consegui recuperar.

Pois bem, o senhor está falando da fábrica, mas como ela começou?

Iniciei a fábrica em 1909. Em 1908 foi comprado o primeiro terreno na Rua Rodrigues número 31. O construtor Nilsen, que já morreu há anos, construiu o primeiro prédio que media 13x18 metros e custou 14.000\$000, era uma ótima construção. A parte interna foi dividida para a moldagem, fundição e trabalhos em areia. Começou com oito operários e no dia quinze de julho de 1909 fundiu-se pela primeira vez. Depois chegaram dois fornos, máquinas esmeris e tudo funcionando neste prédio. Em 1910 houve necessidade de construir uma sala para tornos de 7,5x30 metros. Em 1912 a pequena casa dos tornos aumentou para dois andares. Para tanto eu encomendei aqueles tornos cujo despacho Beckman iria garantir. Em 1911 eu já possuía tornos de revólver e um jogo de transmissões para grandes tornos e aí eu já tinha mudado os esmeris.

Nos próximos anos devíamos aumentar mais ainda porquanto os pedidos aumentaram tanto que era preciso empregar cada vez maior capital.

No início eu pensei que com 200.000\$000 eu teria uma bela fábrica, no entanto em 1914 eu já tinha aplicado 400.000\$000 e não via lucro nenhum.

Em 1908 Beckman já havia admitido, como ele dizia, um engenheiro chamado Richter. Ele me pediu permissão para tanto, afirmou que era de confiança. Naquele tempo Beckman ainda era manso. Este Richter enganou Beckman e dizia que era técnico em serralheria e que dirigia

uma pequena usina elétrica na Vila Buarque e que iria deixar a fábrica muito bem organizada. Depois foram admitidos um ótimo fundidor e um ferramenteiro. Mal começaram a trabalhar e esses dois alemães não queriam continuar, pois alegavam que Richter não entendia nada do serviço, e diziam ou eles ou Richter. Sem dúvidas despedi Richter e o negócio foi para frente.

Em 1914, quando a fábrica já trabalhava com 400.000\$000 e ainda não apresentava lucros, os sócios começaram a forçar. Eu lhes dizia que em uma fábrica acontece como uma fazenda de café, que só depois de sete anos apresenta resultados.

Com a primeira guerra mundial a derrocada começou. Diziam por todos os lados que tínhamos sobre nós uma boa estrela, eu também achava. Mas em 1929 retornou a crise, essa me derrotou por muitos anos, mas agora finalmente tudo melhorou. Tão grande quanto eu era, não sou nem queria mais ser. Dá muito trabalho.

E como se deu a entrada de seu filho, Huguinho, nos negócios?

Huguinho cursava o Ginásio São Bento até 1925 ou 26 e como era muito crescido, mas não muito forte, ele foi examinado pelo doutor Diogo de Faria e pelo doutor C. Vampre. Ambos me aconselharam que o tirasse da escola e o deixasse trabalhar na fábrica, e foi o que eu fiz.

Ele começou trabalhando na fábrica em um torno de precisão, sob as ordens de Eduardo Olivetto, depois foi para a serralheria, onde forjava seus próprios martelos. Ele não pôde permanecer muito tempo na oficina, mas se tornou um rapaz competente. Em São Paulo não havia outro igual, com capacidade para dirigir uma grande metalúrgica, como Huguinho.

Bom, nós sabemos que a loja fechou, por quê?

Lembra-se quando antes disse uma fala de meu pai “se na vida, algum dia, você chegar a ser alguém e então sofrer um revés e seu nome ficar em jogo, resguarde o nome em primeiro lugar”? Foi o que fiz. Huguinho está a par das minhas dívidas para com meus irmãos e bom como ele é, desde os piores momentos de minha vida, já há dois anos e meio me garantiu que se eu não estivesse em condições de saldar a minha dívida, que ele o faria mais tarde. Há pouco tempo meu irmão Gustav escreveu novamente perguntando sobre o dinheiro. Eu falei com Huguinho, pois ele é o único que está em situação de poder ajudar e ele me disse que eu não me preocupasse com isso, pois ele acertaria tudo. Mas o rapaz tem tanta coisa a fazer que ele acaba esquecendo. Então tenho que pedir-lhe novamente. Minha situação é triste, isto é certo. Em maio do ano passado, lá na chácara, Huguinho me falou que foi bom que eu tivesse perdido aquelas

centenas de contos de réis, pois até hoje eu sou tido como uma pessoa de respeito e com crédito, ao passo que se eu não tivesse guardado meu nome, seria tratado hoje em dia com desprezo. Principalmente ele, Huguinho, lucrou muito com meu tipo de conduta. Mas, às vezes, ainda me recordo das palavras do senhor Nuir que, para homens de meu padrão já não havia mais lugar neste mundo.

Não quero mostrar arrependimento perante meus filhos e netos pelo que eu tenha feito, mas para mim e para minha boa esposa teria sido melhor se tivéssemos pegado meu dinheiro e ido embora de São Paulo.

Os anos voam e a gente começa a notar que, quer queira quer não, se fica velho.

Huguinho certa vez, no ano passado, me proibiu de ir ao serviço no negócio, como obrigação. Até o Sergio havia lhe dito que se ele quisesse ter seus pais por muito tempo, que ele os poupasse, pois seu pai trabalhou mais do que um homem pode trabalhar. Huguinho pediu que eu nomeasse um gerente à altura como a Casa exigia e que eu somente fosse à cidade a passeio e não por obrigação. Eu digo que não me fazia mal nenhum em ir ao negócio, apenas o que me preocupava eram as questões financeiras. Isto para mim sempre foi a pior coisa.

A situação do negócio já estava relaxada desde 1929 e assim ficou enquanto a escrituração tinha ficado sob a responsabilidade do sócio Licínio, em quem eu depositara toda confiança. Afinal, ele era casado com uma de minhas filhas.

Já havia algum tempo eu me tornara sócio comanditário e deixado Romeu e Licínio como os responsáveis para tocar os negócios. Minha saúde já não me permitia muitos esforços.

Os dois enfiaram os pés pelas mãos. Altas vendas fictícias, instalações luxuosas para a loja, que ficaram acima de 60.000\$000 e outras coisas mais. Eles tinham um funcionário que nada mais fazia o dia todo do que coar café e cuidar dos cigarros. Eles viviam nos ares. Estavam tão acostumados com a ginástica creditícia dos bancos que já não podiam viver sem ela. Romeu fazia negócios com o banco do Neiva. Naquele tempo ainda não se falava em “papagaios”. Todavia em 1926 o negócio ficou perigoso e eu solicitei dos dois que concordassem comigo, que Romeu não tinha gabarito para continuar negociando, que as coisas com o Neiva fossem liquidadas. Eles não ouviram o meu conselho e aumentaram cada vez mais os depósitos e vendas e, naturalmente, as responsabilidades.

Assim chegou 1928, como, aliás, me havia dito dias antes meu velho amigo e sócio Eduard Neubarth, quando conversamos sobre este assunto. Disse-me que havia dito a Romeu que achava muito alto e perigoso um empenho de Neiva de 400.000\$000. Neubarth disse mais tarde que, antes de sua viagem à Europa em 1929, Romeu lhe havia feito uma proposta e que a dívida com Neiva era, nessa altura, de 600.000\$000.

Eles começaram a fazer reclame nos bondes, estradas de ferro, jornais, no tamanho de meia página na primeira página do “Estado de São Paulo”, cujo preço era de 6.000\$000 por página. Que isto aumenta a freguesia é verdade, porém mais fregueses, maior devia ser o estoque. Assim as importações aumentaram consideravelmente e era preciso procurar créditos maiores junto aos bancos.

Há pouco um representante da *Twynford* me dizia que Hugo Heise & Cia eram seus melhores clientes e que em 1928 eles tinham recebido um pedido no valor de duas mil e quinhentas libras esterlinas, um negócio. Assim o negócio não podia dar certo mesmo.

Há dois anos, mais ou menos, esses fatos vieram à tona, porém, em consideração a nossa família, não tocarei aqui neste assunto e nem esclarecerei o porquê. Os parentes, aos quais eu contava, me responsabilizavam.

Huguinho, que se tornou o cérebro do negócio, disse que seria impossível continuar com Licínio na direção da casa. Ele conseguiu que o Cyro, voltasse para a loja. O Cyro era primo de Huguinho. Quando ele foi se inteirando da situação foi logo percebendo que havia muita coisa errada, o que Licínio lhe havia contado antes não correspondia à realidade. Licínio procurou acertar as coisas do trabalho com Cyro para viverem bem. Mas isto não foi possível, pois Cyro encontrou a escrituração em péssimo estado de atraso. A mim não era mais possível continuar, eu já contava com sessenta e seis anos de idade e não podia mais agir como nos tempos idos.

Huguinho sabia que eu tinha colocado uma cláusula no contrato da sociedade que me permitia dar uma procuração a ele para ocupar o meu posto na gerência. Eu fiz isso e ele assumiu.

Muito bem instruído por Cyro, ele ameaçou desfazer a sociedade e por fim Licínio saiu à procura de outro lugar. Ele saiu em fins de fevereiro depois de apresentar um balanço fictício correspondente ao ano de 1935, no qual dizia haver um lucro de 100.000\$000 que, na verdade, era negativo e isto eu estou falando contra a minha vontade, mas meus filhos e netos poderiam fazer mal juízo de mim, se eu não falasse.

Hoje me encontro em uma situação que não desejo a ninguém de minha idade. Podia ser muito pior se eu não tivesse o filho que tenho, pois então eu teria saído a pedir esmolas.

A casa precisou ser liquidada. E usei todo o meu dinheiro para pagar as dívidas contraídas pela má administração da loja.

E foi isso. Assim vivemos eu e minha fiel e brava companheira que, aliás, foi e é uma mulher da qual não se pode fazer idéia e desejar melhor mãe para os seus filhos ou para nossos últimos dias em tranqüilidade. Nunca tivemos a real felicidade na riqueza, porém tivemos paz em nossa família. Aliás, a pobreza nem sempre traz felicidade e a riqueza não é vergonha, naturalmente se se tratar do modo como ele foi adquirida.

Esforcei-me muito para dar um bom homem e um bom pai, como minha esposa o merecia. Se acaso nunca cheguei a ser isso, não cabe a mim a culpa. Fiz todo o esforço possível.

Queria deixar registrada uma última coisa para meus filhos, netos e bisnetos. Que soprem os ventos lá fora no mundo, minha casa será sempre o meu retiro.

Muito obrigado pela conversa.

Hugo, entre uma baforada e outra do seu cachimbo, desaparece na fumaça.

CAPÍTULO 2

Depois da conversa com o meu bisavô, volto as minhas atenções para o seu filho, meu avô, Hugo também. Ambos acomodados em nossas cadeiras eu lhe pergunto o básico.

Quais as primeiras lembranças que o senhor tem e poderia nos contar?

As passagens e fatos mais antigos dos quais me lembro são a partir dos meus quatro anos e meio para cinco anos de idade. Eu nasci em São Paulo no dia dezenove de novembro de 1907, em uma casa assobradada na esquina da Alameda Glette com a Alameda Cleveland. Porém o início de minhas memórias se dá já na casa da Alameda Nothman, número trinta e cinco, junto à esquina da Rua Conselheiro Nebias. Era um correr de casas iguais, assobradadas, com porão habitável. Em direção à Alameda Guaianases, pegado a nós, morava a dona Manoelinha Vergueiro de Lorena, mãe do senador César Vergueiro. Em frente a nós morava a família Silva Telles. O interessante é que guardei naquela ocasião a impressão de que a casa dos Silva Telles, no alto de uma elevação, tinha a aparência de um castelo com um enorme gramado na frente. Muitos anos mais tarde, certa vez passando por lá tive a impressão de uma casa mais do que normal e uns poucos metros de gramado na frente. Engraçado como para as crianças tudo se parece grande e, às vezes, até descomunal.

Quando eu nasci, passou a morar conosco o meu primo Romeu, então com quinze anos. Ele era filho de meus tios e padrinhos Julio Muller e tia Marica. Também o Romeu era afilhado de papai e mamãe. Essa responsabilidade pela educação e encaminhamento do Romeu na vida profissional foi muito bem recebida por todos e ele passou a ser considerado como mais um filho em nossa casa.

Nessa época chegou pelo telégrafo a notícia que minha avó Catharina havia falecido em Piracicaba. Ela já andava bastante doente, após uma viagem conosco para a Alemanha. Na volta ao Brasil, a bordo do navio, uma cartomante lhe fez uma série de previsões sobre o futuro, e, naturalmente sugestionada com o que ouvira, começou a não mais se sentir como até então, uma mulher de grande saúde e disposição.

Outra coisa que me lembro era que papai tinha conseguido a representação dos automóveis franceses da marca *Roché-Schneider* e chegou a vender vários desses carros. Para a época era um luxo. Quando mamãe pretendia visitar alguém em lugares mais distantes, ia um

chofer, o Alfredo, buscá-la, pois o papai fazia questão que assim fosse para fazer propaganda. Infelizmente, pouco depois veio a guerra de 1914 e os franceses lhe tiraram a representação.

Em meados de 1913 mudamo-nos para uma casa que papai havia construído na Alameda Guaianases, entre a Nothman e a Glette. Ficava bem em frente ao portão dos fundos do Palácio do Governo. De tarde, quando da rendição da guarda, eram dados aqueles toques de corneta, tristes e nostálgicos. Mamãe, que nessa época já se ressentia muito com o sistema nervoso, ficava em um estado de prostração muito grande. Logo papai se convenceu de aquilo não podia mais se prolongar por muito tempo. Leilou tudo o que tínhamos e vendeu a casa. Comprou passagens para a família toda e lá fomos para a Alemanha, de novo. Era 1914.

Como foi a viagem, o senhor se lembra dela?

Sim, Hilda e eu sempre fomos os mais levados lá em casa. Nessa viagem a Alemanha íamos muitas vezes com o papai fazer lindos passeios por aqueles bosques maravilhosos. Mamãe precisava de muito repouso. Com os problemas que surgiram com a guerra que irrompera, tão logo mamãe se recuperou começamos a viajar de um lado para o outro. Em muitas ocasiões mal a gente chegava a um hotel e lá vinha um aviso mandando que os hóspedes evacuassem o hotel até determinada hora, pois a criadagem toda estava intimada a se apresentar às autoridades para receber novas atribuições, os homens para o serviço militar e as mulheres para outras atividades. Nesses intervalos de desarruma e arruma de novo a bagagem, aproveitávamos, eu e Hilda, para as maiores traquinagens possíveis. Mal pegávamos uma rampa gramada e aquilo fazíamos de tobogã, o resultado, já sabe, ficávamos praticamente sem calças. Mamãe, coitada, já não sabia mais como nos controlar. Também as boas sovas dadas pelo papai não faltavam.

Conseguimos embarcar para o Brasil e iríamos atravessar o Estreito de Gibraltar à noite. Durante aquele dia os ingleses haviam tido muito trabalho com a vistoria de grande número de embarcações. Era quase duas horas da manhã quando estávamos passando pelo estreito. O navio em que estávamos era de bandeira italiana, por isso os encarregados pela vistoria simplesmente perguntaram ao capitão do navio se havia alemães a bordo. A resposta foi negativa, mas isso foi por uma questão de simpatia, pois ele bem sabia que no navio dele havia não só o papai como ainda vários outros alemães, mas tidos em casos especiais, seguiam com mulher e filhos pequenos. Ora, se fossem esses homens apanhados, seriam levados para a África e aí iriam ficar até o fim das hostilidades. Teriam então as esposas de viajar sozinhas com os filhos. Por uma

questão de humanidade, o capitão resolveu assumir essa grande responsabilidade. Imaginem se a coisa fosse descoberta, como ficaria a situação desse comandante! O papai nunca mais deixou de mostrar a sua gratidão por essa atitude e todas as vezes que esse navio *Principe di Udine* aportava em Santos, lá ia ele fazer uma visitinha, levando sempre uma bebida ou qualquer outra lembrança. Tempos mais tarde esse comandante deixou o comando da embarcação e a coisa acabou. Durante essa viagem de volta ao Brasil, várias vezes tive que ficar trancafiado no camarote por causa das minhas inconveniências. Era comum eu sair com certas expressões como *ich schiesse die Franzosen tot*, que significa, eu mato todos esses franceses. Depois da volta passei vários meses enrolando o português com o alemão.

E quando vocês chegaram de volta ficaram pouco tempo em São Paulo, e logo foram para Santos?

Foi, ficamos morando na Alameda Cleveland e eu cheguei a ser matriculado no primário do Ginásio São Bento. Durou pouco, pois já em 1915 nos mudamos para Santos para uma temporada. Fomos morar na Praia do José Menino no número 179. Eram dois sobradinhos geminados e aí fomos vizinhos do senhor Alfredo Freire, casado com a dona Alice. Gente muito boa e que mais tarde foram padrinhos de casamento do Mario Sampaio Coelho com a minha sobrinha Ruth. Mario era grande amigo do casal e chegou a trabalhar com o senhor Alfredo durante uns tempos na casa de despachos que este tinha em Santos.

Durante esse tempo em que fiquei em Santos, eu estudei na Escola João de Deus. A nossa ida para Santos foi para tentar uma melhora para o reumatismo de mamãe. Coitado do papai, precisava viajar três vezes por semana para cuidar dos negócios dele em São Paulo. A época era duríssima, pois ele estava com ambos os negócios, a loja e a fábrica, na lista negra dos aliados. Na fábrica ele conseguiu resolver o impasse, solicitando ao senhor Luis Pinatél, que era de origem francesa, que assumisse o cargo de gerente geral da firma. Com isso foi conseguido que a fábrica fosse tirada da lista negra. Já na loja a coisa foi mais difícil, mas, mesmo assim, com a graça de Deus, tudo acabou se resolvendo, pois em 1918 a guerra acabaria com a vitória dos aliados. O fato é que o trabalho era muito e papai não podia contar com algum sócio eficiente e só podia contar com alguns poucos colaboradores. Ia de manhã para São Paulo com o trem das oito horas e chegava de volta a Santos perto das oito horas da noite. Quando não chovia íamos esperá-lo no bonde número quatorze que vinha da estação. Em princípios de 1917 tivemos uma

célebre greve geral em São Paulo que durou vários dias. A coisa foi feia. Naquele tempo, palavras do então presidente do Estado “greve se acaba com patas de cavalo”. Nesse período, quando papai viajava para São Paulo, tendo inclusive que ir à fábrica, ficávamos em Santos rezando para que nada de grave lhe acontecesse. Graças a Deus ele sempre esteve conosco.

E como foi a volta para São Paulo?

Em meados de 1917, tendo mamãe obtido boas melhoras com os banhos de mar e, tendo papai, mais do que nunca, necessidade de uma permanência maior próximo dos negócios, foi decidido que voltaríamos a morar em São Paulo. Fomos para um grande sobrado na Avenida Água Branca, de propriedade do professor Jorge Americano. Ficava quase em frente aos portões do Parque Fernando Costa.

Foi nesta ocasião, com dez anos de idade, que comecei a estudar violino com o professor Guido Arcolani. Tive rápido progresso e, um ano mais tarde, quando fomos forçados a voltar para Santos, o professor Arcolani ia todos os domingos a Santos, onde dava aulas para mim e para Hilda, que também estava estudando com ele. Era um ótimo professor.

E como o senhor disse, mais uma vez para Santos.

Em 1918 tivemos que voltar para Santos onde fomos morar em um sobrado junto ao Parque Balneário. Nessa ocasião São Paulo enfrentou a gripe espanhola. A cidade ficou deserta. Só não saiu quem realmente não tinha a menor possibilidade. O Romeu e a Nair, sua esposa, e os seus filhos, foram todos ficar conosco em Santos. Em fins de 1919 novamente voltamos para São Paulo, indo morar na Rua Conselheiro Nébias, entre a Nothman e a Ribeiro Silva. Ficamos aí poucos meses, pois a casa era muito ruim. Mudamos para a Rua Fausto Ferraz, no Paraíso, e logo em seguida, em princípios de 1921, para a Rua Haddock Lobo e em 1925 para a Rua Augusta.

Ufa! Então estamos de volta a São Paulo?

Devido à condição de saúde de mamãe, nós mudamos muito. Nesse período cheguei a estudar em oito escolas diferentes. Outro dia fiz as contas e descobri que até me casar, morei em dezoito casas diferentes.

Somente em 1920, quando conseguimos nos estabilizar um pouco mais em São Paulo, após um período de boas melhoras para mamãe em Santos, foi que fiquei dois anos seguidos na Escola Alemã da Rua Olinda, que depois passou a ser o Colégio Porto Seguro.

Desde o início da minha vida tenho sido um homem feliz em todos os sentidos. A começar pelos pais que tive a ventura de possuir. Foram sempre formidáveis com a gente. Nunca ouvimos, em nossa casa, uma discussão entre eles. Se havia alguma divergência, e é claro que tinha que haver, pois acontece entre qualquer casal, essas eram resolvidas entre quatro paredes, mas nunca na presença dos filhos. Jamais houve uma contra ordem quer do papai, quer da mamãe. O que um dizia estava resolvido. Havia disciplina, o que é muito importante para a preservação da família. Em casa sempre tivemos conforto, apesar de nunca ter havido extravagância. As mínimas coisinhas eram observadas. Tenho tido a oportunidade de contar que até a maneira de usar a manteiga na mesa era ensinada. Diziam eles que gordura em excesso não é bom para a saúde. Aliás, sempre disseram que nada em excesso é bom. O meio termo é o ideal. As maneiras na mesa, no trato entre os irmãos, a arrumação com as roupas, a higiene, tudo era sempre fiscalizado com rigor pela mamãe. Minhas irmãs foram educadas e preparadas para atenderem da sala à cozinha, sempre freqüentaram bons colégios, entre os quais o Stafford, na época o melhor de São Paulo. Mamãe cozinhava muito bem e soube transferir isso às filhas. E é por essas e outras que eu até hoje, diariamente, agradeço a Deus nas minhas orações pelos pais que eu tive, que souberam cumprir com suas obrigações como melhor ninguém poderia ter feito.

Como já contei, morei em muitas casas. Uma, entretanto, me marcou sobremaneira, a da Rua Haddock Lobo, número quarenta e cinco. Na época eu estava com quinze anos. Nessa casa casaram-se Elza e Hilda, em 1921 e 1922 respectivamente. Os casamentos foram realizados no rito protestante e após a cerimônia religiosa, houve em ambos os casórios um jantar oferecido aos padrinhos e amigos íntimos. Um pequeno conjunto musical, “Maestro Cruz”, tocava lindas valsas. No casamento da Elza, o Zezinho teve como padrinho o doutor João Dente, que era padrinho de batismo dele. João Dente foi um dos grandes advogados que São Paulo teve naquela época. Fez, ao champanhe, um discurso belíssimo. Essa casa prestava-se muito para cerimônias assim. Foi pelo papai alugada de um judeu alemão que tinha joalheria na Rua XV. Chamava-se Bamberg. A casa foi alugada com todos os móveis. Uma instalação muito sóbria, estilo alemão. Lembro-me muito bem do seu escritório, que era o *fumoir* do papai. Lá ele ia à noite após o costumeiro passeio a pé com mamãe, fumar o seu Havana e ler o jornal. De dia, era minha sala de estudos. Era totalmente forrada em lambris, móveis de couro legítimo, se bem que na época nem existiam as imitações, uma maravilha de sala. Vivia impregnada de um aroma de fumo bom e

aquilo dava uma sensação de austeridade, de peso. Essa sala dava para os fundos da casa do senhor Jorge Morais Barros. Ali tinha sido preservada uma área bastante boa para se poder andar de bicicleta, havia uma paralela para ginástica, onde uma vez por semana vinha o sargento Batista da Escola de Educação Física da Força Pública me dar aulas de ginástica. Como já disse, nunca nos foi negado nada que fosse para o bem da saúde ou da instrução.

Elza e Hilda estudaram piano, sendo que Hilda também estudou violino como eu. Em 1922 quando eu ingressei no Colégio São Bento, fui convidado a ingressar na orquestra como segundo violino. O regente era dom Alquino. Logo em seguida passou a me chamar para os ensaios de um pequeno quinteto que ele mantinha para, com o acompanhamento do órgão recém inaugurado, que ele tocava com perfeição, apresentar-se quando havia casamento de gente ilustre, que na época eram invariavelmente realizados na Igreja São Bento. Isso para mim passou a ser muito divertido, pois tinha oportunidade de assistir a grandes cerimônias, além de poder muitas vezes fugir de certas aulas cacetes de latim ou outra matéria chata qualquer. Nessa mesma ocasião o senhor Arcolani me convidou para tocar na Orquestra Sinfônica que se apresentava no Municipal. Toquei como segundo violino ao lado do mais tarde corretor de imóveis, Waldemar Mesquita. Tive que abandonar logo a orquestra, pois os ensaios eram muito puxados e em grande número, chegando a atrapalhar os meus estudos. Nessa altura, formamos um quarteto de cordas, o Carlitinho Zanotta ao piano, Renato Silveira da Motta e eu, primeiro e segundo violinos, respectivamente, e Renato Moto no violoncelo. Tocamos durante uns dois anos e por razões diversas dispersamos o grupo. Em 1925 formamos um Jazz. Odilon Chaves, baterista, Assis Naban, campeão de arremesso de peso, no banjo, Polaca e eu nos violinos, Sampaio e Nascimento no piano e Otto Way no pistão. Éramos todos do Clube Regatas Tietê. Chegamos a tocar na Rádio Educadora São Paulo, então recém inaugurada e funcionando no antigo Palácio das Indústrias, no parque dom Pedro. Tocávamos muito em reuniões familiares, passando o conjunto a ser muito requisitado. O nome do conjunto era EX-K-XO. Não havia muitos conjuntos na época e aparelhos de som nada mais eram que vitrolas vagabundas com volume quase nenhum em uma reunião barulhenta. Tínhamos um repertório de músicas para dançar muito bom, éramos todos muito foliões de modo que se pode facilmente imaginar como a coisa pegou bem. Numa noite, quando voltávamos de uma das nossas exibições, ao passar em frente do Edifício Sampaio Moreira, na Rua Libero Badaró, o Chaves reconheceu o guarda do prédio. Como era seu

conhecido conseguiu que entrássemos no prédio. Fomos até o décimo segundo andar, no topo do prédio, o mais alto da época. Tivemos então um panorama lindíssimo sobre o Vale do Anhangabaú. Isto era São Paulo em 1925. Um arranha céu de doze andares, o mais alto da cidade e a cidade com setecentos mil habitantes.

Fomos ficando cada vez mais conhecidos e já não dávamos para as encomendas. Resultado, íamos deitar de madrugada quase todas as noites e tínhamos que levantar cedo para o trabalho. Em 1926 houve na fábrica uma homenagem para meus pais, que estavam comemorando bodas de prata. Houve cerveja, sanduíches e, sobretudo, muita alegria. Papai sempre foi muito estimado pelos seus empregados e operários, pois apesar de muito enérgico e exigente, foi também sempre muito justo e tratava todo seu pessoal com muito respeito e humanidade. Quando eu era menino, toda vez que ia com ele na fábrica, me fazia ir cumprimentar o velho Paulo Amaral, porteiro mulato da fábrica. Uma vez papai me disse que sentia maior prazer em apertar a mão de um operário honrado do que a de certos banqueiros muito ricos. Nessa comemoração foi ofertado ao casal aniversariante uma estatueta de bronze com uma dedicatória muito bonita. Essa estatueta se encontra na minha sala de estar. Todos contribuíram para sua aquisição, desde o mais alto funcionário até o mais humilde *office boy*. De noite, em casa, houve uma pequena recepção, bem íntima, e o nosso conjunto de *jazz*, muito a contragosto de meus pais, fez uma belíssima exibição, uma barulheira dos diabos. A uma certa hora, não me lembro qual dos primos chegou para mim pedindo que encerrássemos o belíssimo espetáculo, pois papai já tinha precisado se retirar de tanta dor de cabeça. Acho que isso foi um dos motivos para o basta que ele acabou dando dias mais tarde. Obrigou-me a encerrar com a coisa, pois já não estava nem mais podendo descansar o suficiente e necessário. A partir daí fui deixando o violino cada vez mais, pois não tinha mais oportunidade de tocar. Somente por volta de 1935, quando já amigo do Oswaldo Certain, que passou a morar comigo na chácara, é que, às vezes, com mais alguns acompanhantes, fazíamos umas serenatazinhas lá pelos lados da Higienópolis, onde ele tinha uma namorada. O Oswaldo acompanhava muito bem no violão. Depois de casado, passamos nós, Maria Isabel e eu, a tocar mais vezes à noite, em seguida ao nosso invariável passeio a pé. Ela ao piano e eu no violino. Hoje nem sequer sou capaz de segurar o instrumento devido a umas dores reumáticas.

Em princípios de 1922 meu pai achou que era chegado o momento de eu me aprimorar nos meus conhecimentos de português, afinal eu era brasileiro e, como tal, tinha a obrigação de saber dominar corretamente a minha língua. Na Escola Alemã o ensino era ótimo, mas todas as matérias eram ministradas em alemão. Isso trouxe para mim uma grande dificuldade para ingressar no São Bento. O que valeu foi que papai tinha lá boas amizades com dom Miguel Kruze, o abade, e com dom Domingos Schelhorn, o reitor do ginásio, e assim conseguiu que eu fosse aceito para um exame de admissão. Consegui a minha matrícula para o segundo ano ginasial. A amizade do papai com os padres começou com a construção da nova Igreja São Bento, que ficou pronta por volta de 1912. A fábrica e a loja forneceram muito material para essa construção, principalmente material para iluminação, lustres, essas coisas, que até hoje lá se encontram.

Bem, voltando aos meus estudos, devo dizer que o início na São Bento foi bastante duro. Quem muito me valeu nessa ocasião foi um certo professor Kraemer que dava aulas particulares e que, entre outros, tinha como aluno o Edgard Lobo que cursava o ginásio do Carmo e que, mais tarde, como médico pediatra atendeu muitas vezes as crianças do José Roberto e Cristina. O senhor Kraemer lecionava línguas, inclusive latim e grego, matemática, história universal, história do Brasil, geografia e não sei mais o quê. Era um poço de cultura. Entretanto, uma figura exótica, sempre mal arrumado e com sua indefectível bicicleta. Acho que nunca chegou a andar de bonde. Ele morava na Rua Ribeiro Silva, atrás do Jardim da Luz. Vinha dar aulas para mim na Rua Haddock Lobo, junto à Avenida Paulista e também para o Edgard Lobo, no Jardim América. Quando lá ia, tinha que subir toda a Rua Augusta na volta. O último quarteirão, antes da Alameda Santos, tinha que fazer a pé, empurrando a bicicleta. O coitado já devia ser homem de mais de sessenta anos. Era uma boa pessoa e muito paciente com os alunos. Tinha um verdadeiro dom para transmitir conhecimentos. Graças a essa habilidade fez com que, no meu caso, que estava começando com tanta dificuldade, já no primeiro mês de aulas, conseguisse, em uma classe de quarenta e nove alunos, ser o oitavo colocado. Tive como colegas alguns bons companheiros, como foi o caso do Alfredo Zanotta. Todos os Zanottas sempre foram muito amigos, pois já nossas mães o tinham sido desde solteiras. Outros companheiros foram o Helmuth Haucke, que tocava comigo na orquestra, os irmãos Zeca e Chico Cintra Gordinho, o Plínio Ribeiro da Silva, o Mário Autuori, fundador e diretor do Zoológico de São Paulo, o João Batista Leopoldo

Figueiredo, mais tarde presidente da Scania Vabis, o Coriolano Cobre, mais tarde delegado de polícia, o Mario Cintra Leite, que foi presidente da Telesp e alguns outros cujos nomes me fogem da memória. De acordo com os regulamentos da época, para que se pudesse fazer o vestibular para qualquer faculdade, era preciso prestar doze exames preparatórios no Ginásio do Estado, sendo que não podia prestar mais do que quatro por ano. Os exames tinham que ser no Ginásio do Estado, pois os outros ginásios não eram reconhecidos pelo governo. Já em fins de 1922, prestei os primeiros quatro exames, fui aprovado em dois e reprovado nos outros dois. Em fins de 1924, tinha meus dez preparatórios no papo e faltavam, portanto, somente mais dois que iria prestar no fim de 1925. Estaria então com dezoito anos e apto para prestar o vestibular para a Politécnica. Estava tendo nessa ocasião muita facilidade para os estudos e acho que isso decorreu da boa base que vinha construindo, principalmente, a partir de 1922 no São Bento.

O senhor não chegou a fazer o vestibular para a Politécnica, não?

Em março de 1925, após muitas reflexões, resolvi largar os estudos. Via eu, então, grandes e rápidas possibilidades na fábrica, na época Fábrica e Metalúrgica São Paulo. Reconheci mais tarde que havia feito uma grande bobagem, mas o que fazer, coisas de moço. O coitado do papai é que na ocasião ficou desolado. Portanto no dia vinte e três de março de 1925 iniciei como aprendiz de escriturário nos escritórios da fábrica. Essa data coincidiu com a partida para a Europa, em gozo de férias, do sócio gerente do papai, o senhor Oscar Seidel e com uma crise de energia elétrica que se iniciou lentamente em 1924 e perdurou até meados de 1926.

Então agora o senhor é um funcionário da fábrica?

Sim e fui me familiarizando rapidamente com os serviços de correspondência, registro de pedidos, controle de estoque, serviços auxiliares de contabilidade, e alguns outros. Dois meses passados, estava o senhor Seidel de volta e iniciei, então, um estágio nas oficinas. Comecei pela fundição onde moldei caixas para fundição e trabalhei na macharia. Outros trabalhos de fundição como corte de canais, rebarbação e esmerilhagem eu não fiz, pois levando em conta a minha idade eram considerados perigosos. Daí passei para a usinagem e em seguida fui para a mecânica, onde trabalhei com torno mecânico, plaina e serra mecânica, e fazia também serviços de bancada. Limei muita ferramenta, fiz martelos, placas para tornos e uma série de outras coisas. Trabalhei também na forjaria, onde aprendi a temperar ferramentas e na galvanoplastia, que eram banhos de cobre e níquel, o cromo ainda não tínhamos, estava começando a ser usado no exterior.

Durante a crise de energia que assolou todo o estado nos anos de 1924 até 1926, tivemos que substituir os motores elétricos por motores Ford, estacionários, de quatro cilindros, movidos à gasolina, o que resolveu o nosso problema de maneira excepcional. Muita indústria o fez com geradores a óleo, mas meu pai achou que a solução com pequenos motores era preferível, e acertou. Ao findar a crise não tivemos a mínima dificuldade em nos desfazer dos pequenos motores à gasolina.

Voltando ao meu estágio. Encontrava-me ainda nessa fase quando, em julho de 1927, o senhor Seidel faleceu repentinamente, vítima de intoxicação alimentar, proveniente de aspargos enlatados. Não se conhecia ainda os antibióticos. Eu me encontrava em férias na chácara da dona Ema Zanotta em São Roque e fui chamado às pressas para São Paulo. Comecei a assumir, então, a gerência da fábrica. Não tinha ainda nenhuma experiência em administração e já tínhamos nessa época cerca de quatrocentos operários trabalhando. Como sempre me dei muito bem com o meu primo Cyro, convidei-o para trabalhar comigo. Passamos a morar juntos na chácara na Freguesia do Ó. O Cyro era formado em contabilidade e já tinha bastante experiência, apesar dos seus vinte e sete anos de idade. Também convidei para integrar o meu *staff* o Odilon Chaves, nessa ocasião trabalhando na loja como correspondente. Tinha ele vinte e cinco anos de idade e era um homem muito competente, trabalhador e inteligente. Foi uma temporada muito agradável. À tarde, quando o tempo era bom, mamãe mandava o Afonso, nosso motorista, levar para a fábrica o nosso jantar, coisas como macarronadas, beringeladas e assados, tudo uma delícia, pois mamãe cozinhava muito bem. No final do expediente seguíamos para a chácara levando a nosso bóia, deixávamos na casa do caseiro aquecendo e íamos para nosso banho em uma lagoa que existia na parte baixa da Freguesia. Lá o Cyro construiu um trampolim e, inutilmente, procurou me iniciar na arte dos saltos ornamentais. Eu sempre fui um fracasso para essas coisas. Jantávamos e ficávamos apreciando a tranquilidade da noite. Tinha-se uma vista belíssima da cidade iluminada. Na manhã seguinte íamos tomar o nosso café na fábrica, depois de apanhar um pãozinho fresquinho na padaria do caminho. Eu almoçava em casa com papai, mamãe e Ruth, que morava conosco. Depois de tarde, a rotina se repetia. Foi um tempo muito gostoso. A fábrica funcionava muito bem, não havia problemas financeiros, enfim, tudo como preciso para uma vida tranqüila. Assim fomos tocando os negócios após o falecimento do senhor Seidel. No meu aniversário de vinte anos, recebi como presente a minha emancipação, uma procuração geral de

meus pais para tratar dos interesses deles quando de uma eventual ausência, uma procuração geral da firma Hugo Heise & Cia, proprietária da fábrica e o cargo de gerente geral da Fábrica e Metalúrgica São Paulo. O peso de toda essa responsabilidade foi grande, mas, como sempre aconteceu na minha vida, Deus me ajudou e eu me saí muito bem, felizmente.

Vinte anos de idade e já gerente geral da fábrica, e agora?

A primeira coisa que tratei de organizar foi um catálogo atualizado. Para trabalhar com o que até então existia era preciso longa prática. Tratamos, eu e meus companheiros, de organizar um que fosse bem racional, onde um prefixo indicasse uma coisa, outro indicasse outra coisa e assim por diante. Quando da apresentação aos fregueses, foi uma gritaria geral. Raramente as pessoas gostam dessas mudanças. No princípio tudo é mesmo meio difícil. Os mais novos aceitaram a coisa com mais boa vontade, mas os mais antigos esbravejaram um bocado. Não me esqueço do senhor Carlos Zenerin, sócio de Beckman & Cia, grande freguês. Quando fui levar a ele um exemplar, só faltou me por para fora da loja, ele dizia: “é isso que acontece quando um pai põe na direção de uma empresa um filho inexperiente”. Confesso que nesse dia sai de lá totalmente arrasado. Passado o primeiro impacto, voltei ao meu entusiasmo de sempre, pois, graças a Deus, nunca me faltou a autoconfiança necessária. Poucos meses mais tarde, o senhor Carlos mandava pedir que passasse pela loja dele, pois desejava falar comigo. Quando lá cheguei, foi logo dizendo que dava a mão à palmatória, pois examinando melhor todo o catálogo, tinha chegado à conclusão que eu merecia parabéns pela maneira racional com que o mesmo havia sido feito e que realmente vinha facilitando bastante a elaboração dos pedidos. O senhor Carlos, homem muito mais velho que eu, tinha grande experiência no ramo. Tornou-se com o tempo um grande e muito bom amigo. Mais tarde quando me casei, presenteou-nos com dois pássaros de prata que até hoje temos na nossa sala. Foi um bom homem.

Desde quando Elza e Hilda se casaram, passou o papai a creditar aos três filhos uma porcentagem dos lucros dele na firma, cada fim de ano. Minha parte fui sempre deixando na fábrica em conta corrente que rendiam juros de 6% ao ano. Um juros muito bom, pois vivíamos uma fase de grande estabilidade. Fui assim engrossando a minha conta. Tudo o que vendia, o automóvel que ganhei de meus pais, o terreno da Alameda Ribeirão Preto que tinha ganhado deles e que vendi novamente a eles, tudo enfim, fui sempre pondo na minha conta corrente. Foi o que me possibilitou mais tarde, em junho de 1931, entrar para sócio solidário da fábrica com um

capital de duzentos contos, dos quais cento e sessenta e dois contos realizados e trinta e oito a realizar. Sobre o terreno devo esclarecer que por volta de 1926, papai comprou do senhor Kesselring uma área de aproximadamente dois mil metros quadrados, na esquina da Alameda Campinas com a Alameda Ribeirão Preto, pagando pelo mesmo cerca de quarenta contos de réis. Inicialmente papai havia tido idéia de construir no meio do terreno uma casa para nós. Pensando melhor, achou que seria um investimento grande demais para quem tinha sido tão modesto e parcimonioso. Havia também uma outra razão para a mudança dos planos, é que bem próximo, na esquina da Alameda Campinas com a Rua São Carlos do Pinhal, existia um convento de Carmelitas, cujo campanário emitia uns toques de sino muito tristes e que para o sistema nervoso da mamãe não combinavam nem um pouco. Resolveram mudar os planos e dividiram o terreno entre os filhos. Devo aqui esclarecer o seguinte, como filho incluía-se o Romeu que sempre assim foi considerado, desde que meus pais resolveram adotá-lo quando ele tinha quinze anos. Papai sempre custeou os seus estudos, o iniciou no trabalho e finalmente em 1917 fez dele sócio solidário da loja. O Romeu e o Licínio desde logo construíram as suas casas, grandes, confortáveis e com relativo luxo, especialmente a do Romeu. O Zezinho, mais sensato, construiu dois sobrados geminados, passando a morar em um deles e alugando o outro. Carlitinho Zanotta foi seu inquilino durante um tempo. Em 1927 papai construiu para nós uma boa casa para onde nos mudamos em 1928.

O seu pai fala do Romeu e do Licínio, na loja.

Em fins de 1926, papai se retirou de solidário da loja passando a ser unicamente comanditário com cem contos de réis e ficando como único solidário na fábrica, tendo como comanditários a tia Candinha, viúva do tio Felipe, e o senhor Eduard Neubarth, um velho amigo de papai. Na loja ficaram como solidários os primos Romeu e Licínio e para que a firma pudesse continuar ostentando o nome Hugo Heise, do que os dois não queriam prescindir, pois sabiam muito bem o quanto esse nome valia para os negócios, foi preciso, atendendo uma exigência da junta comercial, que o Romeu unisse ao seu nome o de Hugo, ficando Romeu Hugo Muller e o Licínio o de Heise, ficando Licínio Heise Granja. Se papai tivesse podido adivinhar, nunca teria concordado com tal coisa. Para a fábrica isso foi excelente, pois papai passou a dispor de todo o seu tempo na supervisão dos negócios.

Papai sempre teve um grande tino administrativo. Posso dizer que foi a melhor fase de minha vida profissional, de meados de 1927 a meados de 1929. Tínhamos uma marca de grande reputação e uma fabricação esmerada. Já naquela época tínhamos um controle de qualidade muito eficiente. O ambiente de trabalho era excelente, uma cordialidade total. Sinto ainda hoje saudades desse tempo.

Já tínhamos uma área de quatro mil metros quadrados quando, em fins do primeiro semestre de 1929, tivemos uma oferta para a aquisição de uma saída para a Avenida Tiradentes, onde hoje se encontra o Edifício Bromberg, em tijolos aparentes. Demos um sinal de noventa contos de réis e, logo em seguida, tivemos que nos conformar com a perda desse dinheiro, pois já não tínhamos condições de concluir o negócio. A boa fase estava começando a terminar. Tudo estava coincidindo com o estouro havido na Casa Hugo Heise & Cia. Foi em julho de 1929, dois anos e meio após os dois primos terem assumido a direção da loja como sócios solidários. E eles achavam que papai era um administrador superado. Chegaram em casa durante um hora de almoço, o Romeu em prantos e o Licínio, como sempre, frio e quase que como quem não tinha nada a ver com a situação. Estavam quebrados. Havia para a situação duas saídas, a primeira seria o papai voltar a sócio solidário da firma, assumindo de novo a direção da loja, caso em que os bancos, principais credores, concordariam com uma nova esquematização da dívida, afastando, pelo menos de imediato, a idéia de uma falência. A segunda seria deixar a loja rodar. Papai perderia os seus cem contos de capital como comanditário e, de resto, tudo ficaria bem para ele, com o seu patrimônio preservado. Teria, entretanto o nome de Hugo Heise completamente desacreditado, e isso, para um homem de seu feitio e temperamento e com seus princípios de honradez, não era absolutamente admissível. Além disso, havia a questão da família, pois ambos corriam o risco de serem condenados criminalmente, pois como se descobriu, havia uma enormidade de negócios frios.

Naquela noite houve em nossa casa um conselho de família, durante o qual o assunto foi bem debatido e nosso pai teve oportunidade de expor a todos a gravidade da situação, o que poderia vir a acontecer. Seria preciso um sacrifício total e geral da parte de todos, caso se decidisse pela primeira opção. Infelizmente uma coisa não foi exigida, ou seja, que os responsáveis pela situação, Romeu e Licínio, abrissem mão de suas casas, automóveis e que concordassem desde logo com uma drástica redução de suas retiradas; estavam na época vivendo

com muita fartura. Verdade seja dita, papai, como homem responsável, considerava tais medidas como implícitas. Por conselho geral, nosso pai reassumiu o posto de sócio solidário e chefe da firma e o que aconteceu então foi bem diferente do que se poderia imaginar. Os únicos a encararem a situação com seriedade fomos ele e eu. O Zezinho, a bem da verdade, nada tinha a ver com o acontecido.

O seu pai, então, retornou para a loja?

Bem, tendo o papai reassumido o comando da loja como solidário, passou a haver um vínculo total entre loja e fábrica, pois passou a ser solidário em ambas as firmas. A situação começou a mudar totalmente de um dia para o outro. A fábrica teve que começar a fazer suprimentos maciços à loja. Tivemos que cancelar a compra do imóvel da Avenida Tiradentes, perdendo inclusive o sinal de noventa contos de réis. Tivemos que fazer várias hipotecas. A fábrica foi hipotecada ao senhor Henrique Armbrust por duzentos e sessenta e cinco contos de réis. Papai teve que hipotecar a casa da Alameda Ribeirão Preto para o senhor Mangels, da firma Mangels e Kreutzberg, não me lembro se por setenta ou oitenta contos de réis. Tivemos que começar a forçar as vendas da fábrica. Precisávamos faturar o mais possível. Chegamos a vender uma dúzia de torneiras de meia polegada ao preço de 15\$000, válvulas de pia a 8\$000 a dúzia e assim por diante. Nossos concorrentes, Sergio, o principal deles, passaram a ficar atordoados, pois para venderem tinham que dar sobre os nossos preços sempre ainda um bom desconto, já que o produto deles era bem inferior. Foi mais ou menos nessa ocasião que passei a morar em um pequeno apartamento de dois quartos na Avenida Ipiranga, esquina com a Avenida Visconde de Rio Branco. Partilhava o apartamento com um bom amigo, o Alfredo Zanotta, e pagávamos cada um 137\$500 de aluguel mensal, nessa época o inquilino não pagava imposto predial nem condomínio. Precisei mudar para o apartamento, pois havia vendido o meu carro para ajudar a pagar operários que estavam com salários atrasados. Comia na pensão da dona Linda que ficava em um beco da Ladeira Porto Geral. Pagava 40\$000 por trinta refeições e, diga-se de passagem, era uma comida muito gostosa. Comia-se lá uma *pastasciutta* que era uma delícia. O feijão com arroz era um negócio! Essa pensão era freqüentada principalmente por bancários do Banco do Brasil e do Banco do Estado. Fiz lá bons conhecimentos. Bem, aquela vida tranqüila e sem problemas de que há pouco falei, acabara por completo. Passou-se a trabalhar em algumas seções da fábrica, usinagem e politriz, em dois turnos de oito horas. Pedidos felizmente não nos

faltavam. No escritório, Cyro, Chaves e eu, chegamos a varar muitas e muitas noites fazendo romanelos de embalagens, faturando, extraindo duplicatas, emitindo borderôs e mais vezes acontecia de a gente emendar um dia com outro. De manhã tomava-se um bom banho, tínhamos uma boa instalação sanitária no sobrado da fábrica, e após um bom café voltávamos para o trabalho de sempre. Sábado, domingo e feriado, não havia mais folga para nós. Quantas vezes eu cheguei a aguardar a abertura dos bancos para ir entregar borderôs e já com um cheque na mão para conseguir o dinheiro correspondente. Certo dia o senhor Deaver, gerente do *Citybank*, um americano muito simpático, me disse: “mas, senhor Heise, o senhor agora já vem com um cheque na mão direita e o borderô na mão esquerda. Assim não pode ser, precisamos primeiro examinar as duplicatas”. E eu respondi: “mas, senhor Deaver, eu preciso pagar hoje sem falta os meus operários”. E com jeitinho acabava conseguindo. Nessa ocasião cheguei a ter uma greve, semanalmente eu lhes dava uma satisfação, aprendi isso com papai, dizia-lhes como tudo ia andando. Aos mais antigos e mais velhos eu procurava atender com um vale, na medida do possível. O velho Sergio, nosso concorrente, não era homem de enfrentar prejuízos e não se conformava com a situação e não entendia como podíamos trabalhar com preços tão aviltantes. Antes do acontecido com a loja, vínhamos mantendo com ele e mais alguns fabricantes um acordo de preços, que admitia um percentual de diferença em consideração à qualidade do produto, o acordo vigorou de 1925 a 1928. Um belo dia, em meados de 1928, em seu escritório da Rua Sampaio Moreira, surgiu de repente, entre o velho e o Chaves, que tinha ido comigo, uma discussão feia, chegando o Chaves a chamar o velho de ladrão. É evidente que na mesma hora o Sergio o colocou para fora do escritório. Procurei acalmar e apaziguar o Sergio e, em seguida, retirei-me junto com o Chaves. Como conseqüência, e relatando o acontecido a meu pai, chegamos à conclusão que o melhor seria denunciarmos o acordo e acabar de uma vez com aquilo. Concluímos o rompimento e fui à casa do Sergio para as devidas assinaturas. Nessa ocasião ele estava morando na Alameda Franca, na casa que havia sido nossa e que papai tinha vendido a ele nesse mesmo ano de 1928 por cento e setenta contos de réis. O homem estava furioso, mas não era para menos, pois o tal acordo só estava servindo mesmo, naqueles últimos tempos, era para ele.

Em fins de 1929 começou a verdadeira guerra dos preços. Em outubro aconteceu a quebra da bolsa de Nova Iorque, que levou todo mundo a uma situação aflitíssima. Em novembro de

1930, após a revolução de Getúlio Vargas, começou o Sergio a mandar fazer as primeiras sondagens para um novo acordo, mas em bases muito diferentes. Gustavo Merker, nosso representante no Rio de Janeiro, foi o primeiro a falar dessas informações. Quem as havia transmitido tinha sido o João Manoel de Mello, da firma J.M.Mello, do Rio, grande amigo do velho. Tínhamos que agir com muito tato, pois considerávamos o Sergio nossa tábua de salvação. E era preciso não espantá-lo. Deixamos passar uns meses e novamente fomos sondados. Mostrávamos uma certa indiferença e íamos deixando o barco correr. Lá por março ou abril de 1931, autorizamos o Merker a conversar com o Mello e procurar saber quais as condições pretendidas. Vieram então as duas primeiras condições para que o negócio pudesse ser realizado. O afastamento do Chaves, com quem o Sergio havia tido o atrito, causa do rompimento de 1928, e a desvinculação de fábrica e loja com a saída do papai da fábrica como solidário. Tive uma conversa com o Chaves, mostrando a ele meu interesse e necessidade de uma efetivação dessa nova sociedade com o Sergio que, no entanto, para tal, exigia a sua saída da fábrica. Sugeri sua volta à loja, de onde tinha vindo a meu convite, ou então, ainda, uma retratação junto ao Sergio para eliminar nele este espírito de vingança. Disse-lhe que reconhecia que o que havia feito tinha sido no meu interesse, mas também fiz ver a ele que não cabia a mim a responsabilidade pelo acontecido, pois para defender os interesses da firma não teria sido necessário ir tão longe, a ponto de chamar o homem de ladrão. Bem, o fato é que terminamos nossa conversa dizendo ele que iria pensar sobre o assunto. Poucos dias mais tarde apresentou o seu pedido de demissão. Em maio ou junho de 1931 veio o Mello a São Paulo em companhia de Gustavo Merker e foram à fábrica para uma conversa. A primeira exigência feita pelo Sergio já havia sido atendida com a saída do Chaves. Quanto à segunda, estava sendo mais difícil, já que eu era o único em condições de poder assumir o posto e meu pai não desejava que eu o fizesse, pois no caso de um desastre financeiro, teria eu o meu nome prejudicado, possivelmente para sempre. Insisti, entretanto, dizendo-lhe que queria ter um dia a satisfação de poder dizer que havia arriscado alguma coisa para tentar vencer na vida. Finalmente acabou concordando e tratamos imediatamente de providenciar o novo contrato, pelo qual eu ingressava na firma Hugo Heise & Cia como sócio solidário, com o capital de duzentos contos de réis, cento e sessenta e dois contos realizados e trinta e oito a realizar.

De gerente geral para sócio solidário da fábrica, e depois?

O que o Sergio desejava com essa desvinculação era não correr o risco de ver a fábrica envolvida em um possível desastre financeiro da loja. Mal sabia ele que isso não era tão fácil assim, visto que, para papai sair, a fábrica ficava devendo a ele em conta corrente o valor do seu capital. Como ele já era solidário novamente na loja, a ligação permanecia. Nessa época pude observar que o assessor do Sergio era o senhor Victor Coppola, muito boa pessoa, mas de conhecimentos, fora a escrituração, muito limitados. O velho não era amigo de gastar dinheiro com advogados e assim a coisa foi toda orientada por esse senhor. Resultado foi o que mais tarde veio a acontecer para minha felicidade. Foi então elaborado o contrato entre nós e o Sergio. A nova firma, Sergio e Hugo Heise & Cia, teriam um capital de mil e duzentos contos de réis, em partes iguais, seiscentos contos de cada sócio. A finalidade seria a exploração de duas fábricas, Metalúrgica Paulista, do Sergio e Fábrica Metalúrgica São Paulo, nossa. Os imóveis, máquinas e ferramentas, utensílios, modelos para fundição e tudo o mais continuaria sendo de propriedade das respectivas firmas. Os estoques de matérias primas, mercadorias acabadas e semi-acabadas, é que formariam o capital de cada um. Feito o inventário em ambas as fábricas, o excedente de cada um eventualmente apurado, seria creditado em conta corrente de cada um, vencendo juros. A gerência seria dos dois sócios e compromissos, cheques e outras obrigações seriam sempre assinados por Sergio, ou, na falta dele, por mim em conjunto com um dos procuradores dele. Os procuradores dele eram os seus filhos, Luis, Alfredo e Sergio. Ambas as fábricas fabricavam nessa época, além de metais sanitários, também aquecedores de alta e baixa pressão e artigos de iluminação. A retirada de cada sócio era de dois contos e quinhentos e mais quatro contos de réis pelo aluguel de cada fábrica. Além disso, me era facultado sacar no fim do mês, 10% de 50% do faturamento feito, como adiantamento de lucros. Com isso teria que enfrentar meus compromissos. Era evidente que isso não ia ser suficiente, mas, como havia necessidade de se chegar à conclusão, deixei ficar para ver como futuramente me arrumaria. Assinamos o contrato no dia doze de agosto de 1931 e em dezesseis de agosto ele passaria a vigorar. Contrato de dois anos com uma multa de quatrocentos contos de réis para quem rompesse o mesmo. Essa cláusula demonstrava bem o receio do Sergio, que era de que passados uns seis meses e com a casa arrumada, denunciaríamos o contrato e ele voltaria com os mesmos problemas de sempre. O fato é que o feitiço virou contra o feiticeiro. De início o velho me via com muito maus olhos. Ele me considerava um filhinho de papai, um boa-vida. De onde ele tirava isso eu não sei. Só sei que,

passadas as primeiras semanas, ou melhor, nos primeiros dias de setembro, estava eu no escritório da nova firma na Rua Sampaio Moreira, no Brás, fazendo as minhas contas para ver o que seria possível pagar naquele mês, pois já havia recebido o aluguel, minha retirada e os 10% do faturamento. Já me encontrava lá desde após o almoço. Isso era domingo, passava das cinco horas da tarde quando entra no escritório o velho e, muito espantado, pergunta o que eu estava fazendo ali, naquela hora em pleno domingo. Disse-lhe o que era e notei imediatamente a mudança que se operou nele. O velho era homem de quase nenhum preparo, semi-analfabeto, mas muito inteligente. Precisava ver como ele ficou chocado quando me viu, um rapaz de pouco mais de vinte anos tendo que trabalhar daquele jeito. Imediatamente me disse: “você vai fazer um apanhado de tudo quanto tem para pagar e nós vamos estudar uma maneira de tornar essa liquidação mais fácil para você. Você conversa com os credores e promete o meu endosso nos novos compromissos que você assinará em substituição aos que atualmente existem. Assim você reescala tudo isso de uma maneira que possa pagar tudo sem tanto aperto”. Em pouco mais de quinze dias já tinha podido observar a minha capacidade e força de trabalho. Já tinha se tornado meu amigo.

O que aconteceu então?

Nessa hora podia ter jogado o velho na fogueira, de uma maneira tal que, ou iria até o fim, tendo que assumir inclusive as dívidas de bancos e o crédito de Hugo Heise na Hugo Heise & Cia, ou viria a perder tudo que me tivesse adiantado a título de endossos. Fui ao papai e contei-lhe o acontecido e aí chegamos à conclusão que o melhor seria não esperar por mais tempo com uma solução definitiva, uma concordata de ambas as firmas, loja e fábrica. Foi aí que a coisa ficou feia para o meu lado, isso foi em fins de setembro. O velho, que havia se mostrado tão benevolente comigo, virou uma fera, aliás, fácil de entender. Procurou imediatamente um advogado, o doutor João Dente, que por sinal era padrinho do meu cunhado Zezinho e um dos melhores advogados para causas cíveis em São Paulo. Ele me convidou a comparecer em seu escritório. Fiz-me acompanhar de meu advogado o doutor Benedito Costa Neto, que mais tarde foi ministro da justiça no governo Dutra, e lá chegando demos com a presença do Sergio. Nesse dia aconteceu a maior discussão que já havia tido na minha vida. O velho era homem de nenhuma educação e julgava-se no direito de dizer o que bem entendesse. A certa altura me disse um daqueles palavrões e eu ameacei de me retirar. O doutor Dente me pediu que ficasse e eu exigi

que o velho me respeitasse, só assim permaneceria. Tratava-se de romper o contrato, pois ele não se conformava em ser sócio de um concordatário. Foi então que o doutor Costa Neto disse: “muito simples, o senhor paga a multa de quatrocentos contos de réis, pelo senhor exigida em contrato, e tudo estará liquidado”. O velho voltou a bufar e, como é fácil de entender, nada ficou decidido, ou melhor, tudo ficou como era antes. Passamos então, durante muitos meses, sem ao menos nos cumprimentar. As trocas de palavras eram somente as necessárias para o bom andamento dos negócios. Nossas mesas ficavam lado a lado e é fácil, para os que me conhecem, imaginar como aquilo era desagradável para mim. Trabalhava como nunca havia feito antes, nem nos tempos anteriores à nova sociedade. Precisava faturar o máximo para poder, com os 10% que me eram facultados, ir comprando créditos o mais possível. Aos poucos fui conseguindo e também aos poucos o velho Sergio começou novamente a mudar comigo. Antes que me esqueça, quero contar aqui a maior surpresa que já sofri em minha vida. No dia dezesseis de agosto de 1931, início da nova sociedade, aparece na nossa fábrica, como previamente combinado, o velho Sergio. Ele estava vestindo um bonito sobretudo cinza, jaquetão, sapatos marrom e branco italianos, em chapéu à *Al Capone* de aba virada de um lado e charutão na boca, enfim, elegantíssimo para um italiano novo rico, acompanhado do filho Alfredo, e, agora pasmem, atrás deste o Odilon Chaves. O homem cujo afastamento de nossa fábrica era condição *sine qua non* para que se concluísse o novo contrato. Isso define bem o caráter de ambos, mas, principalmente, na minha opinião, do velho. Compreendi logo que o velho, tendo sabido da saída do Chaves da nossa firma, tratou naturalmente de, por intermédio de conhecidos comuns, sondar o homem para que fosse trabalhar com ele e isso visando obter o máximo de informações sobre a nossa situação. Acontece que, como estava tratando com pessoa astuta e também sem muitos escrúpulos, nada do que desejava conseguiu, ou melhor, o homem, naturalmente, para se vingar do velho que tempos antes o havia enxotado do seu escritório, só pode ter-lhe dado informes que o induzissem a fazer a sociedade conosco, pois se tivesse despejado tudo quanto sabia a nosso respeito, e ele estava bem a par de toda a situação, o velho nunca teria feito a sociedade. Iria aguardar alguns meses, esperaria por um possível estado de falência e então teria podido ficar com a nossa fábrica por uma bagatela. Nessa época somente ele e ninguém mais poderia ter interesse por uma indústria como a nossa. Estávamos em tempos de muita escassez, reflexos da crise de 29 e da revolução de 30.

Ok, vamos voltar ao início da sociedade, porque eu já estou ficando um pouco confuso.

Voltando ao início da sociedade, o velho, inteligente como era, foi vendo que poderia acabar fazendo um belíssimo negócio com a nossa concordata. Ele me colocou uma boa soma à disposição para que ativasse a compra de créditos numa base de trinta, quarenta e até cinquenta por cento. É evidente que o lucro com a transação ficava com ele. Eu ficava devendo a ele o valor total dos títulos para futura liquidação com meus lucros na firma. Foi para ele um belíssimo negócio, mas não deixou de ser também para mim um grande alívio, pois comprava com isso a minha tranquilidade, coisa que já não conhecia há tempos. E esta estava realmente precisando. Um dia cheguei à chácara, onde papai e mamãe estavam morando, caí na cama da mamãe chorando feito uma criança e pedindo a Deus que me livrasse de tudo quanto era dívida e que eu me daria como um homem feliz se pudesse ter um ordenado de 400\$000 réis, gastava então para viver, no máximo 250\$000. O que eu queria era poder me livrar daquele ambiente miserável onde mais se ouvia palavrões do que qualquer outra coisa. Para quem tinha tido em casa um educação de respeito mútuo, aquilo era medonho. Meus pais me consolavam, papai me dizia que eu podia ter certeza que dentro de muito pouco tempo o velho iria ficar conhecendo as minhas qualidades e as coisas iriam melhorar para o meu lado. E foi, felizmente, o que aconteceu. O ambiente, que nunca chegou a ser verdadeiramente gostoso, passou a ser bastante tolerável, com minha adaptação, em parte, ao sistema e à educação da turma. Nunca me habituei a dizer palavrões, aprendi isso com meu pai, que não os admitia. Precisei ter sempre muito cuidado para não desaprender o meu português. Frase do Luis Sergio “eu quisesse poder fazer tal coisa mais vezes”.

E as viagens de negócio ao Rio de Janeiro, como eram?

Isso foi antes de me associar ao Sergio. A primeira foi em 1927, em companhia do Licínio, que já conhecia vários fregueses nossos lá. Fomos por mar. Ainda me lembro do nome do navio *Avila Star*, da Blue Star Line. Pela primeira vez experimentei um colchão de molas, uma delícia. Fomos por mar porque a estrada de rodagem estava ainda em vias de conclusão, mas ainda não aberta ao tráfego. Por trem, na época, era uma temeridade, pois rara era a semana que não houvesse um desastre e muitas vezes com vítimas fatais. Achava-me ainda muito moço para estar me arriscando desse jeito. Fui muito bem recebido por todos os fregueses que visitei e comecei a fazer boas amizades por lá. Nós ficamos hospedados no Hotel Central, na Avenida Rio

Branco. Era um hotel de grande luxo, o restaurante era no último andar, onde se descortinava uma bonita vista sobre a entrada do porto. Curiosidade, o último andar era o quinto! O hotel era muito freqüentado por políticos e no andar térreo tinha um bonito bar que depois das cinco horas da tarde tinha grande movimento com a freqüência do mulherio mundano muito *chic*. Na época gostei muito de poder freqüentar tal ambiente.

A segunda viagem, fiz já de automóvel pela estrada recém inaugurada em maio de 1928. O Olivetto, filho adotivo da minha tia Chica e que era mestre na nossa fábrica, foi comigo. Fomos para apresentar à freguesia o nosso novo aquecedor à gasolina. A característica principal era a eliminação da bomba de pressão, até então usada em todos os demais aquecedores a gasolina. Com essa inovação eliminava-se o perigo de explosão. Foi um sucesso.

Fiz uma outra viagem em 1929, também de carro e em companhia do Licínio. Foi quando eu precisei conseguir junto ao *Citybank* uma substituição de um título descontado pelo nosso fornecedor Álvaro Machado Lemos, metais para fundição, e que precisamos que fosse prorrogado. Saímos às dez horas da noite, após um dia exaustivo de trabalho. Chegamos ao Rio às oito horas da manhã. Ainda na estrada cruzamos com o senhor Rudolf, mestre da nossa seção de artigos de iluminação e que estava voltando do Rio, onde tinha estado para assistir à chegada do Zeppelin na sua primeira viagem ao Brasil. Chegando ao Rio fomos direto ao escritório do fornecedor onde preparamos o título que substituiria o existente no banco. Ficamos esperando a abertura do banco e tão logo este se abriu, para lá fomos. Incrivelmente, só pelas duas horas da tarde é que saímos com tudo arrumado, portanto aliviados. Fomos almoçar no “36” da Buenos Aires uma belíssima bacalhoadada, famosa no Rio de então, regada por um bom vinho verde. Saímos rumo a São Paulo lá pelas quatro horas da tarde. O cansaço era enorme e lá pelas dez horas começamos a precisar parar de vez em quando para revezar. Antes de um de nós pegar a direção a gente tinha que se postar na frente dos faróis com os olhos bem abertos para procurar despertar o mais possível. Na época não se conheciam ainda produtos como o Perventim, que é uma maravilha para tirar o sono nesses casos. Chegamos a São Paulo perto de duas horas da manhã, quando tivemos que parar na Rua Santo Antonio para que eu pudesse devolver todo o almoço da véspera. Fomos deitar deveriam ser três horas da madrugada. Foram quarenta e quatro horas seguidas sem pregar o olho, e o pior era ter que pensar no tudo que se tinha a providenciar

nesse dia quando clareasse. A coisa era brava. Essas foram minhas primeiras viagens ao Rio, antes da sociedade com o Sergio.

O senhor divide bem o período antes e depois da sociedade, não?

Considero tudo que passado antes de agosto de 1931, início da sociedade, como a primeira fase da minha vida. Portanto, posso continuar contando mais fatos passados comigo nessa primeira fase?

Mas é claro.

Vou relatar o que foi para mim a revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência e Washington Luis Pereira de Souza foi deportado. A revolução se iniciou, se não me engano, no dia três de outubro e terminou lá pelo dia vinte e cinco ou vinte e seis. Isso foi para mim um belo período de férias, que eu bem vinha precisando e merecendo. Nem me passou pela cabeça, por um instante se quer, em ir lutar ao lado das forças do governo. Devo dizer que todo civil fez o mesmo, não havia nenhuma simpatia pelo governo federal. Para não ser apanhado, tratei de me refugiar e isso eu fiz indo para a Vila Carioba, junto a Americana, onde moravam os meus primos Moacyr e Anica, ele era irmão do Cyro, meu companheiro de trabalho. Ele era médico nas indústrias de tecidos dos Muller Carioba. Foram dias inesquecíveis. Estavam lá também umas irmãs mais moças da Anica, muito divertidas e que tornavam o ambiente muito gostoso. Passávamos quase o dia todo no clube, junto ao Rio Piracicaba, nadando e tomando banho de sol. Havia bem no meio do rio, em frente ao clube, um banco de areia. Certo dia, após um treino no cocho do clube, uma das irmãs resolveu querer nadar até o banco e pediu que eu a acompanhasse. Fiz ver que as minhas possibilidades eram bem limitadas para o caso de ter que socorrê-la, mas ela se mostrava confiante e lá fomos nós. Na ida, tudo bem, pois a corrente do rio era favorável. Ao chegar ao banco, ela já se mostrava bem cansada e tratamos de ficar lá por um bom tempo, a fim de recuperar as energias. Antes de tentar a volta tratei de instruí-la no sentido de, caso cansasse, virar-se e ficar boiando para então tentar novamente. O fato é que estávamos quase no meio do trajeto quando ela deu o prego. Mandeí que virasse e boiasse, passou um tempo e então nova tentativa. Mais umas braçadas e ela acabou dando o prego de vez. As águas puxando rio abaixo e eu então comecei a gritar por socorro. Até que alguém chegasse fiz ela se agarrar em mim, mas aí a coisa ficou feia, certa hora, não fosse ela ter tido a calma a ponto de largar-me, teríamos os dois nos afogado. Ouvindo os nossos gritos, quase que no mesmo instante estava

junto a nós uma campeã de natação que foi providência divina se encontrar justamente no clube, e que em três tempos levou-a até a margem. O fato é que só Deus sabe o que foi preciso de esforço para que eu pudesse finalmente agarrar-me ao cocho. Estava com a língua de fora e, o mais engraçado, é que ninguém estava ligando para mim, achando naturalmente que eu era um bamba. Foi uma experiência que nunca mais me esqueci na minha vida. Só mesmo a proteção de Deus foi que me serviu. E assim foram passados esses dias maravilhosos de férias. De noite, após o jantar, íamos o Moacyr e eu para Americana e lá se jogava bilhar, tabuleiro de futebol e tomava-se uma boa cerveja geladinha. Uma delícia. Voltávamos para casa e, muitas vezes, acontecia de estar clareando o dia quando íamos nos deitar. Tínhamos ficado então num bom bate-papo e experimentando as várias pingas que ele tinha por lá, misturas de tudo que era jeito. Pena que acabou logo. Lá pelo dia vinte e cinco estava eu voltando para São Paulo a fim de recomeçar a luta na fábrica.

Outra passagem muito curta, mas bastante divertida foi quando o Alfredo Zanotta e eu fomos passar a semana santa de 1930 em Campos do Jordão, onde Elza e Zezinho estavam passando uma temporada em tratamento. O Zezinho, em fins de vinte e nove, apanhou uma forte gripe e, naturalmente predisposto, acabou tendo os dois pulmões afetados com uma lesão que exigiu essa providência. Bem, mas como ia dizendo, saímos de São Paulo num carro Ford, propriedade da fábrica, modelo *double-pheaton*, após uma ceiasinha no Ponto Chic do Largo do Paissandu, na época o bar mais procurado pelos amantes da noite. Fui guiando até Jacareí e aí tomamos um bom café forte para despertar. O Alfredo, que até então havia cochilado, disse que de lá em diante ele guiaria. Tratei de me por bem à vontade, desapertei o cinto da calça e imediatamente peguei num bom sono. Acordo de repente com um grande tranco e ainda pude sentir o carro tombando para o lado da direção. Tínhamos batido em uma árvore na margem direita da estrada. Fiquei numa aflição danada para sair, pois o meu medo era que pudesse haver um incêndio ou até mesmo uma explosão. Nesses carros o depósito de gasolina era na frente, com o tampão junto ao pára-brisas. A gasolina já começava a escorrer. Consegui finalmente me safar e tive que fazer um esforço danado para puxar o Alfredo, que tinha que sair pela mesma porta que eu, pois a do lado da direção estava no chão. Foi um susto daqueles, mas novamente com a proteção divina nada aconteceu de grave. A felicidade nossa foi que o Alfredo, começando a sentir sono, tratou de reduzir a marcha que, na hora da batida na árvore, deveria ter sido mínima.

Estava nessa hora começando a clarear. Logo em seguida vinha em sentido contrário um caminhão que parou para nos ajudar e nós três, com um pequeno esforço, pusemos o carro sobre as quatro rodas novamente. Esses carros Ford eram uma maravilha de práticos. O carro não havia sofrido praticamente nada e nós, nada mais que um grande susto. Não tivesse a tal árvore, teríamos caído em uma ribanceira de uns vinte cinco ou trinta metros. Chegamos em Pindamonhangaba lá pelas sete horas da manhã, tratamos de procurar uma garagem onde pudéssemos deixar o carro até domingo e ainda pegar o trenzinho que saía às oito horas para Campos do Jordão. Naquela época não havia estrada de rodagem que fosse até lá. Passamos uns dias gostosíssimos com os dois e o Roberto, filho deles e que só tinha uns cinco anos de idade na ocasião. O Alfredo e eu fazíamos bons passeios a cavalo. Acabei comprando uma égua de nome Beleza que galopava que era um gosto. Paguei 100\$000 réis por ela e tratei de despachá-la para São Paulo. O Rodrigo, meu caseiro, foi quem a levou do Pari até a chácara na Freguesia do Ó. Nessa ocasião em Campos chegamos a pegar temperatura de menos dez graus centígrados. Dormia-se com as janelas de guilhotina abertas do lado de cima, era gostosa aquela renovação de ar constante durante a noite. O duro era enfrentar os lençóis na hora de dormir e depois, para levantar, a coisa era brava. O panorama fora era belíssimo, aqueles campos completamente cobertos de orvalho. Domingo à noite estávamos de volta em São Paulo. Foram quatro dias inesquecíveis. Mais alguns meses, o Zezinho voltava com a família para cá, completamente curado. O clima de Campos era considerado tão bom como os melhores da Suíça para doenças do pulmão. Aí está uma prova. O Zezinho faleceu com quase oitenta anos e, mesmo assim, atropelado. Ele gozava ainda de ótima saúde.

E esse tio Zezinho, o senhor poderia falar um pouco mais dele?

O Zezinho sempre foi muito engenhoso e desde que começaram a aparecer os primeiros aparelhos de rádio, ele começou a mexer com a coisa. Foi assim que, em princípios de 1926, ele montou em casa um pequeno aparelho à galena. Tinha uma base onde estava colocada a pedra e, em cima, uma espécie de chave elétrica, com movimentos rotativos e que tinha na extremidade uma agulha, com a qual se procurava o contato com cristal de galena. Estabelecido o contato, começava a ouvir as transmissões. Ainda me lembro que justamente nessa ocasião era oferecido pela colônia alemã um banquete a Washington Luis, no Clube Germânia, por motivo de sua eleição a presidente do Brasil. Papai esteve presente e nós em casa pudemos ouvir os vários

discursos pronunciados. Que espetáculo, poder ouvir tudo aquilo de tão longe. Nós na Alameda Franca e o pessoal falando na sede do Clube Germânia, hoje Clube Pinheiros, na Rua dom José de Barros, no centro da cidade.

Ele também se envolvia com estudos de química e chegou a fabricar uma injeção de ouro líquido para tuberculose, mais tarde produziu ouro para pintura de porcelana e tintas para impressão, tão bons produtos ou melhores que os importados. Acho que mais ou menos em 1934, ele inventou uma enceradeira elétrica, chamada de Dixie, foi patenteada e teve muita preferência no Rio e em Niterói, sendo que depois nós a introduzimos aqui em São Paulo também. Ele era o inventor da família.

Mudando um pouco de assunto, como o senhor conheceu a vovó Isabel?

Ah, foi na casa de dona Ema, mãe do Alfredo Zanotta, quando morava na Avenida Rodrigues Alves. Foi no jantar de aniversário da Alzira, irmã do Alfredo, em 1935. Interessante o que é o destino. Dona Ema sempre gostou de reunir os amigos dos filhos e isso ela fazia oferecendo todas as quintas-feiras um jantar em sua casa. Era geralmente uma grande mesa, composta pelo Nelson Travassos, José e Nilo Miranda, Joãozinho Nouges, Paulo Martins Ferreira, Oswaldo e eu. Sempre fui um pouco rebelde com relação a compromissos programados e fazia já algum tempo que não comparecia a essas reuniões. Um dia fui com o Oswaldo até a Estação do Norte para despedir-me da dona Ema e do senhor Zanotta que viajariam para o Rio. Dona Ema reclamou da minha ausência nos últimos tempos dos jantares das quintas-feiras e então me falou em tom de brincadeira: “olhe, dia quinze, Alzira vai oferecer um jantar para comemorar seu aniversário. Se eu ficar sabendo que você não esteve lá nossas relações estão cortadas, ouviu?”. Prometi que estaria lá. E foi nesse dia que vi Maria Isabel pela primeira vez.

Pouco antes, em 1933, eu tinha estado noivo de uma moça que conheci na casa do Arthur Brandi. Chamava-se Haydée. Em abril de 1934 eu desmanchei o noivado e fiz uma promessa comigo mesmo de que nunca mais iria pensar em casamento. Era um problema muito complexo. Acontece que quando vi a sua avó, aquela menina de dezoito anos, com aquele olhar meigo e gostoso, esqueci de todas as promessas. Ela tinha ainda, nessa ocasião, um período de estudos pela frente, pois só se formaria em fins de 1936 no Des Oiseaux. Passamos, no entanto a nos encontrar, sempre em companhia das meninas da dona Ema, e também da Neide, filha da dona Leonor de Freitas, antiga vizinha da família Signorelli em Franca. Era aí que Maria Isabel ficava

hospedada quando saía, às vezes, do internato para algum tratamento de dentes ou outra coisa qualquer. No fim desse ano de 1935 ela seguiu de férias para Três Corações, cidade onde ela nasceu, e de lá para Franca onde moravam. A partir daí não nos encontramos mais. As amigas diziam a ela que eu nada queria saber com casamento, já havia sido noivo e não havia dado certo e que morava em uma bela chácara com o amigo Oswaldo e que levávamos uma verdadeira vida de solteiros. A mim, por outro lado, diziam que ela já tinha pretendente firme em Franca. O tempo foi passando e finalmente em vinte e sete de setembro de 1936, estávamos o grupo todo reunido no Harmonia em um sarau dançante. Enquanto eu dançava com a Neide ela me informava sobre a Maria Isabel, e dizia que estava em casa com seu irmão Maurício e não tinha querido aderir ao grupo. Eu pedi que ela telefonasse a Maria Isabel e marcasse de irmos todos juntos no Trianon para uma reunião dançante da Poços Leitão. Nessa época, a Poços Leitão, que era professora de dança, costumava oferecer aos domingos umas reuniões dançantes muito gostosas. Bem, lá nos encontramos e exatamente dois meses mais tarde, no dia vinte e sete de novembro, coincidindo com o baile de formatura do Des Oiseaux, ficamos noivos. No dia dez de abril de 1937 nos casamos. Hoje já são quarenta e cinco anos de casados, graças a Deus, sempre muito felizes e na companhia de nossos sete filhos, todos casados também e já nos deram vinte e dois netinhos.

Pois bem, e dos tempos da sociedade com o velho, o que o senhor nos conta?

Voltando aos primeiros tempos da sociedade com o velho Sergio. Posso dizer que já por volta de meados de 1932 as coisas entre nós andavam bastante boas, a ponto de ter podido dar a ele, por ocasião da Revolução Constitucionalista, uma procuração para substituir-me na fábrica. Eu havia resolvido prestar minha colaboração como elemento de ligação do coronel Taborda na frente de combate com o quartel general em São Paulo e me alistei no batalhão quatorze de julho, junto com o meu grande amigo Alfredo Zanotta. Em fins de outubro os paulistas tiveram de se entregar às forças de Getúlio e tudo estava acabado. Confesso que passei momentos de grande medo. O Alfredo era muito mais atirado do que eu, que nunca me dei para essas coisas, mas, uma vez lá, não podia bancar o covarde e assim acompanhei tudo como todos os demais, mas sabe lá com que paúra. Tinha muito amor a vida e ainda estava muito moço para morrer. Ouvia muitas vezes as balas zunindo por cima de mim e isso não tinha nada de agradável. Também tivemos momentos divertidos. Um tio do Alfredo juntou-se a nós, ele era cozinheiro. Um dia ele

conseguiu umas latas de azeite português, um punhado de batatas e começou a fazer uma maionese, imaginem, nem ovo tinha. À medida que a coisa começava a engrossar, punha mais azeite, ficava muito mole, engrossava com batatas. Assim foi até que a tal maionese já não cabia em uma lata de vinte quilos. Comemos maionese por mais de dez dias, o engraçado é que ninguém ficou intoxicado. Conservava-se a lata dentro de um tanque com gelo e só. Outra coisa, banho era um por semana e olhe lá. Improvisamos uma lata toda furada em baixo, fizemos uma armação, fechamos com lona até uma certa altura e, enquanto um subia em uma banqueta e ia jogando água na lata o outro tomava uma boa chuva. Assim se passaram aqueles dias.

Voltando à fábrica. Logo depois de julgada cumprida a nossa concordata, nós pudemos levantar o dinheiro para pagar os atrasados na fábrica. Isso em fins de 1932.

No dia sete de janeiro de 1933, um sábado, cerca de quatro horas da tarde, estava eu em companhia do primo Cyro atrás de um balcão na entrada do meu velho escritório à Rua Dutra Rodrigues, enchendo os envelopes e fazendo a entrega dos mesmos aos meus bons e velhos operários. De repente aponta na porta o filho mais velho do Sergio, o Luis. Quando o vi cumprimentei-o, “uai, você por aqui?”, nem ao menos me respondeu e foi logo dizendo a dois indivíduos que o acompanhavam, que logo me pareceu que se tratava de tiras, tinham cara disso, “é esse aí” disse ele apontando para mim. Fiquei espantando e eles foram logo dizendo que eram da polícia e que os acompanhasse. Passei o meu serviço ao Cyro e saí. No carro do lado de fora, já estava o velho Sergio, o Alfredo, seu outro filho e mais um tira. Era um carro de sete lugares e, portanto nos ajeitamos todos sem problemas. O Sergio, coitado, estava pálido e nada dizia. Aliás, ninguém nada dizia e assim fomos, todos mudos, para a Central de Polícia no Largo do Palácio. Lá chegando, o Sergio e eu, os filhos foram barrados, pois não eram sócios, fomos encaminhados a uma sala com umas poltronas de couro rasgadas e lá ficamos um tempão até que alguém chegasse. O coitado do velho parecia que ia ter um treco, pálido como cera, só dizendo a cada pouco que ele não tinha nada com aquilo e que eu assumisse, pois ele era um homem doente e não aguentaria mais muito tempo. Da porta da sala avistei um dos investigadores e a ele expliquei a situação, pedindo que liberasse o velho, afinal, eu também era sócio solidário da firma e poderia responder por tudo que fosse. Ele foi consultar um colega e acabaram atendendo o meu pedido. Quando fui recebido pelo delegado de plantão, lá pelas oito horas da noite, ainda demorou a coisa toda quase mais de uma hora, pois volta e meia o homem era interrompido para atender a outros

casos. Finalmente lá pelas nove horas da noite fui liberado e ao sair da polícia, vinham vindo pelo Largo, o velho, os filhos e o Cyro acompanhado do doutor Nacarato, velho delegado aposentado, muito amigo do Sergio e mais tarde meu também. Foram querendo saber como tinha sido o interrogatório e então lhes contei. Tudo bobagem. Queria saber o que vínhamos fazendo com a quantidade enorme de cartuchos detonados de fuzil que estávamos constantemente comprando em todo o interior do estado. Expliquei que, como fabricantes de metais sanitários, tal material era fundido para ser utilizado na fabricação de torneiras, válvulas, registros e outras coisas do tipo. Deu-se por satisfeito com a explicação. Andavam desconfiando que pudéssemos estar recondicionando os cartuchos para nova utilização, como foi feito durante toda a revolução, a pedido do Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Esse trabalho foi sempre feito na minha antiga fábrica na Rua Dutra Rodrigues. O governo federal andava, nessa época, muito receoso que São Paulo pudesse estar novamente se articulando para uma revolução. Imaginem só, depois daquele sofrimento todo, lá ia querer alguém saber de lutas novamente! Tive de voltar à polícia na quarta-feira seguinte para assinar um termo de responsabilidade e com isso tudo ficou resolvido. Soube mais tarde que quando os tiras chegaram no escritório da Rua Sampaio Moreira, a sede, levavam uma intimação para um responsável pela firma, mas o senhor Luis, “mui amigo”, fez questão de imediatamente denunciar a minha presença na Rua Dutra e lá foram todos só para atrapalhar o meu trabalho, sem nenhuma vantagem. Pelo contrário, tivesse eu ficado de fora, iria me comunicar imediatamente com o doutor Costa Netto, então grande amigo do chefe de polícia do estado e garanto que o velho teria sido rapidamente dispensado. Aquela turma era de amargar!

E o que aconteceu com a fábrica?

Em meados de 1933, com a concordata já cumprida, recebi do velho Sergio uma proposta. Eu liquidaria os meus comanditários na Hugo Heise & Cia, que eram tia Candinha e o senhor Eduardo Neubarth, velho amigo de papai e ambos com um capital total de um mil contos de réis, e organizaríamos uma nova firma da qual participariam os dois filhos mais velhos, o Luis e o Alfredo. O Alfredo era um bom sujeito, mas, em compensação, o outro era de amargar. Na firma Sergio e Hugo Heise a nossa firma tinha uma participação de 50%. Portanto, como o meu capital em Hugo Heise & Cia era de duzentos contos de um total de mil e duzentos contos, correspondia a 16,67%. A minha parte nos lucros na Sergio e Hugo Heise era, portanto de 8,33%. Ele me propôs uma participação de 17%, o dobro do que eu tinha. A única coisa que não me agradava

muito era a admissão dos dois filhos, pois já havia tido tempo de conhecer bem a força de cada um. O Alfredo, como já disse, ainda dava para suportar, mas, o outro, era um tipo verdadeiramente desagradável e totalmente inútil. Acontece que eu era ainda muito jovem e andava com muito medo de ter que voltar a enfrentar uma situação difícil como a que tinha acabado de atravessar. Aconselhei-me muito com o papai e também ele achou que para mim essa proposta poderia vir a representar um bom futuro. O velho já tinha por mim uma grande admiração, a prova estava na proposta feita, e quanto aos filhos, eram tão fracos que não deveriam representar qualquer perigo.

Aceitei a proposta e agora era ver como liquidar os meus comanditários. Com a venda do imóvel da Rua Dutra Rodrigues, que tinha quatro mil metros quadrados, mais os lucros que eu já projetava para os próximos três a quatro anos, que era o prazo que eu iria pedir para os dois, daria para enfrentar. Para você ver como funcionava a economia nessa época, vou contar que o papai alugou um imóvel do Conde Lara, grande capitalista, por três contos mensais pelo prazo de dez anos! Era assim.

Fechei o compromisso com a tia Candinha e com o Eduardo e firmamos o contrato da nova firma com a denominação de Sergio, Filhos & Companhia Ltda. As coisas iam cada vez melhores. Quando começamos a sociedade em 1931, tínhamos perto de duzentos e oitenta funcionários, ao sair da sociedade em 1961, estávamos com mais de três mil e quinhentos funcionários. Em poucos anos eu já era um homem rico. Durante a década de trinta tive anos de ganhar mais de mil contos de réis. Era muito dinheiro. Para você ter uma idéia, comia-se nos lugares mais luxuosos de São Paulo por quinze mil réis, um jantar dançante no Hotel Terminus, por exemplo.

Em 1934 começamos a fabricar fogões a gás. No mesmo ano adquirimos no Rio de Janeiro uma pequena fábrica de aquecedores que vinha fazendo grande concorrência a nós. Eles fabricavam um pequeno aquecedor de baixa pressão que chegavam a vender por setenta e cinco mil réis. Com o lançamento do fogão Cosmopolita, nome idealizado pelo velho Manoel de Mello, da firma J.M.Mello, tornamo-nos os pioneiros em fogões a gás no Brasil.

Em 1935 tivemos que instalar nos fundos da fábrica uma balança para pesar veículos, para pesar carvão coque, latão velho, essas coisas. Quem nos vendeu foi um certo Guido Bertoni, italiano, bom sujeito e que tinha um técnica completa para a fabricação do artigo, mas, ao mesmo

tempo, nenhum tino de comércio e administração. Vimos que poderia ser um bom negócio e propusemos a compra das suas instalações ficando ele como sócio responsável. Chegamos a fabricar balanças para vagões de estradas de ferro até balanças pequenas para bebês. Inclusive doei uma dessas balanças à Maternidade São Paulo, da qual chegamos a ser bons fregueses, a Maria Isabel e eu, com os sete bebês nascidos lá. Para a fabricação de balanças necessitávamos muito fornecimento de ferro fundido. Ficamos conhecendo um tal de Bondioli, um verdadeiro especialista em ferro, o homem conhecia tudo quanto era liga de ferro para os mais variados fins, mais mole, mais duro, mais ou menos maleável e assim por diante. Acabamos montando, com um contrato de supervisão que firmamos com ele e tendo adquirido todos os equipamentos que ele já possuía, uma fundição de ferro, ficando livres de fornecedores externos que por vezes nos traziam grande dor de cabeça. Daí para a fabricação de banheiras, pias e outras coisas do gênero foi um pulo. Em 1937, no ano em que me casei, o Sergio fez uma viagem a Europa e na Alemanha e na Itália adquiriu, entre outras coisas, um jato de areia com uma cortina de borracha em tiras largas, na época sofisticadíssima. A peça era colocada sobre um carrinho e empurrada para dentro de uma espécie de quarto todo forrado de borracha, só quando já dentro era ligado o ar comprimido e a própria máquina, por um pequeno motor na parte externa, conduzia o carrinho para o outro lado do equipamento. Isso tudo tinha por fim evitar, o máximo possível, o contato do operário com a nuvem de poeira, que se formava ao limpar as peças saídas da fundição. Assim, já em meados de 1938, lançávamos na praça o nosso novo produto, artigos sanitários em ferro fundido esmaltado, branco e em cores. Isso para nós nunca chegou a ser um bom negócio. Ferro fundido esmaltado não é brincadeira, o processo é muito complexo e nunca chegamos a ter técnicos verdadeiramente competentes para isso. O velho não gostava de contratar homens competentes e caros, sempre achou que a experiência era mais importante. Meu pai foi sempre diferente, quando decidiu montar a metalúrgica, tratou logo de contratar três bons técnicos, investiu nessa gente bastante dinheiro, mas o resultado veio de imediato.

Quer dizer que então o senhor já era um homem muito rico, as fábricas funcionando a todo vapor, foi um período de bonança?

Bem, a partir daí, a nova novidade foi a entrada dos outros quatro filhos do velho para a sociedade. Como eu havia conseguido driblar bastante bem os dois primeiros, não tive mais receio em aceitar esses quatro restantes, eles me pareciam até mais fracos que os primeiros, com

exceção de um, o Matheus, que era o caçula. Esse era um rapazinho insinuante, vivo, inteligente, mas não muito dado ao trabalho. Apesar de eu sempre ter confiado nele, a Maria Isabel nunca o considerou confiável, no final pude verificar que ela tinha razão. Chegaram então os quatro, a atividade dos grupo dos filhos passou a ser a seguinte: o Luis passava o dia lendo jornal, limpando as unhas, isso em plena mesa de trabalho, falando ao telefone e coisas assim; o Alfredo fazia o livro-caixa que em seguida era passado à contabilidade para ser escriturado; o Humberto e o Américo eram totalmente incapazes de qualquer atividade, só atrapalhavam e mais nada; o Hugo se divertia muito vendo catálogos de automóveis; o único que passou a colaborar bastante, tendo assumindo o controle da fabricação de balanças e também todas as compras, tanto internas como de importação, foi o Matheus. Isso me trouxe um grande alívio.

Em 1941 o velho fez ver a necessidade de uma fábrica nova, a que estávamos ocupando tinha sete mil metros quadrados e estava pequena demais para tudo que já vínhamos fabricando. Fechamos negócio com uma área de cinquenta e um mil metros quadrados no alto da Mooca, de propriedade do doutor Fabio Prado, antigo prefeito de São Paulo. Compramos esse terreno por mil e novecentos contos de réis, pagáveis em dois anos sem juros, um belo negócio. O terreno tinha três frentes, uma principal com a Rua Sapucaia, outra com a Rua Arinaia e a outra com a Avenida Cassandoca. Passamos a ocupar vinte e cinco mil metros quadrados, a metade, e ficamos com outro tanto para possíveis ampliações. Em 1943 inauguramos a nova fábrica. Nessa nova fábrica passamos a produzir armários para cozinha. A Sears que acabou inaugurando as suas novas instalações no Paraíso em 1946, é que nos procurou para essa nova linha. Chegamos a fabricar uma linha completíssima desses armários.

E a famosa história do engenheiro?

Nesse mesmo ano de 1946 nós tivemos que contratar, pela primeira vez, um engenheiro mecânico. Contratamos o doutor Maximiliano Berlin, era polonês e um verdadeiro poliglota, falava inglês, francês, alemão, italiano, russo e a sua própria língua, o polonês. Homem fino, inteligente. Já nas primeiras férias viajou para a Europa e de lá trouxe uma instalação completa de decapagem toda mecanizada e mais outros equipamentos para a fabricação de fogões. Introduziu muita coisa boa na linha de produção dos fogões e aquecedores, além de ter conseguido rapidamente um belo aumento na nossa produção. Quatro anos mais tarde, em 1950, em um

desentendimento com um operário alagoano, acabou abatido nas próprias oficinas, com uma barra de ferro no crânio, morreu na hora. Nessa época sofremos vários transtornos.

Não foi nessa época que o senhor ficou doente?

Foi sim, no dia vinte e oito de agosto de 1950 saí da fábrica com febre e muita dor de cabeça. Fui para casa e me deitei certo de que era uma gripe forte. Três dias mais tarde estava instalada em mim a paralisia que me acompanha agora já há trinta e oito anos.

Fui hospitalizado em dois de setembro praticamente desenganado pelos médicos. Eram o doutor Carlos Gama, neurocirurgião e o Oswaldo Certain, meu amigo e clínico. Como bem se diz, ninguém morre de véspera e assim aconteceu comigo que aqui estou a caminho dos meus oitenta e um anos de idade e com uma excelente saúde. Vencida a fase aguda da doença, voltei para casa. Eu tive que contratar um enfermeiro para cuidar de mim, pois não tinha as condições de ir ao banheiro sozinho, fazer a barba, escovar os dentes. Estava totalmente paralisado. Com as facilidades que tinha na fábrica, mandei vir uma banheira. Instalei-me na sala de visitas da Rua Haddock Lobo. Mandei instalar uma extensão telefônica na cabeceira da cama. Comprei uma cama de hospital. A banheira foi deixada em baixo da escada e sobre umas roldanas, quando era para usar ela era levada para o quarto e a água quente era trazida do banheiro em cima com uma mangueira. Para que pudesse entrar na banheira mandei fazer uma armação com roldanas que tinha na parte de cima uma talha, que por sua vez elevava um pequeno banco no qual me sentava. Feito isso, o enfermeiro me suspendia com a talha e em seguida empurrava a armação comigo sentado para sobre a banheira e assim me abaixava dentro da água. Aí eu levantava, me segurando nas bordas, pois não tinha o menor equilíbrio. Ia aos poucos fazendo tudo o que podia para exercitar os músculos. Com o peso da água os movimentos ficavam muito mais leves. No dia em que consegui ficar trinta segundos em pé na banheira, sem precisar me apoiar em nada, foi uma vitória. E assim a coisa caminhava e tudo isso orientado por uma médica, a doutora Maria Elisa Bierrenbach Savoy. Quando chegamos ao natal de 1950, portanto quatro meses mais tarde, pedi ao enfermeiro que me acompanhasse até a mesa, pois desejava participar da ceia que a minha boa Maria Isabel havia preparado para toda a família. Com muito custo chegamos até a mesa e ao me largar, pois estava sendo segurado junto ao espaldar da cadeira, foi um susto geral, eu simplesmente caí com cara e tudo sobre os pratos, copos e tudo mais. Não tinha condições de ficar sentado. Pouco tempo depois, procurando sair da

cama para experimentar andar em uma paralela que mandara fazer na fábrica e na presença, entre outros, da Hilda e do Licínio que haviam chegado para nos visitar, dei uns dois passos e fui para o chão. Não é possível imaginar como essas passagens me deixavam deprimido, arrasado, mas, ao mesmo tempo, passados os primeiros momentos, me enchia de coragem novamente e tinha cada vez mais vontade de ficar, se não totalmente curado, ao menos com bastante independência. E foi o que realmente acabei conseguindo. Cheguei a poder guiar o meu carro novamente, a dançar, a subir, com o auxílio de bengalas, pequenas escadas. Deus foi muito bom para mim. Eu mandei construir uma piscina no quintal de casa e ali tive momentos muito divertidos e alegres com o acompanhamento das crianças. Se acontecia de chegarem da escola e eu estar nos meus exercícios, era aquela folia, punham todos os calções de banho e vinham fazer estripulias na piscina. Assim é preciso fazer sempre nesta vida, não adianta se revoltar. É preciso entender que qualquer um de nós está sujeito a essas coisas e o remédio é aceitá-las, ou melhor, saber aceitá-las e procurar tirar o máximo de proveito de tudo. Essa paralisia me trouxe muita coisa de bom. Felizmente, a não ser em certos momentos em que o negócio ficava mais duro, procurei sempre aceitar tudo do melhor modo possível, mas, não fosse a maneira hábil da boa Maria Isabel me tratar, me encorajando a cada pouco, nada disso eu teria conseguido. Quando comecei os exercícios, fazia o seguinte, me virava na cama, sempre com o enfermeiro ao lado, ficava de bruços e ia escorregando até o máximo a ponto de poder alcançar o chão com as mãos. Aí tirava as mãos da cama e rapidamente, para não bater o nariz no chão, as apoiava no chão. Começava a engatinhar, tal qual uma criança aprendendo a andar, chegava perto de uma cadeira de braços, passava a mão em um dos braços, procurava me levantar o máximo possível e rapidamente me virava para me sentar na cadeira. Era uma luta. Cada vez que conseguia um novo movimento, não imaginam o que sentia por dentro, que alegria.

Uma passagem que não posso deixar de registrar, pelo engraçado da coisa, foi a visita de meu amigo Lopes, da F. S. Lopes, que veio do Rio de Janeiro em companhia de nosso gerente da filial do Rio, o senhor Waldemar José Ribeiro. O Lopes era um imigrante português que chegou ao Brasil por volta de 1920 e foi ser motorneiro da Light. Trabalhador, econômico e muito vivo, pouco depois já estava estabelecido com o ramo de materiais para construção e em poucos anos já havia amealhado uma bela fortuna. Ao entrar no meu quarto, onde estava sentado na minha cama de hospital, explodiu numa exclamação em seu português de sotaque bem carregado, “oh

senhor Heise, que calamidade!”, chegou-se a mim, abraçou-me e muito comovido disse: “meu amigo, acho que se tal coisa viesse a acontecer comigo, não vacilaria em estourar os miolos”. Bela maneira de consolar um doente, hein?

E como ficou o trabalho na fábrica?

Quando já superada a fase aguda da doença, eu recebia diariamente, trazido por um *office boy*, um malote com correspondência, movimentos estatísticos e toda a sorte de controles que me interessavam para que pudesse continuar acompanhando o movimento todo da fábrica. Não posso deixar de contar que o medo que se apoderou de todos aqueles sócios foi tal, que, com exceção do velho pai, ninguém mais teve coragem de andar sozinho pelas oficinas. Perdoem-me a expressão, eram uns cagões.

Em março de 1951, portanto uns seis meses após ter adoecido, fui pela primeira vez na fábrica. O enfermeiro me acompanhou o tempo todo e só pude chegar até a minha cadeira no escritório. Após uma hora estava tão cansado que tive de voltar. Poucos dias depois, em uma noite em que nos visitavam o Edgard e a Emy, nós estávamos ouvindo um programa humorístico da PRK30, muito bom na época. Em um dado momento comecei a rir exageradamente a ponto de chamar a atenção de todos. O fato é que não era riso, e sim, dor, uma dor horrível, pois estava tendo um edema pulmonar. O Oswaldo que o diagnosticou. Tive então que ficar novamente de cama, em completo repouso, coisa que já estava começando a poder deixar de fazer.

No segundo semestre de 1951 comecei a ir mais vezes na fábrica. Tinha que me satisfazer com o escritório. Nessas ocasiões o pessoal fazia muita festa. Eu me lembro que nos sábados em que não havia expediente e as oficinas também não funcionavam, era grande o número de empregados e operários que me visitavam em casa, era uma verdadeira romaria. É interessante notar que, apesar de ter sido conhecido sempre como muito enérgico, o pessoal de modo geral me estimava. É que sempre procurei ser justo e também sempre respeitei os meus empregados. Nunca passei uma repreensão na presença de outros, sempre chamava à parte e dizia o que precisava dizer. Aprendi isso com o meu velho pai, que dizia sempre: “um empregado é um ser humano como qualquer um de nós, portanto, merece ser tratado com consideração e respeito”.

Em janeiro de 1952 fui avisado que o Luis havia mudado o horário da fábrica, o que, aliás, vinha funcionando perfeitamente bem. Abolira as 9,36 horas durante cinco dias e passou para 8 horas em seis dias, como antigamente. A coisa era assim, como se fosse um brinquedo,

uma coisa que funcionava bem era preciso mudar simplesmente porque não tinha nada mais a fazer. Resultado, revolta geral na fábrica. Uma das seções que mais se rebelou foi a Usinagem, com cento e quatorze homens. Trabalhavam a contrato, faziam a produção semanal com bastante folga e, portanto, não viam razão alguma para a mudança. Bem, a coisa estava ficando feia e era preciso mostrar autoridade. Estávamos começando a ter um bom prejuízo com aquela greve branca. Chamei o doutor Djalma Jordão, nosso advogado da área trabalhista e com ele montei o esquema para arrumarmos a casa. Começamos com advertências, em seguida suspensão de um dia, nada disso estava funcionando e a coisa continuava. Finalmente chegou o momento de se ter de aplicar uma suspensão de três dias, após a qual, caso persistisse a atitude deles, partiríamos a dispensa. No dia da suspensão por três dias, o velho Sergio se encontrava no escritório e ao ser informado, começou aos berros dizer que eu estava maluco, que no dia seguinte teríamos a fábrica toda parada. Ele estava apavorado com o que há um ano e meio antes tinha acontecido com o engenheiro Berlin. Sem dar maior atenção a ele fui assinando as cento e quatorze cartas de suspensão que deveriam ser entregues no final do expediente às quatro horas da tarde. Eram umas três e meia quando me puseram em uma cadeira com dois caibros por baixo e lá fomos para a oficina com a turma me carregando. Sabia que se mandasse entregar as cartas aos operários, sem uma satisfação, o que o Sergio imaginava realmente poderia acontecer. Fui à seção, mandei parar as máquinas e toda aquela gente acercou-se de mim, então, sentado mesmo, pois não tinha a menor condição de ficar em pé, fiz um discurso relatando o mais sucintamente possível o que vinha ocorrendo e pedindo a todos um exame de consciência e que daí a três dias voltariam todos dispostos a proceder de maneira acertada e acatar as ordens e com o meu compromisso de futuramente voltar a estudar o assunto. Tudo acabou na mais perfeita ordem. No dia seguinte às seis horas da manhã, horário de entrada do pessoal da fundição, comecei a telefonar para o departamento pessoal para saber como tudo caminhava, tudo em ordem, e assim foi até às sete horas quando todo o resto da fábrica estava trabalhando. Nessa ocasião disse ao velho que se não conseguisse mais me impor ao pessoal, não pisaria mais na fábrica. O que foi deprimente e vergonhoso nessa passagem foi o procedimento dos filhos, nenhum se quer teve a coragem de me acompanhar, apesar de eu me achar naquelas condições físicas, eram uns medrosos.

E a viagem aos Estados Unidos?

Em maio de 1952 embarcamos, Maria Isabel e eu, para os Estados Unidos, onde a conselho de meu bom amigo Ernesto Igel, fundador da Ultragás, fui tentar uma melhor recuperação no *Beleview Hospital* de Nova Iorque. Deixamos as crianças, o Hugo, o mais velho, estava com quatorze anos e a caçula Maria Cecília estava com seis anos, aos cuidados de dona Marianinha e também os cunhados Maria Heloísa e Homero que mais vezes iam visitá-los. Já estávamos instalados na nossa nova casa na Rua Fernandes Borges. A mamãe que pouco antes havia estado bem doente também estava morando com a gente, só que sem condições de poder auxiliar em nada, pelo contrário, necessitava de duas enfermeiras, uma para o dia e outra para a noite, pois ou estava deitada ou em uma cadeira de rodas. Nós fomos e voltamos por mar. Chegamos a Nova Iorque e já no dia seguinte estava eu no hospital para uma entrevista com o doutor Rusk, diretor do hospital. Após detido exame achou que eu tinha boas chances de recuperação e afastou a necessidade de qualquer cirurgia. Isso me deixou bastante animado. Fui usando duas bengalas canadenses e voltei usando somente uma bengala dessas tradicionais. Como sempre, fomos muito comedidos, nos instalamos em um pequeno hotel na Rua 38, chamado Town House. Pelas minhas posses, na época, poderíamos muito bem ter ido para o Waldorf Astoria ou outro semelhante de maior gabarito, acontece que nunca demos valor a esses luxos. Sempre gostamos da simplicidade.

Em dezembro, após uma viagem de Nova Iorque até a costa leste, voltamos para o Brasil. Tivemos uma bonita recepção. No Rio, por iniciativa de nosso gerente Waldemar, foi mandado rezar uma missa em ação de graças pelo nosso feliz retorno e pelo progresso obtido por mim com o tratamento. Em Santos estava toda a família. Eles haviam alugado um ônibus e lá foram o doutor Carlos, a dona Marianinha, o Homero e os nossos sete filhos. Também foram os amigos, os mesmos que haviam estado no bota fora. Almoçamos todos no Jangadeiro, um ótimo restaurante na ponta da praia e, de tarde, após uma subida de serra muito divertida, estava novamente em nossa casa na Fernandes Borges.

E por que o senhor saiu da fábrica?

Bom, um dia foi me visitar em casa o meu bom amigo Eulálio Vidigal Pontes que era um gênio em finanças. Ele me mostrou por a mais b todas as vantagens que poderiam advir com a abertura de capital da firma, que viria trazer grandes possibilidades de expansão da indústria e, sobretudo, a modernização das instalações e maquinários. E olhe que nessa época nós

produzíamos dezesseis mil fogões por mês. Concluí que a idéia era realmente excepcional. Fiz os estudos para tal. Seria criado um conselho consultivo que absorveria quase a totalidade da então diretoria, os filhos do Sergio e eu formaríamos a diretoria executiva. Como acionista minoritário convoquei uma reunião para expor a idéia, mas conhecendo como conhecia a mentalidade da maioria, meu entusiasmo inicial estava começando a diminuir. Dito e feito, não deu outra. A razão sábia para a recusa foi: “isto aqui é Sergio e assim será por todo o sempre!”. Sem comentários.

Acabei me retirando em fins de 1961, após trinta anos de trabalho como diretor superintendente. Meu clínico disse: “se quiser continuar vivendo, larga isso imediatamente ou não escapará de um enfarte. Trabalho não mata ninguém, mas contrariedades sim”.

Ficaram com a responsabilidade de dirigir a indústria os seis filhos de Carmine Sergio. Em fins de 1967, portanto seis anos após a minha saída, requereram concordata e em seguida acabou numa falência total daquilo que havia sido um império. Nem se quer a marca Cosmopolita, com renome nacional, tido como o melhor fogão da época, se salvou. Pobre de meu saudoso amigo Carmine Sergio. Se pudesse ver o que aconteceu com aquilo que sempre foi a razão de sua vida.

Hoje, aos oitenta e um anos de idade, casado há cinquenta e dois anos com minha querida esposa Maria Isabel, meus filhos, netos e bisnetos, me considero o mais feliz dos homens, lendo diariamente o “Estadão” com suas agradáveis notícias, principalmente sobre política.

Agora, se me der licença eu preciso descansar.

Claro, muito obrigado pela conversa.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: Um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

ALMEIDA, Milton José de. *Cinema Arte da Memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. Organizadoras: Helena Carvalho De Lorenzo e Wilma Peres da Costa. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

ANDREW, J. Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov em Walter Benjamin, Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas volume 1*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARONE, Edgard. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CITRON, Michelle. *Home Movies and other necessary fictions*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

CLAIR, Rene. *Reflexiones sobre el CINE: notas para la historia del arte cinematografico 1920-1950*. Madrid: Artola, 1955.

ELETROPAULO – ELETRICIDADE DE SÃO PAULO. SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO. DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO & SÃO PAULO

(CIDADE) SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *Evolução urbana da cidade de São Paulo. Estruturação de uma cidade industrial: 1872-1945*. Coord. Maria Lúcia P. F. Passos. São Paulo: ELETROPAULO, 1989.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Sétima Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Coordenador geral da coleção: Fernando A. Novais; Organizador do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. - 26 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Frederic. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1995.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Le film de famille: usage privé, usage public. Sous la direction de Roger Odin. Paris: Meridiens Klincksieck, 1995.

LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-História em A escrita da História: novas perspectivas*, Peter Burke (org), São Paulo: Editora Unesp, 1992.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*. – 5 edição - São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

MUSA, João Luiz. *São Paulo, anos 20: andar, vagar, perder-se*. João Luiz Musa, Evandro Carlos Jardim, Ricardo Mendes; texto em inglês Terêncio E. Hill. São Paulo: Melhoramentos de São Paulo Livrarias, 2003.

PEIXOTO, Mário. *Escritos sobre cinema*. Organização e comentários Saulo Pereira de Mello. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

PORTO, Antônio Rodrigues. *História Urbanística da cidade de São Paulo (1554 a 1988)*. São Paulo: Carthago & Forte Editoras Associadas Ltda, 1992.

ROSENFELD, Anatol. *Cinema: Arte & Indústria*. Pesquisa e coordenação Nanci Fernandes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SOUZA, Okky de. *São Paulo anos luz*. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.